UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DOUTORADO EM PSICOLOGIA

REBECA VALADÃO BUSSINGER

"SOMOS ENSINADOS A PENSAR EM SEXO": Representações Sociais de Masculinidades e de Amor em Travestis, Homens *Gays* e Homens Heterossexuais

VITÓRIA

2013

REBECA VALADÃO BUSSINGER

"SOMOS ENSINADOS A PENSAR EM SEXO": Representações Sociais de Masculinidades e de Amor em Travestis, Homens *Gays* e Homens Heterossexuais

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Psicologia

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria Cristina Smith Menandro.

VITÓRIA

2013

Dedico esta tese às lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais que vivem, lutam e amam neste país.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

É menina, o que eu posso falar de mim?Que nem você viu aí: eu sou uma pessoa, uma puta de rua entendeu! (E8)

É curioso voltar no tempo e observar como em quatro anos tanta coisa muda, tanta vida se modifica. Foi longo, cuidadoso e delicadamente construído o caminho que me levou até todas e todos participantes da pesquisa desta tese. Antes, as dúvidas sobre se muitas das participantes que colaboraram na construção deste trabalho topariam esta empreitada. Agora, a certeza de que fiz novas amigas, pessoas com quem também posso contar. Meu agradecimento especial a todas as travestis que emprestaram suas vidas e suas vozes à realização deste trabalho. Com vocês, reaprendi a graça de ser mulher.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas, organizações e entidades participaram da construção deste trabalho. Com vocês compartilho a alegria de tê-los encontrado e de ter podido realizar esta tese.

À minha orientadora Prof.ª Dr.ª Maria Cristina Smith Menandro pela acolhida, ousadia, e por ter depositado confiança nesta parceria.

Ao professor Lídio de Souza (*in memoriam)* que com tranquilidade e atenção deixou suas marcas em muitas pesquisas de muitas alunas e alunos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo.

Aos professores Zeide Araújo Trindade, Paulo Rogério Meira Menandro, Valeschka Martins Guerra pelas preciosas sugestões a este trabalho. Às professoras Edinete Maria Rosa e Célia Regina Rangel Nascimento pelo convite a estudos e pesquisas.

À Maria Lúcia Fajóli, secretária do PPGP, por sempre nos receber tão bem e de maneira tão disponível e disposta a ajudar.

Aos colegas da Rede de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social pela solidariedade. Aos colegas mestrandos e doutorandos da turma iniciada em 2009 pelo companheirismo.

A Isadora Lee Padilha Ferri, parceira séria e responsável no Programa Institucional de Iniciação Científica e grande colaboradora desta tese.

À CAPES, pela bolsa concedida, importante apoio para realização da pesquisa de doutoramento.

À Anderson Pestana, sempre militante, pessoa que organizou e acompanhou boa parte das estratégias para a coleta de dados desta tese. Esteve comigo na realização de entrevistas, questionários, reuniões, encontros em sábados, domingos e feriados, durante manhãs, tardes, noites e madrugadas. A você que começou a trabalhar junto quando esta tese ainda era apenas uma intenção e um desejo, meu muito obrigado.

Ao apoio recebido da Associação de Gays do Espírito Santo, Associação Capixaba de Redução de Danos, Associação de Travestis do Espírito Santo, Fórum Estadual em defesa dos Direitos de LGBT, Fórum Municipal LGBT de Serra, Caos@ção e Conselho Regional de Psicologia.

Aos colegas e colaboradores: Deborah Sabará, Vanilly Borghi, Edna Mara, Margareth, Lídia Campos, Mateus Pedrini, Viviane Vaz Castro, Alexsandro Rodrigues, Toninho Lopes, Cléber, Christovám Mendonça, Tiago Mello, Diego Herzog Peruch, Rafael Amaral, Layza di Castro, Aubrey Effgen, Will Sartori, Gean Carlos, Luiz Cláudio Kleaim, Paulo Gois Bastos, Pablo Fuci.

A profª Elda Alvarenga e demais colegas e alunos do curso de Pedagogia da Faculdade Estácio de Sá de Vila Velha.

Aos meus amigos, por estarem presentes em tantos e importantes momentos da minha vida: Naná, Anderson, Léo, Sílvia, Simone, Cris, Miriam, Arlindo, Lucas, Wagner, Iure, Fabiana.

À Carlos Bao, por ter cedido sua casa, sua mesa e seu café em muitos momentos para escrita desta tese. Com habilidade e disponibilidade confeccionou todas as figuras deste trabalho. Nós dois sabemos o quanto me acalmou e me ajudou em momentos de “tantos apuros”!

Aos meus familiares, especialmente, meu pai Pedro e minha mãe Vanda e minha irmã Domitila: amo muitos vocês!

À Gabi Boldrini, pelo apoio na finalização deste trabalho. Tem sido maravilhoso dividir minha vida com você.

“Orlando transformara-se em mulher – não há que negar.
Mas, em tudo o mais, continuava precisamente o que tinha sido.
A mudança de sexo, embora alterando o seu futuro, nada alterava de sua identidade.
Seu rosto permanecia, como o provam os retratos, praticamente o mesmo.
Sua memória podia remontar através de todos os acontecimentos da vida passada, sem encontrar nenhum obstáculo. [...]
A mudança parecia ter-se produzido sem sofrimento, e completa, e de tal modo que o próprio Orlando parecia não a estranhar.
Muita gente, à vista disso, e sustentando que a mudança de sexo é contra a natureza, esforçou-se em provar, primeiro: que Orlando sempre tinha sido mulher; segundo: que Orlando é, neste momento, homem.
Decidam-no biólogos e psicólogos. A nós, basta-nos expor o simples fato; Orlando foi homem até os trinta anos; nessa ocasião, tornou-se mulher, e assim ficou daí por diante.”

(Orlando - Virginia Woolf)

RESUMO

Bussinger, R. V. (2013). "*Somos ensinados a pensar em sexo"*: Representações Sociais de Masculinidades e de Amor em Travestis Homens *Gays* e Homens Heterossexuais. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES.

Estudos realizados no campo das masculinidades mostraram que a adesão e identificação de determinados grupos a um conjunto de regras e comportamentos que definem o ser homem implicava em adoecimento e submissão a um regime que supostamente lhes oferece vantagens e poder. Compreender como diferentes grupos constituem-se em relação à divisão social sexual torna-se relevante principalmente se considerarmos sujeitos que fogem ao padrão que define modos de ser homem e ser mulher. Esta tese objetivou investigar as representações sociais de masculinidades e de amor de sujeitos com identidades de gênero e orientações sexuais diversas, especificamente: identificar e analisar representações sociais de masculinidade e amor de travestis, homens *gays* e homens heterossexuais; apreender experiências de preconceito e discriminação vividas em função da identidade de gênero e orientações sexuais. A pesquisa foi realizada em duas etapas: entrevistas semiestruturadas com 21 travestis; aplicação de questionários com questões abertas e fechadas em 52 homens *gays*, 40 homens heterossexuais e 39 travestis. Os dados coletados na primeira etapa foram submetidos aos procedimentos da análise de conteúdo categorial temática. O tratamento dos dados coletados na segunda etapa foi realizado através do *software* ALCESTE. Os homens heterossexuais representam a masculinidade a partir de uma perspectiva evolutiva, ancorada no discurso biológico e científico que descarta as influências da cultura na constituição dos sexos e identidades de gênero. Nos homens *gays* encontramos aproximações das representações dos sujeitos ao modelo da masculinidade hegemônica fortemente identificada à imagem do homem heterossexual, bem como elementos que ora apresentam aproximações, ora distanciamentos desse padrão. As travestis também utilizam elementos da ideia de masculinidade hegemônica para construção desta representação, objetivando-a na construção do modelo do homem forte e viril, sobre o qual não se identificam mas direcionam seu desejo. Os três grupos representam o amor como elemento estranho à masculinidade, posto que este é objeto que pertence à feminilidade. O amor distancia-se da construção da representação social de masculinidade de homens heterossexuais, é elemento estranho e conflituoso às representações dos homens *gays* e valor que corresponde a uma ética para o grupo de travestis. Nesse contexto, as experiências de preconceito e discriminação pouco modificam a elaboração das representações de heterossexuais; influenciam fortemente a construção da imagem de homem e mulher por onde homens *gays* e travestis alimentam suas identificações. Concluímos apostando na defesa da emergência de práticas e identidades sexo-

diversas como artifícios potentes à desestabilização do padrão da dominação masculina para determinação de sexos e identidades.

Palavras-chave: Representações Sociais, masculinidades, amor, gênero, identidades.

ABSTRACT

Bussinger, R. V. (2013). "We are taught to think about sex": masculinity and love in travestis, gay men and heterossexual men. PhD. Thesis, Post Graduation Psychology Program, Federal University of Espírito Santo, Vitória/ES.

Accomplished researches in male's zone showed that certain groups' accession and identification to some set of rules and behaviors, that define the human being, implies illness and submission to a regime that supposedly offer them advantages and power. Understand how different groups constitute themselves, concerning the sexual social division, become relevant, especially if we consider subjects that don't obey the pattern that defines men and women's behavior. This thesis looked for investigate love between individuals with different gender identity and sexual orientation, and male's social representation, specifically: identify and analyze love between *travestis*, gay men and heterosexual men; capture prejudice and discrimination experiences lived due to gender identity and sexual orientation. The research was accomplished in two steps: semi structured interviews with 21 *travestis*; questionnaires, with open and closed questions, to 52 gay men, 40 heterosexual men and to 39 *travesti*s. The collected data, on the first, round were submitted to the categorical thematic content analysis procedure. The collected data of the second round were made on the ALCESTE software. Heterosexual men represent masculinity from a evolutionary perspective, based on the biological and scientific point of view, that discards culture influences on the identity and sexual gender constitution. On the gay men we found approaches of the subjects representations to the hegemonic masculinity, tightly identified to the heterosexual men's image, as well as the elements that now bring out approaches, sometimes detachment of that pattern. The *travesti*s also utilize elements of the hegemonic masculinity's idea to construct that representation, basing it on the construction of strong and manly men's model, whereupon don't identified themselves, but direct their desire. The three groups represent love as an element that is strange to masculinity, since that this is the object that belongs to the femininity. Love distances itself from the construction of heterosexual men's social representation; it's an weird and rowdy element to the gay men's representation and value which corresponds to an ethics to the *travestis*'s group. In this sense, the prejudice and discriminations experiences almost don't change the preparation of heterosexual's representation; strongly influence the construction of men and women's image, wherein gay men and *travestis* foster their identification. We conclude betting on the defense of practices and gender-diverse identities emergency as a potent device to the destabilization of male's domination pattern to sex and identity determination.

Key-words: Social Representations, masculinity, love, gender, identity.

RÉSUMÉ

Bussinger, R. V. (2013). “On nous apprend à penser en sex": les représentations sociales de la masculinité et l'amour dans travestis, homosexuels et hétérosexuels hommes. Thèse de Doctorat, Programme de Spécialization en Psychologie, Université Fédérale de l’Espírito Santo, Vitória/ES.

Études dans le domaine des masculinités ont montré que l'adhésion et l'identification de certains groupes à un ensemble de règles et de comportements qui définissent étant un homme impliqué dans la maladie et la soumission à un régime qui offre soi-disant des avantages et du pouvoir . Comprendre comment les différents groupes sont en relation avec la division sociale sexuelle devient particulièrement pertinent dans le cas des sujets qui s’écartent de la norme qui définit les manières d'être un homme et une femme . Cette thèse vise à étudier les représentations sociales de la masculinité et de l'amour des sujets qui ont des identités de genre et des orientations sexuelles différentes , en particulier pour identifier et analyser les représentations sociales de la masculinité et de l’amour des travestis , des hommes homosexuels et des hommes hétérosexuels et les expériences de préjugé et discrimination dont ils sont victimes sur la base de l'identité de genre et de l'orientation sexuelle . La recherche a été menée en deux étapes : des entretiens semi-structurés avec 21 travestis; des questionnaires avec des questions ouvertes et fermées avec 52 hommes homosexuels, 40 hommes hétérosexuels et 39 travestis . Les données recueillies dans la première étape ont été soumis aux procédures d'analyse thématique de contenu par catégories. Les données recueillies dans la deuxième étape ont été traitées en utilisant le logiciel Alceste . Les hommes hétérosexuels représentent la masculinité dans une perspective évolutive , ancrée dans le discours biologique et scientifique qui rejette l' influence de la culture dans la constitution des sexes et des identités de genre. Chez les hommes gais nous trouvons des approches des représentations des sujets au modèle de masculinité hégémonique fortement identifié à l'image de l' homme hétérosexuel, ainsi que des éléments qui parfois s’approchent e parfois s'éloignent de cette tendance. Les travestis utilisent également des éléments de l'idée de la masculinité hégémonique dans la construction de cette représentation , visant à la construction du modèle de l'homme fort et viril, auquel elles ne sont pas identifiés , mais dirigent son désir. Les trois groupes représentent l'amour comme élément étrange de la masculinité , puisque c'est um objet qui appartient à la féminité. L’amour s'éloigne de la construction des représentations sociales de la masculinité chez les hommes hétérosexuels, il est un élément étrange et contradictoire chez les hommes gais, et un valeur qui correspond à une éthique pour le groupe de travestis . Dans ce contexte, les expériences de préjugé et de discrimination modifient peu l'évolution des représentations des hétérosexuels ; influencient fortement la construction de l'image de l'homme et de la femme où les hommes homosexuels et les travestis nourrissent leurs papiers d'identité. Nous concluons en investissant dans la défense des pratiques et des identités sexe-diverses comme dispositifs puissants pour la déstabilisation de la

norme de domination masculine dans la détermination des sexes et des identités.

Mots-clés: représentations sociales , la masculinité , l'amour, l'identité de genre.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:

Descrição dos temas e subtemas encontrados nas tematizações.....75

Quadro 2:

Informações sobre idade e escolaridade dos participantes 80

Quadro 3:

Organização geral da tese 81

LISTA DE FIGURAS

Figura I: Disposição das classes e apresentação das palavras mais significativas de cada classe referente ao banco *ser homem* e *ser mulher* de homens heterossexuais..... 132

Figura II: Disposição das classes e apresentação das palavras mais significativas de cada classe referente ao banco *amor* e *sexo* de homens heterossexuais..... 138

Figura III : Projeção das palavras analisadas e das variáveis – análise de correspondência do banco "amor e sexo" de homens heterossexuais..... 142

Figura IV: Disposição das classes e apresentação das palavras mais significativas de cada classe referente ao banco *ser homem* e *ser mulher* de homens *gays*..... 144

Figura V: Projeção das palavras analisadas e das variáveis – análise de correspondência do banco *ser homem ser mulher* de homens *gays*.....148

Figura VI: Disposição das classes e apresentação das palavras mais significativas de cada classe referente ao banco *amor* e *sexo* de homens *gays*.....149

Figura VII: Projeção das palavras analisadas e das variáveis – análise de correspondência do banco *amor* e *sexo* de homens *gays*..... 155

Figura VIII: Disposição das classes e apresentação das palavras mais significativas de cada classe referente ao banco sobre preconceito e discriminação de homens *gays*.....156

Figura IX: Disposição das classes e apresentação das palavras mais significativas de cada classe referente ao banco *ser homem* e *ser mulher* de travestis.....161

Figura X: Disposição das classes e apresentação das palavras mais significativas de cada classe referente ao banco *amor* e *sexo* de travestis..... 166

Figura XI: Disposição das classes e apresentação das palavras mais significativas de cada classe.....169

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 18

Organização da Tese 22

CAPÍTULO 1 25

1.0 - Introdução 25

1.1 – O que é o gênero? 27

1.2 – Sexualidades, homossexualidades e heterossexualidades 32

1.3 – Homens, masculinidades e homofobia 38

1.4 – As travestis e as travestilidades: identidades e gêneros em mudança....42

1.5 – A inclusão do amor nos estudos sobre masculinidades 57

1.6 – A Teoria das Representações Sociais 61

CAPÍTULO 2 69

2.0 – As Dimensões do Método 69

2.1 – Primeira Etapa: masculinidade e amor para travestis 69

2.1.1 – Participantes 69

2.1.2 – Instrumento de coleta de dados 70

2.1.3 – Procedimentos utilizados para coleta de dados 70

2.1.4 – Procedimentos para análise de dados 72

2.2 – Segunda Etapa: masculinidade e amor para travestis, gays e homens heterossexuais 75

2.2.1 – Participantes 75

2.2.2 – Instrumento de coleta de dados 75

2.2.3 – Procedimentos utilizados para coleta de dados 78

2.2.4 – Procedimentos para análise de dados 80

CAPÍTULO 3 83

Somos todos modernos 83

Travestis: quem são, onde estão e o que fazem 93

Sou travesti: tenho direito de ser quem eu sou 95

O trabalho e a prostituição ou a prostituição como trabalho 98

De *boyzinhos* a gays montadas a travestis siliconadas 103

Composição e relacionamento familiar 109

O preconceito e suas manifestações 112

Masculinidade e feminilidade no jogo de espelhos do amor 115

Ethos e Eros 120

CAPÍTULO 4 128

O crime, o riso e o fetiche da violência 128

Homens Heterossexuais 132

A - “Ser Homem”, “Ser Mulher” 132

B – “Amor e Sexo” 138

Homens Gays 143

A - “Ser Homem”, “Ser Mulher” 143

B – “Amor e Sexo” 148

C – “Discriminação e Preconceito” 155

Travestis 160

A - “Ser Homem”, “Ser Mulher” 160

B – “Amor e Sexo” 165

C – “Discriminação e Preconceito” 167

Sobre cognição, binarismo e pensamento social 172

CAPÍTULO 5 180

Discussão

Flores Raras e Banalíssimas 180

BIBLIOGRAFIA 189

APÊNDICE 203

Apêndice I 203

Apêndice II 204

Apêndice III 205

Apêndice IV..... 206

APRESENTAÇÃO

Revolução. Cumpre agora explicar a escolha dessa palavra para descrever os fatos e acontecimentos ocorridos nos últimos quatro anos em função da realização desta tese. Ainda antes da entrada no Programa de Doutorado da Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo trabalhava como assessora de programas de assistência social na Prefeitura de Vitória[1]. Na ocasião, um dos meus interesses em pesquisa era desenvolver uma metodologia para trabalho com famílias. De acordo com a Política Nacional de Assistência Social (PNAS) a família é o núcleo para onde devem convergir os investimentos financeiros e técnicos do trabalho social, a fim de fortalecer as relações e as condições da família a uma vida emancipada socialmente também a partir do reconhecimento e fortalecimento das relações entre seus membros.

Uma questão recorrente entre os profissionais de Psicologia que atuavam na Assistência era a de "*como intervir?"*, ou seja, pautava-se pelo questionamento dos limites da Psicologia enquanto profissão e pelo questionamento ético dos profissionais de Psicologia sobre como e de que forma intervir em contextos complexos. Não vamos discutir aqui as situações, cotidianas e desafiadoras, vivenciadas pelo psicólogo que atua na Assistência Social, mas uma expressão que pode definir essas experiências é *navalha na carne.* O sentimento é de nunca estar pronto, de que não há planejamento, agenda, programação de atendimentos e visitas que seja suficiente. O trabalho social surpreende e angustia sempre. Assim,

[1]O trabalho na Assistência Social iniciou-se em 2005 e findou em 2011, já pela escolha de maior dedicação às pesquisas iniciadas no doutorado e especialmente pelas especificidades das demandas apontadas pelo trabalho em campo.

questionávamos: *Estamos preparados para o trabalho social? Como os cursos de graduação em Psicologia tem se implicado e formado profissionais para este novo e rico campo denominado Assistência Social? De quais recursos técnicos dispomos para intervenção?*[2]

Como atuava como coordenadora e assessora de programas de acolhimento para crianças e adolescentes com direitos violados, fui convidada a compor a equipe que iria fazer um mapeamento dos pontos de exploração e comércio sexual de crianças e adolescentes na cidade de Vitória[3]. Ainda que a expressão seja demasiado informal, mas estar na rua durante dias e noites, observando e identificando as nuances do comércio sexual envolvendo crianças e adolescentes foi *outra paulada.*

De tudo o que foi vivenciado durante o tempo em que durou o trabalho com a equipe de combate à exploração sexual e comercial de crianças e adolescentes, conhecer a realidade de travestis adolescentes que se prostituem foi, sem dúvida, a mais marcante[4]. Agora, então, formulava um segundo problema para pesquisa de doutorado, não mais motivada por desenvolver uma metodologia para trabalho social com famílias. A afinidade com o campo de estudos das masculinidades surgiu desde a graduação em Psicologia, mas até que pudesse decidir por estudar a relação entre a vida de travestis e o campo de estudos das masculinidades ou por

[2]Parte dessa angústia foi dissipada durante o próprio doutorado, quando formamos um grupo de pesquisa com psicólogos que já haviam atuado na Assistência e compartilhavam dessas mesmas questões. O grupo de pesquisa trabalha o tema "Representações Sociais de família para psicólogos que atuam na Assistência Social" é coordenado pela Prof.ª Dr.ª Célia Regina Rangel Nascimento. A pesquisa ainda está em andamento, mas tem parte de seus resultados publicados nos anais da VII Jornada Internacional e V Conferência Brasileira sobre Representações Sociais ocorrida em Vitória/ES no período de 24 a 27 de julho de 2011.

[3]O Capítulo 2 desta tese detalhará esses eventos.

[4]As questões e os sentimentos vivenciados com esta experiência também serão detalhados no Capítulo 2.

desenvolver uma metodologia para o trabalho com famílias se passou mais de um ano[5].

Podemos agora retomar a escolha da palavra “revolução”, conforme consta no início desta apresentação, para justificar a escolha do tema desta tese. Sem dúvidas, trabalhar com travestis e masculinidades significou não apenas o abandono de uma trajetória de trabalho com famílias e na Assistência Social que se constituía desde 2005. Ainda que possa parecer estranho, ouso dizer que a escolha pelo tema desta tese também significou uma revolução identitária.

Cabe ressaltar que trabalhar com as questões da “diversidade sexual” (como pesquisadora e/ou militante) tornou-se particularmente interessante neste momento atual, em que muitas discussões, embates, conquistas e retrocessos que envolvem os direitos de Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis e Transexuais tem se dado nos espaços públicos e sob forte influência de políticos fundamentalistas religiosos.

Sobre esse aspecto refletimos acerca do compromisso ético-político que este tema requer do pesquisador, em parte por considerar a perseguição moral infligida aos homossexuais ao longo da história, incluso a história brasileira, o que gerou e gera uma série de agressões e violações em seus direitos. Para trabalhar em pesquisa sobre um terreno tão delicado, pois são muitas e ricas as práticas sexuais e afetivas que podem ser vividas por um coletivo de pessoas, foi fundamental o encontro com uma professora orientadora corajosa, ousada, decidida por apostar na importância de estudos com estes grupos.

---

[5] O trabalho de mapeamento se iniciou em 2007, e a entrada no doutorado ocorreu em 2009. Durante este tempo foram realizadas pesquisas acerca do tema acolhimento familiar com a equipe do Programa Família Acolhedora apresentadas em eventos científicos. Para maior detalhamento, conferir o currículo *lattes* no endereço: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4718921T7 .

A realização desta tese, a participação no Fórum Estadual LGBT desde 2009 como representante do Conselho Regional de Psicologia/ES, novas pesquisas[6], a atuação como docente responsável por disciplinas de pesquisa em um curso de Pedagogia[7], em todas as atividades realizadas atualmente: a pauta pesquisa e diversidade sexual está sempre presente. Mas não é só isso. A realização dos estudos desta tese, além de despertar um compromisso ético-político de profissional e pesquisadora, não esconde outra realidade, a de que realmente *amo as bichas.*

[6]Encerramos em agosto de 2013 um projeto de pesquisa no âmbito no Programa Institucional de Iniciação Científica com o tema "Representações Sociais de Masculinidades e amor de mulheres lésbicas e heterossexuais".
[7]Faculdade Estácio de Sá de Vila Velha/ES.

ORGANIZAÇÃO DA TESE

A partir dos acontecimentos relatados na seção anterior o objetivo geral definido e trabalhado nesta tese consistiu em investigar as representações sociais de masculinidades e de amor de sujeitos com orientações, práticas e identidades sexo-diversas, sendo a masculinidade o objeto de estudo desta tese, cuja definição fundamenta-se pelo seu valor teórico e heurístico, conforme será verificado em seguida na introdução deste trabalho.

Inicialmente, a pesquisa restringir-se-ia ao grupo de travestis. Entretanto, com o amadurecimento das questões teóricas e metodológicas referentes à construção desse trabalho decidimos inserir novos grupos para investigação (homens *gays* e heterossexuais) a fim de ampliarmos o escopo de análise do objetivo geral destrinchando-o em dois momentos de coleta e análise de dados contidos nesta tese.

No primeiro capítulo, **Introdução,** apresentamos uma revisão teórica do tema, considerando como eixos as categorias analíticas e referenciais teóricos: gênero, masculinidades, amor, Teoria das Representações Sociais, e estudos sobre *gays* e travestis. A introdução, portanto, delineia os eixos teóricos que circunscrevem a pesquisa realizada e considera a importância singular dos trabalhos de alguns teóricos e teóricos relacionados ao tema.

No segundo capítulo, apresenta-se a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, especificando os objetivos da pesquisa, as características principais das e dos participantes, as estratégias utilizadas para a coleta de dados, os instrumentos utilizados e os procedimentos para análise e interpretação dos mesmos.

Em seguida, constam os capítulos que apresentam e caracterizam o conjunto de dados da pesquisa realizada para esta tese. Optamos por escrevê-los separadamente, por considerarmos a peculiaridade que envolveu a coleta, análise e interpretação dos resultados de cada grupo. Enquanto realizávamos as entrevistas com as travestis também pesquisamos um pequeno grupo de homens *gays* e travestis a partir da aplicação de questionários, considerando os mesmos objetivos definidos para investigação nesta tese: as representações sociais de masculinidades e de amor.

Buscamos, portanto, ampliar o volume de informações para interpretação e análise acerca do objeto de pesquisa. Avaliamos que esta experiência mostrou-se valiosa ao fomentar novos questionamentos à investigação em masculinidade, tal como a inclusão de questões sobre preconceito e discriminação nos instrumentos de pesquisa. Assim, redimensionamos a proposta inicialmente executada e ampliamos a coleta de dados desta tese a partir não só da realização de entrevistas com travestis, mas de aplicação de questionários em grupos de homens *gays,* travestis e homens heterossexuais.

Nesse sentido, no terceiro capítulo[8] intitulado "**Ensaios para uma ética do amor e do desejo"** está o primeiro conjunto de dados da pesquisa. Procurou-se identificar as representações sociais de masculinidade e amor de travestis. Focamos, para este momento, na realização de entrevistas e utilizamos a análise de conteúdo tal como proposta por Bardin (2009) para tratamento dos dados.

No quarto capítulo cujo título é "**Os efeitos do binarismo nas estruturas cognitivas e na construção do pensamento social dos *filhos da injúria",***

[8]Optamos por não detalhar nesta apresentação as estratégias metodológicas e as características dos sujeitos participantes das pesquisas. Tais aspectos se esclarecerão com a leitura dos capítulos.

apresentamos o conjunto de dados levantados entre homens *gays*, homens heterossexuais e travestis. Utilizamos questionário para a coleta e o *software* ALCESTE para auxílio na análise dos dados textuais.

Por fim, no quinto capítulo realiza-se uma discussão que procura integrar os dois conjuntos de dados da pesquisa à qual seguem as considerações finais. Este capítulo sintetiza e articula as principais idéias dos resultados encontrados e propõe reflexões características para o fechamento da tese.

CAPÍTULO 1

Introdução

O texto a seguir tem como objetivo apresentar a sistematização dos principais aspectos teóricos e epistemológicos que compuseram a raiz metodológica dos estudos desenvolvidos. Delineamos, para a revisão teórica que será apresentada, os principais eixos (ou categorias fenomenológicas) que interpelam os estudos sobre gênero e sexualidade. Assim, pela utilização dos termos "gênero" e "sexualidade", também localizamos o campo de pesquisas no qual estes estudos se inserem, quer seja o de contribuir para o debate e a produção do conhecimento sobre grupos e indivíduos que possuem práticas – afetivas, sexuais, identitárias – incomuns se avaliadas a partir de um padrão heteronormativo[9] para entendimento dos gêneros e sexualidades.

Dessa forma, acreditamos que os tópicos desta seção concatenam os principais aspectos encontrados em produções de teóricos, nacionais e internacionais, incorporados aos estudos do(s) tema(s) supracitado. São eles: gênero, sexualidade, masculinidade, homofobia, homossexualidade, amor e representações sociais.

Se a teoria das Representações Sociais oferece o aparato teórico e metodológico empreendidos na realização da pesquisa, cumpre considerar que a questão levantada nos resultados encontrados refere-se ao questionamento da heterossexualidade como ideal social cujos elementos afetivos, cognitivos e de comportamento devem ser rigorosamente seguidos. Essa afirmação encontra

[9] Por heteronormativo compreendemos a imposição cultural que prediz como adequada a correspondência entre sexo biológico macho, orientação sexual heterossexual e identidade de gênero que se constitui a partir de certos valores e práticas que constituem o "ser homem", ressaltando de forma até estereotipada estes valores e práticas.

respaldo, por exemplo, na atual configuração política do Brasil, onde um fundamentalismo religioso e cristão, vulgarmente chamado de “evangélico”, cerca agressivamente os homossexuais e as homossexualidades a partir de uma intensa repressão (teológica?) das práticas e identidades sexo-diversas.

Desta forma, questões como a secularidade e laicidade do Estado tem sido mote de luta e afirmação dos movimentos sociais LGBT[10] como também amplamente discutidas em espaços acadêmicos e de gestão e negociação democrática. Ainda que a discussão de um (im) possível Estado laico não seja objetivo deste trabalho, chamamos a atenção às multi conexões ideológicas e conceituais que se sobrepõem aos estudos em gêneros e sexualidades.

Ofertar elementos para reflexão científica, participar da formação de campos de saber, rever e reviver verdades antes anunciadas são as expectativas criadas para realização de qualquer pesquisa. Tornar o produto do trabalho de nós pesquisadores em ciências humanas em matéria, ou seja, objeto que se funde e ganha sentido às experiências cotidianas, modificando-as, tem sido nosso desafio.

No caso específico desta tese, partiremos do pressuposto de que é verdade que temos um gênero. Este ou isto nos é dado de nascença e reconhecido juridicamente. Funciona como artefato primordial para nos reconhecermos num mundo de diferenças e semelhanças humanas, como também define o que é diferente e semelhante ao humano. Sendo assim, como não destrinchar o gênero da experiência de si e entende-lo como categoria impressa num jogo de forças, experiência psíquica e identitária de (re)formação de modos de vida? Dito de outra maneira, somos sujeitos *generificados* e assumimos posição e responsabilidades em relação a isso.

[10]Sigla de referência para Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

Alguns elementos para reflexão serão apresentados a seguir, ainda que estejamos certos de que outras propostas e referências teóricas deixaram de serem abordadas neste trabalho. Sobre esse aspecto, consideramos que a leitura astuta e rigorosa dos colegas acadêmicos e de toda a comunidade interessada em tais questões, poderá nos guiar posteriormente para novas e revisadas configurações conceituais.

1.1 – E o que é gênero?

Scott (1989) afirma que foram as feministas americanas quem primeiro se preocuparam em introduzir o aspecto relacional para compreensão das relações entre homens e mulheres e das definições de feminilidade, o que fez com que a palavra "gênero" ascendesse à condição de categoria analítica que junto a outras categorias como raça e classe tem como função aplicar a dimensão histórica no debate sobre o sentido do gênero nas relações humanas. Para Scott (1989),

> não podemos fazer isso sem dar uma certa atenção aos sistemas de significação, isto é, às maneiras como as sociedades representam o gênero, utilizam-no para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência. Sem o sentido não há experiência; sem processo de significação não há sentido. (s/p)

Além disso, Scott (1989) apresenta a dimensão processual e constante da construção do gênero, sendo que é a partir desta categoria que se justificam os mecanismos hierarquizantes do poder.

Butler (2007) expõe o sentido de normatividade presente na categoria "sexo" ao afirmar que a materialidade do corpo se dá a partir da reiteração das normas que buscam materializar o sexo no corpo, instituindo a diferença sexual e a verdade heterossexual. Neste sentido, o conceito de performatividade[11], trabalhado

[11]O conceito de performatividade de gênero possui grande peso na teoria de Judith Butler. Refere-se aos atos cotidianos e generificados que um corpo assume e executa para definir-se como masculino ou feminino, criando,

pela autora, esclarece que essa reiteração é necessária para o êxito da lei regulatória, que a partir de performatividade exercida de forma reiterativa e citacional produz pelo discurso os efeitos da materialização do sexo no corpo.

> O “sexo” é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o “alguém” simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural (Butler, 2007, p.155).

Dessa forma, as instituições ideológicas e sociais que administram as categorias de identificação presentes no sexo e no gênero, exercitam na performatividade dessas regras pelos sujeitos a atualização da verdade materializada sobre os corpos e os sexos a partir do impositivo da heterossexualidade e da diferenciação sexual. Nesse contexto, os sujeitos cujos corpos fogem aos padrões discursivos de identificação impostos são alocados no domínio do não-sujeito, ou seja, no campo onde o próprio reconhecimento da humanidade desses corpos pelos pressupostos culturais hegemônicos torna-se inviável (Butler, 2007).

Ainda que a este terreno de abjeção sejam destinados os sujeitos inadequados à vida social e desalojados da categoria de humanos, estes operam, pela força da desmobilização dessas categorias normativas dentro do discurso político, engendrando outras possibilidades de construção dos corpos, gêneros e sexos e, portanto, desarticuladoras dos processos que instituem um poder sobre o sujeito cujo preço é seu reconhecimento social e cultural (Butler, 2007).

Por este caminho, interpelamos a discussão sobre a unidade e legitimidade dos corpos, uma vez que, amparando-nos em Butler, que, em entrevista concedida a Prins e Meijer (2002, p. 158), afirma que a representação de um corpo revela “as

---

consequentemente, a ilusão de natureza do sexo e reproduzindo as normas regulatórias para gênero e sexualidade.

condições sob as quais os corpos materiais, sexuados, tomam forma estão relacionados à sua existência, à possibilidade de serem apreendidos e a sua legitimidade". Isto significa evidenciar a questão da possibilidade do conhecimento e ainda que este debate não faça parte da proposta configurada para este trabalho, implica em afirmar que há uma ontologia anterior (Butler, 2002), ou seja, a compreensão de um corpo de homem, de mulher, a masculinidade e/ou feminilidade pressuposta nestes corpos apagam os agenciamentos de saber e poder que o tornam matéria.

Lembremos-nos da discussão realizada por Sawaia (2004), quando posiciona a questão da exclusão[12] pela ideia de que esta significa o "descompromisso político com o sofrimento do outro" (p.08). O excluído – por mais que possamos discutir quando e quem realmente o seja ou não – liga-se ao restante do tecido social pela manutenção de uma relação dialética e também perversa que define a exclusão enquanto um processo complexo e multifacetado, porém relacionada não a um mal a ser combatido, mas à manutenção de um sistema desigual.

Daí que, a representação de um corpo nomeia-se a partir desta mesma operação de exclusão da qual fala Sawaia (2004). A interpretação dos significados de um corpo permite aprisioná-lo por meio de uma inteligibilidade que nega outros agenciamentos possíveis ao ser, ainda que esta representação deva ser tomada como realidade e como referências a serem expandidas. Relacionemos, então, as representações à proposta ética e política por onde:

> O significado do gênero (se *gênero* é de fato o termo a ser discutido, ou se a construção discursiva do *sexo* é mais

[12]Não vamos nos dedicar à discussão sobre o conceito de exclusão neste trabalho. Baseamo-nos e indicamos a obra de Sawaia (2004) para complementar a reflexão iniciada no parágrafo.

> fundamental, ou talvez a noção de *mulheres* ou *mulher* e/ou de *homens* ou *homem*) estabelecem a necessidade de reprensar radicalmente as categorias da identidade no contexto das relações de uma assimetria radical de gênero (Butler, 2013, p. 31).

Preciado (2008) denomina de sexopolítica às maneiras como o capitalismo disciplinador impõe suas formas dominantes de ação biopolítica. Para a autora, o sexo e a sexualidade e suas verdades e visibilidades, bem como seus mecanismos normais e patológicos de prazer, são potentes ficções somáticas pelas quais o mundo ocidental, a partir do século XIX, está obcecado. Isto porque, tal como afirmou Butler (2007), estas ficções só possuem realidade material a partir da ação performática imposta pelos processos de construção política.

Nesse entremeio, os discursos sobre a masculinidade e a feminilidade junto às formas de normalização das identidades sexuais traduzem-se em agentes de controle e modelização da vida (Preciado, 2008, p. 58).

> O corpo heterossexual, um dos artefatos com mais êxito governamental da sexopolítica decimônica, é o produto de uma divisão de trabalho da carne segundo a qual cada órgão se define com respeito a sua função, tanto reprodutora como produtora de masculinidade ou feminilidade, de normalidade ou de perversão[13] (Preciado, 2008, p. 59).

A mesma autora afirma que na sociedade disciplinar os corpos eram controlados pelas tecnologias de subjetivação a partir de um aparato ortoarquitetônico, ou seja, o controle sobre os corpos se dava a partir de imposições externas ao próprio corpo. Aponta a emergência de uma sociedade farmacopornográfica[14], regida por um conjunto de tecnologias do corpo, tais como a

[13]Tradução nossa.

[14]A autora apoia-se nas análises feitas por Foucault e denomina farmacopornografia um novo regime de subjetivação iniciado após a segunda guerra mundial que não é nem soberano nem disciplinário. Define-se por um conjunto de novas tecnologias do corpo que visam controla-lo a partir de seu interior, tomando a própria forma do corpo. Segundo Preciado (2008, p. 66) "...se trata de tecnologias biomoleculares, digitais e de transmissão de informações a alta velocidade: é a era das tecnologias brandas, ligeiras, viscosas, de tecnologias

endocrinologia e a fotografia (representações). Por estas tecnologias, o poder regulador dos corpos atua a partir da molécula inserida no sistema imunológico, ou no silicone inserido nos seios, ou sobre o efeito de um hormônio sobre um homem, ou seja, os espaços de vigilância sobre os corpos voltam-se para o íntimo, para dentro, tomando a forma do corpo, transformando-se em corpo, cuja operação a autora cunha de "microprostética" (Preciado, 2008).

Por estas reflexões, o gênero não se concretiza em realidade psicológica, mas transformação do sexo em objeto de gestão política da vida, que opera através da dinâmica de um capitalismo avançado. Como exemplo, tomemos o investimento da indústria farmacêutica na fabricação do corpo em finais do século XX, que apropria-se do corpo como entidade física e biológica para transformá-lo, e a seus órgãos, em objetos a serem adquiridos, transformados e negociados nas trocas mercadológicas, instaurando um regime definido por Preciado (2008) por "tecnogênero".

> Um dos resultados característicos desta tecnologia de gênero é a produção de um saber interior sobre si mesmo, de um sentido do sexual que aparece como realidade emocional evidente à consciência: "sou homem", "sou mulher", "sou heterossexual", "sou homossexual" são algumas das formulações que condensam saberes específicos sobre um mesmo, atuando como núcleos biopolíticos e simbólicos duros em torno dos quais é possível aglutinar todo um conjunto de práticas e discursos (Preciado, 2008, p.89)[15].

Nesse contexto, a discussão da masculinidade como objeto de estudo deste trabalho e elemento que se insere na teia discursiva da categoria gênero será feita pela apreensão de sua materialização a partir do que ousamos nomear por "identidades sexuais" e "sexualidades", num franco reconhecimento de que a constituição de um sujeito a partir de um "ser homem" e/ou "ser mulher" e a (auto)

---

gelatinosas, injetáveis, aspiráveis, incorporáveis – a testosterona que administro em meu corpo pertence a esse conjunto de tecnologias brandas" (Tradução nossa).

[15] Tradução nossa.

defesa de suas respectivas masculinidades e feminilidades requer a busca e compreensão de seus significados amplos e plurais, para além do que possa, supostamente, estar aprisionado nas práticas sexuais e nas identidades de gênero legitimadas socialmente.

1.2 Sexualidades, homossexualidades e heterossexualidades

Prado e Machado (2008), ao defenderem a construção das sexualidades e das identidades sexuais relacionadas às interações que se estabelecem em contextos culturais, sociais e políticos específicos, atestam a inviabilidade de uma explicação satisfatória e generalizante a respeito da homossexualidade, ao problematizarem o próprio termo a que se referem. Para os autores, a homossexualidade significa uma "experiência identitária contemporânea construída na tensão entre valores da esfera privada e da esfera pública" (p. 19).

Existem dois discursos que tentam explicar a origem da homossexualidade: um essencialista e outro construtivista. Para o discurso essencialista, a homossexualidade relaciona-se mais a uma condição inata que a construções históricas. Sobre este discurso recaem as tendências biologizantes de explicação da homossexualidade. O discurso construtivista entende a homossexualidade como adquirida, construída na e pelas relações sociais e os processos históricos, políticos e culturais. Nesse sentido, opõe e rejeita a ideia de natureza presente no discurso anterior (Toro-Alfonso, 2005 ; Triana, 2007).

Autores como Guerrero (2007), Trevisam (2007) e Ribeiro (2005) salientam que a criação da expressão homossexualidade para definir pessoas que se relacionam sexual e afetivamente com o mesmo sexo é anterior ao surgimento da expressão heterossexual, que tem sua origem quando, a partir do Cristianismo, se

impõe a necessidade de redefinição das práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo.

Gerrero (2007), Ribeiro (2005) e Miskolci (2007), também assinalam a forma com que os aparatos da ciência médica e criminal participam da criação da homossexualidade no final do século XIX, patologizando suas expressões e criminalizando suas práticas. Ao produzir a estigmatização do homossexual enquanto um contraventor da natureza, todos aqueles que fugiam à norma heterossexual vigente poderiam sofrer com o asilamento, a privação de liberdade ou mesmo a imposição de tratamentos que visassem à supressão ou redirecionamento do desejo homoafetivo. Os autores sugerem que a homossexualidade sempre anunciou a ameaça à ordem e, com essa possibilidade, erigiam as respostas ideológicas e as práticas repressivas para sua contenção. Portanto, a homossexualidade, ou melhor, as identidades sexuais e sexualidades só podem ser percebidas pela consideração da dimensão moral presente na construção social e histórica da sexualidade.

Prado e Machado (2008) resgatam três modelos descritivos da sexualidade. No primeiro modelo, situado no início de século XIX, predomina um enfoque ontogenético em que homens e mulheres eram definidos pela detecção de graus de desenvolvimento de uma mesma espécie. Nesse modelo, denominado de modelo do sexo único, a mulher era considerada uma variação imperfeita e inferior do homem. Contudo, nesse mesmo modelo não havia a preocupação com a distinção entre homossexuais e heterossexuais tendo em vista o caráter absoluto da abordagem que encarava apenas um representante legítimo da espécie humana, sem atentar para tais complexidades na esfera da sexualidade.

Um segundo modelo de explicação da sexualidade, o do dimorfismo radical, sofreu as influências da revolução francesa e dos ideais de fraternidade, igualdade e liberdade. Dessa forma, houve a necessidade de “amenizar” as diferenças que subalternizavam a mulher a partir de justificativas biologistas e deterministas. Ainda que as ideias de igualdade tenham fomentado a desconstrução do viés absolutista do modelo de sexo único, as mulheres ainda ocupavam posições de inferioridade e pouco reconhecimento social.

Um terceiro modelo, e talvez o mais atual e desafiador, é o da diversidade sexual, que propõe o entendimento da sexualidade em sua diversidade, oriundo das discussões que apareceram em meados do século XX também fomentadas pelos movimentos sociais e com o surgimento de estudos que lançaram um olhar menos estigmatizador sobre a homossexualidade (Toro- Alfonso, 2005; Prado & Machado, 2008).

O desafio colocado pelo terceiro modelo está na superação das diferenciações entre homens e mulheres e da subalternização a que ainda são submetidos minorias, mulheres e outros grupos em virtude das relações hierarquizadas estabelecidas entre os gêneros e entre estes e os grupos dissonantes das matrizes normativas presentes na sociedade. Para tanto, também é necessário aprofundar as reflexões e os estudos sobre como a heterossexualidade se naturalizou enquanto ideal para as construções identitárias e contribuindo na legitimação do discurso burguês que busca ordenar as formas como se estabelecem as relações íntimas entre pessoas.

Toro-Alfonso (2005) adverte que as homossexualidades se inserem na fluidez, complexidade e diversidade das construções sociais sobre a masculinidade e a feminilidade, uma vez que a construção do sujeito homossexual se dá no

espelhamento com a heterossexualidade e desta com a masculinidade hegemônica. Desta forma, a apreensão dos significados das homossexualidades requer a discussão acerca das masculinidades (TORO-ALFONSO, 2005).

Retomando os preceitos das visões biológica e criminalista, as possibilidades e vivências de identificações de não heterossexuais foi significativamente reduzida, na medida em que estavam legítimos apenas os sujeitos que atendessem à correspondência: homem – identidade de gênero masculina – orientação sexual e afetiva para o sexo oposto e esperada a mesma fórmula linear para as mulheres. Essa visão começou a mudar na medida em que movimentos sociais, e nas décadas mais recentes alguns deles são denominados de movimentos LGBT, passaram a questionar essa imagem patologizada do homossexual e a demandar reconhecimento social (Ribeiro, 2005 ; Miskolci, 2007).

Miskolci (2007) traz à cena os eventos de *Stonewall*[16] como disparadores de um verdadeiro questionamento sobre a denominação homossexual. Na luta contra as estigmatizações negativas destinadas aos homossexuais, fomentou-se um processo de politização desse segmento que provocou mudanças nas referências identitárias dos mesmos. A incorporação do termo *gay,* que pode ser traduzido do inglês pelo termo “alegre”, marcou oposição ao sisudo “homossexual”, cunhado pela psiquiatria e pela medicina.

No bojo da afirmação de uma vida fora da ordem sexual vigente, o movimento de *gays,* na década de 70, propunha o questionamento da norma a partir da problematização dos papéis sexuais, da instituição família e da polaridade

16 Os eventos de Stonewall (Stonewall Inn: bar *gay* de Nova York) acontecidos na cidade de Nova York em junho de 1969 referem-se às resistências de *gays*, lésbicas e travestis às ações violentas e repressoras da polícia contra o público homossexual. A data de 28 de junho se tornou marco para o movimento LGBT e para a instituição do “dia do orgulho *gay*”.

homossexual x heterossexual, reivindicando também novas formas de vivência da sexualidade para além da função reprodutiva. Com o surgimento da AIDS, nos anos 80, tais reivindicações perderam ênfase e cederam lugar à retomada do discurso essencializador das identidades em decorrência do "pânico moral" [17] causado pela difusão da epidemia (Miskolci, 2007).

Ribeiro (2005) se ampara na Teoria das Minorias Ativas de Serge Moscovici para compreender os processos pelos quais alguns homossexuais aderem e se comprometem na construção de um movimento social idealizador de maior igualdade e equidade de direitos para o segmento de LGBT's bem como desvendar a dinâmica do processo de influência social que opera na construção de normas, valores e crenças para sujeitos e grupos. Na constatação do autor, ainda que divergências em relação às reivindicações apresentadas existam entre os grupos de militantes e entre militantes e não-militantes de movimentos de homossexuais, os resultados revelam o caminho da construção de normas e ações sociais orientadas pelas discussões acerca de cidadania e direitos do cidadão.

Nosso interesse não será o de aprofundar o conhecimento das trajetórias de movimentos de militantes homossexuais e suas lutas, mas anunciar que as possibilidades de compreensão da construção social da homossexualidade e heterossexualidade sugerem a inclusão de outros elementos para além do eixo da sexualidade enquanto aspecto estruturante dos gêneros e orientações sexuais. Concordamos com Del Río (2006), que afirma que um questionamento da heterossexualidade e da homossexualidade libertará não somente algumas minorias mas também homens e mulheres que não querem seguir os modelos dominantes de

[17] O autor nomeia de pânico moral a reação da coletividade a um fenômeno considerado perigoso e ameaçador de posições, interesses, valores, ideologias e estilos de vida. Tal resposta coletiva aparece quando indivíduos e grupos precisam lidar com situações de mudanças, principalmente aquelas imediatas.

masculinidade e feminilidade, modelos estes sustentadores da própria definição de heterossexualidade.

Giffin (2004) sinalizou que, nas últimas décadas, os estudos sobre gênero no Brasil, principalmente os que se dedicam a problematizações acerca da sexualidade, tem se preocupado em focar e aprofundar questões do universo masculino. Tais estudos problematizaram o esquema binário de organização dos gêneros ao analisar categorias que se constituíram em oposição, como: cultura x natureza, masculino x feminino, razão x emoção de forma a quebrantar a ideia de oposição presente nesses termos.

Ribeiro (2000) atesta que os estudos sobre masculinidades surgiram de forma diferenciada na Europa e nas Américas do Sul e Norte. No Brasil, até a década de 90 havia poucos estudos sobre masculinidades realizados a partir de uma perspectiva relacional de gênero, privilegiando abordagens acerca dos papéis sexuais, do universo familiar e da compreensão das dimensões do masculino e do feminino nestas mesmas configurações familiares.

Dentro deste contexto, Bello (2010) afirma que a homossexualidade masculina é um aprendizado que se obtém através da história e da cultura cuja posição (biológica) do gênero exerce forte influência para a construção das masculinidades. Para o autor, sendo a masculinidade um conjunto de mandatos institucionalizados que exigem e obrigam indivíduos a serem homens, a justificativa para as práticas ditas “homofóbicas” também remete a uma história da homossexualidade que é contada, pela cultura, pela “masculinidade heterossexual”.

> O que digo, se não está claro, é que a homossexualidade masculina chega ao século vinte da cultura ocidental como uma tremenda carga de marcas e desqualificações originada pela sodomia, acrescentada de uma “falta de masculinidade” que se explica pela presença de um heterossexual que faz

> da promiscuidade ou da libertinagem uma “atividade” socialmente positiva”. (Bello, 2010, p.66)[18]

1.3 - Homens, masculinidades e homofobia

De estudos que mostraram que a adesão e identificação de determinados grupos a um padrão hegemônico de masculinidade implicava em “desvatangens” no “ser homem”, emergiu a compreensão de que “tornar-se homem” poderia significar um processo doloroso, de adoecimento e submissão a um sistema que supostamente os oferecia poder e facilidades, num contraponto à própria expectativa de onipotência masculina referenciada ao grupo (Giffin, 2004).

Nesse sentido, autores como Giffin (2004) e Gomes (2008) afirmam que os primeiros homens a coadunarem às ideias dos estudos feministas foram justamente os *gays*, pela constatação da opressão advinda da obediência dos grupos de homens aos valores patriarcais. Os “estudos gays” e os estudos feministas contribuíram de forma peculiar com produções que redefiniram e ampliaram o próprio conceito de masculinidade.

De acordo com Gomes (2008), podemos incorrer em dois equívocos quando pensamos a masculinidade: um é associá-la à palavra homem e o outro é confundi-la com virilidade. Para o autor, a virilidade está mais para a manifestação de uma “masculinidade exacerbada”, tanto que é bastante comum a percepção da masculinidade pela oposição à feminilidade. Nesse sentido, a expressão da virilidade seria a tentativa exagerada de afirmar-se como “não mulher”. Pela definição de Gomes (2008), a virilidade “[...] é um estado precário ou artificial a ser conquistado por aqueles que desejam ser considerados homens, envolvendo, às vezes, difíceis provas a serem vencidas” (p.72).

[18]Tradução nossa.

As discussões sobre as masculinidades têm apresentado um consenso sobre o conceito de masculinidade hegemônica que se define, dentre outras características, pela expressão da força, coragem, atividade (inclusive sexual), impetuosidade e pela estruturação em torno de dois pilares: a dominação e o exercício de poder sobre os mais fracos. Tal modelo influencia fortemente os homens e a forma como esses se constituem e estabelecem relações no meio social. Buscando fortemente excluir qualquer atributo e/ou comportamento associado ao feminino, a masculinidade hegemônica organiza-se a partir da heterossexualidade e, desse modo, a homofobia torna-se um elo legítimo na relação entre homens e destes com o mundo (Gomes, 2008; Toneli & Adrião, 2005). Para Giffin (2004),

> a masculinidade requer a supressão de muitas necessidades, sentimentos, e formas de expressão, o que faz esta construção *aterrorizadamente frágil.* O resultado é uma 'tensão' entre ser macho e ser masculino, capaz de manter uma insegurança constante nos homens, e impulsionar tanto a autodesvalorização como reações violentas contra outra/os (p. 50).

No Brasil, é corrente a ideia de masculinidade afirmada através da posição *ativa* em situações de intercurso sexual. Esta hierarquia de gênero, que situa no topo de sua pirâmide os homens heterossexuais, funciona interpelada de outros atributos, tais como aparência e status socioeconômico, o que influencia diretamente na construção de uma sociabilidade *gay* e na maneira com que grupos de LGBT constroem e dão sentido às suas vidas. Estudos publicados por Cerqueira-Santos e DeSouza (2011) revelaram que as mulheres heterossexuais mostram menos preconceito sexual do que homens heterossexuais, o que evidencia o temor do homem brasileiro de serem percebidos como "pouco masculinos", ou ainda, como femininos.

Borrilllo[19] (2010), ao sistematizar o conceito de homofobia, define suas manifestações em quatro dimensões: a homofobia clínica, a homofobia antropológica, a homofobia liberal e a homofobia burocrática. A homofobia clínica tem sua origem na área da medicina, que, então, passou a buscar uma patologização da homossexualidade caracterizada pela busca empreendida de suas causas e origens. Pelo conceito de homofobia antropológica compreende-se a diferenciação dos sexos pela cultura, o que permitiu, também, uma hierarquização de papéis e posições sociais gerando desigualdades entre diversos grupos sociais. Na homofobia liberal está a ideia de escolha individual da homossexualidade, questão de foro íntimo do sujeito, que deve ser respeitada por toda a sociedade, ainda que esta reconheça somente a heterossexualidade como legítima. Por fim, a homofobia burocrática, que tem sua origem na ideologia comunista do stalinismo e caracteriza a homossexualidade pela decomposição moral causada aos sujeitos pelo capitalismo (Borillo, 2010).

Optamos por compreender a(s) masculinidade(s) evitando qualquer explicação que tendencie para as ideias de estado ou natureza do ser. Preferimos considerá-la por meio dos valores, condutas, práticas, comportamentos e características que, em contextos culturais e históricos específicos, são associadas a determinados grupos ou indivíduos, ou seja, a síntese desses valores, características, práticas em uma imagem e um nome – representações - que atuam facilitando as relações e as interações sociais. Ressaltamos que a(s) masculinidade(s) participam das políticas de gênero e, dessa forma, operam na

[19]Borrilo (2010) comenta e os movimentos sociais LGBT no Brasil que afirmam a utilização das expressões lesbofobia e transfobia para referirem-se às práticas hostis e agressivas direcionadas à lésbicas, travestis e transexuais, numa variação do termo homofobia. No entanto, estas práticas hostis e segregacionistas, trabalhada por Borrilo (2010) sob o termo de homofobia, possuem o mesmo sentido e significado para os diferentes grupos de LGBT.

regulação e no controle das condutas. Compreendê-la também é considerar outros recortes que a alimentam, tais como classe, etnia, orientações sexuais, ciclos de vida e como esses fatores se articulam na composição dos jogos de poder.

Como então resistir à tendência homogeneizadora e abrir-se à pluralidade de sentidos a fim de contemplar as diversas possibilidades de manifestação da(s) masculinidade(s)? Se, de acordo com Toro-Alfonso e Díaz (2006), "a transgressão da norma heterossexual tem seu preço. A população de homens cujos corpos representam a diversidade do desejo e das condutas é submetida à exclusão, às sombras de da masculinidade hegemônica[20]" (p.09), como pensar os sujeitos que, à margem do conceito hegemônico de masculinidade, podem ser vistos como "menos homens"?

Vale de Almeida (2000) diz que "no campo do gênero, trata-se da capacidade de impor uma definição específica sobre outros tipos de masculinidade, o que significa que o modelo exaltado corresponde, na realidade, a muito poucos homens" (p.155). Tomando a perspectiva de Vale de Almeida, de acordo com a qual o fato de que uma das funções do pensamento não é somente a explicação, mas também o convencimento, ressaltamos a importância das representações elaboradas por grupos e indivíduos a respeito dos objetos sociais, numa relação de mútua constituição.

Sobre este aspecto, esclarecemos – mas discutiremos de maneira mais aprofundada adiante – que apoiamo-nos no conceito de representação social para investigação e interpretação dos dados desta tese. Isto porque, conforme aponta Jodelet (2011), o conceito de representação social surge num contexto de insatisfação dentro da Psicologia Social de meados do século passado a partir de

[20]Tradução nossa.

alguns teóricos que também perplexos com as transformações ocasionadas pelo fim da Segunda Guerra Mundial, procuravam estabelecer marcos teóricos e metodológicos que pudessem proporcionar uma leitura mais humana, rica e plural da realidade social. Portanto, é pela proposta de análise psicossocial do conceito de representação social que Jodelet (2011) ressalta o caráter inventivo de Serge Moscovici, criador da teoria, e a característica inovadora do conceito em questão.

1.4 As travestis e as travestilidades[21]: identidades e gêneros em mudança

Conforme será constatado nos estudos que serão apresentados, escolhemos, no bojo das discussões sobre homens e masculinidades, trabalhar com sujeitos que se auto identificam como pertencentes ao segmento de LGBT, especificamente *gays* e travestis. Assim, ainda que seja importante apontar discussões que sinalizem para o que e como se define e se percebe o sujeito *gay,* pretendemos nesse tópico apontar estudos que discutem o modo de vida travesti e as travestilidades, a fim de ampliar as compreensões que abordam as experiências e discussões sobre travestilidade e transexualidade associadas à categoria gênero.

Na busca pela definição do sujeito travesti, encontramos, também associadas às expressões da travestilidade, outras formas manifestadas por indivíduos e/ou grupos para relacionarem suas vivências de corpo, gênero e sexualidade. Consideramos importante discorrer, mesmo que de forma breve, sobre como têm sido traduzidas as experiências de *drag queens* e transexuais.

[21]O uso do termo travestilidade foi identificado pela primeira vez em Duque (2008) ao referir-se aos processos de construção das identidades travesti.

Chidiac e Oltramari (2004) afirmam que as *drags* apresentam-se em seu cotidiano como homens (gestos, roupas e comportamentos entendidos como do âmbito da masculinidade), e manifestam e caracterizam a feminilidade nas personagens que criam e representam. Dessa forma, apresentam uma modalidade mais flexível de travestilidade, manifestando o gênero feminino em suas performances e mantendo-se masculinos em seu dia-a-dia. A análise dos autores aponta que, quando "montadas"[22], as *drags* unem características físicas e psicológicas masculinas e femininas em um único corpo, atitude que relativiza a tendência à essencialização no conceito de identidade.

A transexualidade pode ser definida, num primeiro momento, como sentimento intenso de não correspondência ao sexo anatômico, sem delírios ou causas orgânicas, apontando para uma incomunicabilidade entre corpo, sexo e gênero. Pode ser diagnosticada como patologia e adquirir *status* de psicose pelas ciências médicas, em específico a psiquiatria (Arán, 2006).

A partir da década de 50, surgem publicações que nomeiam a especificidade da experiência transexual. A construção do saber em torno da transexualidade tem a medicina como seu principal aliado, de forma que esta estabelece uma nomenclatura oficial para definir pessoas que vivem uma "contradição" entre corpo e subjetividade. Dessa forma, as ciências médicas atuam na legitimação da divisão binária dos gêneros – a determinação da sociedade composta de homens e mulheres –, naturalizando identidades e hierarquias geradoras de exclusão. Nesse contexto, o hospital se torna o *locus* privilegiado do trabalho de "assepsia de gênero" [23] (Bento, 2006).

---

[22] Gíria bastante utilizada por transexuais, travestis e transformistas para definir o ato de travestir-se, ou seja, apropriar-se de indumentárias, gestos e comportamentos do sexo oposto.
[23] Expressão cunhada pela autora para expressar a tentativa de superação das ambiguidades pela medicina.

Se buscarmos uma analogia com a definição de transexual apresentada acima, veremos que as travestis nascem com a genitália masculina e, por isso, a grande maioria se autodefine como homem. No entanto, procuram mudar seus corpos inserindo neles símbolos do que é socialmente entendido como feminino. Não apresentam desejo pela cirurgia de transgenitalização (mudança de sexo), pois geralmente convivem com sua genitália, sem maiores conflitos. Preferem se relacionar sexual e afetivamente com homens, mas não se identificam com os homens homo-orientados, os *gays* (Pelúcio, 2006).

Pelúcio (2007) observa que a entrada no mundo travesti se dá com a ingestão de hormônios. E completa: “se o hormônio é a feminilidade, o silicone é a *dor da beleza*”. O processo de tornar-se travesti pode ter início quando o indivíduo provoca algumas alterações no próprio corpo, como

> extração de pêlos da barba, pernas e braços, afina a sobrancelha, deixa o cabelo crescer e passa a usar maquiagem e roupas consideradas femininas nas atividades fora do mundo da casa. A seguir, começam a ingestão de hormônios femininos (pílulas e injeções anticoncepcionais e/ou de reposição hormonal), passando por aplicações de silicone líquido nos quadris e, posteriormente, nos seios, até chegar (e nem todas podem fazê-lo por absoluta falta de dinheiro) a intervenções cirúrgicas mais radicais – plástica no nariz, eliminação do pomo-de-adão, redução da testa, preenchimento das maças do rosto e colocação de prótese de silicone (Pelúcio, 2005, p. 4).

Na mesma direção, Benedetti (2005) aponta a decisão pela iniciação do uso de hormônios como uma das mais importantes na vida das travestis. Iniciam esse processo ainda na adolescência, pois acreditam que as mudanças da puberdade possibilitam a instauração da condição feminina de forma mais eficaz. O autor observa que o hormônio simboliza o início da construção da identidade travesti. Após o hormônio, o processo continua com a aplicação de silicone. Tal procedimento é geralmente realizado de forma caseira e por uma travesti mais

velha. A clandestinidade, embutida na maioria das aplicações de silicone, expõe a total ausência de controle sanitário nesse processo. As travestis consideram os pêlos, principalmente os da barba, o signo que mais representa o masculino, e não poupam empenho na tentativa de eliminá-los por completo. Se a ingestão de hormônios inicia, de forma mais marcante, a transformação do menino em travesti, os corpos “siliconados” são igualmente valorizados pelo grupo, que suporta a dor intensa oriunda de um procedimento realizado sem anestesia.

A ingestão de hormônios e as aplicações de silicone não findam o processo de tornar-se travesti. A transformação envolve dedicação constante na busca pela substituição de comportamentos, signos e gestos, entendidos como masculinos, na apreensão dos femininos. Benedetti (2005) define o feminino das travestis como diferente do feminino das mulheres, pois as travestis não abdicam totalmente de características masculinas. Transitam por esses dois polos, masculino e feminino, e optam por um ou por outro de acordo com cada contexto ou situação. Segundo Pelúcio (2006), as travestis “buscam agir, em muitos momentos, segundo prescrições de comportamentos instituídos como femininos, sem esquecerem, em contextos específicos, que dentro delas *mora um rapaz*” (p. 3). Benedetti (2005) enfatiza o processo de construção do feminino nas travestis em oposição à socialização e à educação que receberam como homens e caracteriza esse momento como uma vivência “dura, solitária, de enfrentamento e sofrimento”.

Em oposição às transexuais, que demarcam bem a separação entre masculino e feminino e procuram atuar sobre um código rígido de diferenças de gênero, as travestis adquirem, como uma de suas principais características, a ambiguidade.

> As travestis não desejam ser como as mulheres, mas se sentirem mulheres, se sentirem femininas. Vivem a experiência do gênero como um jogo artificial e passível de recriação. Por isso, criam um feminino particular, com valores ambíguos. Um feminino que se constrói e se define em relação ao masculino. Vivem, enfim, um gênero ambíguo, borrado, sem limites e separações rígidas (Benedetti, 2005, p. 132).

É fato que travestis, transexuais e *drag queens* "brincam" com as dicotomias de gênero, mas a travestilidade implica mais nuances que apenas a força de problematizar categorias de identificação previamente impostas. Num apanhado do material estudado, encontramos dois campos de extremo significado para o grupo das travestis: a rua – e consequentemente a prostituição – e o corpo.

Em pesquisa etnográfica sobre travestis em Porto Alegre, Benedetti (2005) relata que, em sua maioria, são oriundas de famílias de baixo nível econômico[24]. O mesmo aspecto foi também observado por Pelúcio (2007) em sua análise sobre as experiências de conjugalidade no universo travesti. Tendo em vista que o processo de transformação se inicia ainda na adolescência, é recorrente o relato de maus-tratos e tentativas de medicação e tratamento por parte de suas famílias (Benedetti, 2005). Conforme aponta Pelúcio (2007), "a rua pode se apresentar como um ambiente de acolhimento quando meninos efeminados são violentados e colocados para fora dos espaços domésticos" (p. 3). Segundo Benedetti (2005),

> deixar o lar parece ser um momento crucial em seu processo de construção. Quase todas fazem isso entre os 11 e 14 anos. [...] Essas histórias costumam ser caracterizadas por muitas aventuras na rua, como dormir ao relento, mendigar, brigas, violência e embates com a polícia, bem como a descoberta de novos espaços e práticas (p. 102).

Pelúcio (2006) corrobora a afirmativa acima, ressaltando que a saída de casa, ainda em pouca idade, seguida do apego ao mundo da rua, abre espaço para a atividade da prostituição, caracterizada como a principal fonte de renda e um

24 Não encontramos, na revisão bibliográfica realizada, um aprofundamento a respeito dessa questão.

importante campo de representações do grupo. Lembramos que o rompimento com o espaço doméstico e com as experiências da infância fortalece e incentiva a jovem travesti a pôr em execução seus planos de transformação.

Benedetti (2005), Pelúcio (2007) e Ferreira (2003) apontam que a entrada da travesti no universo da prostituição depende, praticamente, de uma figura importante: a “madrinha”. Essa personagem, geralmente uma travesti mais velha, cumpre o papel de cafetina para as jovens travestis e participa ativamente de seus processos de transformação, que só é possível de fato fora das casas de suas famílias.

Nos relatos das travestis, sistematizados pelos autores, as madrinhas são responsáveis pela iniciação da travesti na prostituição. Tornam-se uma referência afetiva no grupo jovem por disseminar o conteúdo das experiências que adquiriram em suas vivências particulares. Pelúcio (2006) observa que as travestis “iniciam uma vida noturna sustentando-se pela prostituição. Precisam aprender, então, a *dar o truque*: parecerem mais velhas, driblar situações de violência que podem advir tanto dos clientes quanto da polícia, e não raro de pessoas de seu grupo de convivência” (p. 4).

A violência é naturalizada no universo das travestis, que sofrem diariamente com a violência física e/ou simbólica, ações constitutivas de um cotidiano de discriminação e estigmatização. A cotidianidade do fato a transforma numa linguagem possível que, ainda que reprovada, é legitimada e banalizada no mundo *trans.* (Benedetti, 2005).

Pesquisa realizada por Carrara e Vianna (2006), no período de janeiro de 2000 a julho de 2001, por meio de análise de um dossiê produzido por ativistas do

Grupo 28 de Junho[25], mostra que as travestis são vítimas preferenciais da homofobia (ou transfobia), e é o grupo mais atingido por violência e discriminação. Entre os resultados da pesquisa figura que as vítimas tinham idade inferior a 35 anos, e 40% eram negras e pardas. Os assassinatos aconteceram em sua maioria na rua e por arma de fogo, características que sugerem crimes de execução. Ressalta, ainda, que as vítimas apresentavam, na ocasião do crime, indicativos de *cross-dressing*[26].

Outro dado importante é a impunidade que perpassa a apuração dos casos, o que para os autores parece estar relacionada a "um conjunto de fatores, entre os quais gênero e classe social, que se combinam para colocar as travestis entre os grupos socialmente mais desfavorecidos" (Carrara & Vianna, 2006, p. 3). A baixa resolução dos casos – principalmente quando há indícios da participação das vítimas no tráfico de drogas e/ou na prostituição – parece aumentar se consideramos a questão da ambiguidade de gênero. A não identificação das travestis num gênero "possível" (homem x mulher) impossibilita a localização desse grupo numa ordem simbólica socialmente reconhecida. Tal fato lança ao imaginário social – principalmente das instituições responsáveis por garantir a lei e a ordem – a ideia de desordem urbana provocada pelas travestis. Nesse contexto, figura a crença de que a verdadeira identidade de gênero está "oculta" *(Um homem escondido? Uma mulher de mentira?)*. Daí decorre a dificuldade do grupo de assegurar sua defesa: a ambiguidade no gênero aparece relacionada a fatores que acentuam sua fragilidade, tais como homossexualidade, prostituição, pobreza e

25 Os dados levantados e analisados pelos autores são de assassinatos ocorridos no Rio de Janeiro entre as décadas de 70 e 90.
26 Numa tentativa de tradução, poderíamos entender como o ato de travestir-se propriamente dito.

tráfico. Assim, o que poderia ser interpretado como crime de execução, traduz-se em ação de restauro da ordem, na medida em que

> a indiferença policial na apuração da maior parte desses crimes parece encontrar eco nas representações negativas de travestis como homossexuais especialmente desajustados, de modo que sua morte [...] tende a ser tomada por policiais como consequência de um modo de vida constantemente próximo da ilegalidade que é recebida com poucas pressões, sobretudo familiares, por sua apuração e por sua justiça (Carrara & Vianna, 2006, p. 7).

Mazzieiro (1998) destaca a regulamentação da prostituição pela Academia Nacional de Medicina, em 1914, na cidade de São Paulo. O artigo resgatou os relatos de criminalistas, juristas, médicos, entre outros, e seus discursos sobre a sexualidade julgada criminalizável e doentia na cidade de São Paulo, no período de 1870 a 1920. Na ocasião, o “sexo” se tornou questão da saúde, investigado pela ciência e pela medicina, a qual buscava a ordenação das condutas e a identificação de desvios e anomalias. Nesse contexto, a prostituição caracterizou-se como doença social passível de ser tratada por meio de seu reconhecimento e não de sua extinção. A intenção era manter a saúde da burguesia e as condições de produção da classe trabalhadora e, de certa forma, foi atribuído à medicina o exercício do controle da sexualidade e da disciplina sobre os corpos, o que resultou na associação da sexualidade à criminalidade. Para o autor:

> A escolha de uma sexualidade que não fosse a reverenciada como normal, além de ser julgada crime, era considerada causa de outros crimes. Esses *invertidos* foram vistos como extremamente perigosos, principalmente os prostitutos... A prostituição masculina, entendida como muito pior que a feminina, devia, portanto, ser reprimida de forma ainda mais eficaz. Não se via nessa prostituição uma forma de trabalho e procura de satisfação sexual, e sim um crime. A homossexualidade masculina foi a forma de sexualidade em relação à qual a visão dos criminólogos esteve mais enraizada na visão da Psiquiatria, onde buscaram as origens da criminalidade (Mazzieiro, 1998, p. 13).

Oliveira (1997) e Ferreira (2003) identificam no contexto urbano o principal *locus* de construção e socialização do sujeito travesti. É na avenida e na rua que se tornam visíveis e que estabelecem suas relações, ainda que a "pista" seja um espaço de perigo e exposição à violência. Pelúcio (2007) aponta que o risco[27] faz parte do cotidiano de muitas travestis que compuseram sua pesquisa. Num enfoque acerca da AIDS, a pesquisa mostra que a possibilidade de contrair o vírus HIV nem sempre é o risco que mais as preocupa. A autora constata que a tentativa, por parte do poder público, de acolhimento de travestis mediante programas de prevenção de DST's acaba por revelar um efeito perverso, visto que:

> Nesses nebulosos lugares de fronteira que são a noite e a rua, as travestis que se prostituem negociam formas de se fazerem visíveis, possíveis e respeitáveis. Quando os programas de prevenção as interpelam nesses ambientes, mais um dos tanto paradoxos que cercam suas vidas aparece: o que se oferece a elas como direito civil e humano virá estreitamente ligado à AIDS, mantendo-as como pessoas associadas à patologia e ao desvio (Pelúcio, 2007, p. 10).

Ainda que a prostituição constitua um campo importante de aprendizado, de troca e de socialização das travestis, podendo ser entendida como possibilidade de trabalho, de ascensão social e de conquistas materiais, ela não traduz os projetos de vida delas, que ganham contorno nas palavras de França (2006) quando destaca os reais "anseios de inclusão social das travestis: **marido, peito e dinheiro**" [28] (p.6).

O dinheiro relaciona-se às necessidades de sobrevivência, impostas pelas condições de vida, e às possibilidades de ascensão social por conseguirem desfrutar do *status* de consumidoras – o que é fundamental para o processo de construção do feminino, na medida em que podem comprar roupas, adereços, hormônios e silicone. Além disso, "ter dinheiro" faz com que se tornem admiradas pelas famílias

27 Optamos por não aprofundar a discussão em torno do conceito de risco nesse espaço.
28 Grifo nosso.

que as rejeitaram e possibilita a garantia de sustento dos “maridos”[29], fato corriqueiro em suas relações (França, 2006).

Maluf (2002) propõe uma análise do filme “Tudo sobre minha mãe”, do cineasta Pedro Almodóvar. Acredita que a escolha do cineasta por personagens com experiências na margem se dá pela condição peculiar que eles possuem de revelar os mecanismos de poder naturalizados no meio social. No filme, a personagem travesti Agrado revela o processo de construção do seu corpo e seus significados. Na visão da autora, o corpo de Agrado só ganha existência na experiência adquirida pela transformação, e, a partir disso, há o seu nascimento como sujeito. É no processo de transformação do corpo que o desejo de ser “outro” ganha concretude, “corporalidade” [30], fato que questiona o caráter de natureza do corpo. O corpo não aparece absoluto, mas como processo, sentido da experiência.

Podemos pensar, ainda, que a experiência da Agrado de Almodóvar, ao revelar “a verdade sobre seu corpo”, pode ser demarcadora das experiências das travestis brasileiras habitantes do contexto cultural urbano. Os sentidos atribuídos ao corpo pelas travestis revelam tensões entre as identidades sexuais e de gênero, o que coloca o grupo numa posição privilegiada pelo uso desestabilizador e provocativo que fazem das categorias mencionadas.

> A experiência corporificada de 'tornar-se outro', ao mesmo tempo que dramatiza os mecanismos de construção da diferença, não deixa de ser um empreendimento anti-hierárquico que desestabiliza as políticas dominantes da subjetividade. Pensar essas experiências de margem talvez nos ajude a repensar o conceito de gênero, seus limites e potencialidades, tanto no campo analítico como no político (Maluf, 2002, p. 151).

A partir do corpo, a visibilidade social das travestis é conquistada pelo domínio e pela criação de uma verdadeira tecnologia, fundamentada nos

29 Nomeação criada e utilizada pelas travestis em relação a seus parceiros.
30 Expressão utilizada por Maluf (2002).

conhecimentos da medicina (Benedetti, 1998). Apropriando-se do que foi exposto até aqui, podemos supor que o mesmo poder desestabilizador que descortina as identidades sexuais e de gênero é utilizado pelas travestis em relação às ciências médicas e biológicas. Na intenção de controlar e dissecar (politicamente) os corpos, a medicina criou um aparato tecnológico do qual as travestis se apropriaram, utilizando-o em sua face mais transgressora: a de questionar as verdades impostas por essas ciências e suas descobertas.

Basta retomarmos Bento (2006), que situa na segunda metade do século VXIII a função assumida pela ciência de delimitação das diferenças anatômicas e fisiológicas entre os sexos a fim de diferenciar homens e mulheres. É a partir de então que a ciência, mediante um exame cuidadoso, torna-se incumbida da tarefa de descobrir o sexo verdadeiro de cada corpo. A medicina, na busca pela superação das ambiguidades, intensifica, no século XX, seu trabalho de assepsia de gênero, que tem como principal alvo os transexuais e hermafroditas. Segundo Reyes (2005),

> se estabeleceram duas categorías a partir das quais se organizou o mundo: *o femenino e o masculino*, determinado-lhes papéis distintos em função das expectativas que se formaram em torno delas. Por aí que se foi tecendo uma rede de significados sociais para corpo, gênero e sexualidade[31] (p.174).

A categoria gênero aparece como um conceito que, na intenção de assinalar as diferenças entre os sexos, revela as desigualdades construídas entre homens e mulheres. Para Bento (2006), as identidades de gênero fundamentam-se numa estrutura plástica e manipulável: o corpo. A ideia de estabilidade nas identidades de gênero, baseada na crença disseminada no meio social de que existem homens e mulheres, em relação de extrema oposição, e separados por diferenças marcantes e visíveis, só pode se realizar em sua aparência de gênero.

[31] Tradução nossa.

Retomamos aqui a questão levantada por Butler (2007), que apresenta o caráter performático do gênero ao afirmar que feminino e masculino não são entidades naturais, mas códigos inscritos sobre o corpo, que devem tentar responder à matriz heteronormativa das sociedades. A autora questiona a suposta materialidade do gênero e afirma que o que existe são expectativas, suposições que são cotidianamente apresentadas e reiteradas pelos indivíduos e grupos para atender ao "ideal regulatório" [32]. Assim, conforme apresentado anteriormente neste texto, Butler (2007) esclarece que "a performatividade deve ser compreendida não como um 'ato' singular ou deliberado, mas ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual os discursos produzem os efeitos que ele nomeia" (p. 154).

As identificações não revelam um todo estável. Ao contrário, é justamente pela necessidade contínua de reiteração, de reapresentação dos discursos sobre os gêneros que as instabilidades se revelam e a eficácia da matriz reguladora é questionada. As associações entre gênero e sexo são produzidas a partir de operações de exclusão em que as combinações reconhecidas serão somente aquelas que a heterormatividade pode decifrar. Mas é nas instabilidades dessas combinações que se encontram "a possibilidade *des*constitutiva no próprio processo de repetição, o poder que desfaz os próprios efeitos pelos quais o 'sexo' é estabilizado, a possibilidade de colocar a consolidação das normas do 'sexo' em uma crise potencialmente produtiva" (Butler, 2007, p. 164).

Os estudos *queer* apresentam um campo fértil para compreensão das questões aqui apresentadas. No sentido em que foi primeiramente utilizado, "*queer* pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário" (Louro, 2004, p. 38). Era utilizado como ofensa, mas foi ressignificado por

[32] Butler apoia-se emFoucault, sem, entretanto, citar a obra.

movimentos homossexuais, principalmente norte-americanos, e assumiu um caráter positivo.

O campo de análise e estudos *queer* surge da produção de um grupo de intelectuais nos anos 90 que buscava um caminho teórico que visava à problematização das noções de sujeito e identidade. Assume como marca ideológica a perspectiva de contestação da normalização e, para tanto, propõe teoria e política pós-identitárias. Dessa forma, busca a superação da lógica binária geradoras de exclusão, dominação, classificações e hierarquias e abre espaço para a multiplicidade e para as ambiguidades no sistema sexo-gênero, sugerindo "a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação" (Louro, 2004, p. 47). Além disso, volta-se para a produção das diferenças e do caráter precário das identidades, buscando o caráter subversivo dos gêneros na margem, entendendo que a subversão está justamente no ponto em que nos falta coerência e explicação. Nesse panorama, travestis, transexuais e *drags* apresentam-se de modo especialmente transgressor, considerados pelos teóricos e teóricas *queer* como personagens emblemáticos da pós-modernidade (Louro, 2004).

Silva e Barboza (2005), manifestando que ainda são poucos os estudos sobre as travestis, lembram que o grupo – por não se enquadrar nos códigos heteronormativos – não está identificado nem no feminino nem no masculino e, estando submetido a uma violenta operação de exclusão da qual nos falou Judith Butler, é frágil na tentativa de superação desta lógica: a de atender a um sistema discursivo legítimo para sexo e gênero. "A afirmação é um menino, é uma menina inaugura um processo de masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete" (Louro, 2004, p.15).

Na busca de um lugar social possível, as travestis vão buscar componentes para suas identificações recheados de códigos de conduta moral previamente prescritos. É nesse movimento que buscam alocar em si e em suas relações papéis rígidos e bem definidos para homem e mulher e projetam suas vidas em planos que envolvem “uma vida a dois nos moldes instituídos por essa norma: uma casa, marido ‘homem de verdade’, tranquilidade financeira, trabalho normal, o que significa fora da noite e da prostituição e, se possível, filhos” (Pelúcio, 2005, p. 8).

Na escassez de possibilidades de identificação, a força da regra heteronormativa se impõe. Considerando-se que desejam intensamente o reconhecimento social, as travestis procuram, no modelo de conjugalidade da heterossexualidade, garantir a aceitação que tanto almejam. Nas palavras de Pelúcio (2006),

> as travestis buscam uma adequação de seus corpos de homens aos seus desejos e práticas sexuais, construindo para si o que Butler chama de gêneros inteligíveis[...] que são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidades entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Presas às amarras heteronormativas e a uma visão hierárquica das relações de gênero, as travestis reproduzem em suas relações conjugais os papéis tradicionais atribuídos à mulher/esposa, esperando de seus parceiros que também estejam adequados a esse modelo (526-527).

Benedetti (2005) assinala que o “marido” das travestis pertence às mesmas camadas da população das quais elas vêm e por isso compartilham do mesmo universo material e simbólico. Na visão do autor, sentir-se desejada como mulher e ter relação estável com um homem consolida e afirma o gênero naquilo que elas chamam de feminino.

Assim, autores como Benedetti (2005) e Pelúcio (2006) refletem que o marido das travestis é o “homem de verdade”, outro personagem que reproduz – e

precisa reproduzir – os atributos da masculinidade hegemônica[33]. No sexo, assim como nas relações conjugais, a heterossexualidade atribuída a seus parceiros jamais é questionada. Pelúcio (2005) revela que as travestis não consideram menos homens seus parceiros pelo fato de eles procurarem travestis para se relacionar sexual e afetivamente. A masculinidade de seus parceiros é questionada quando estes buscam um determinado tipo de sexo: o passivo. Para ilustrar, Benedetti (2005) ressalta a crença das travestis de que seus relacionamentos não são estáveis nem duradouros porque seus homens gostam de "mulher de verdade" e, mais cedo ou mais tarde, partem em busca delas.

Reyes (2005) coloca a adolescência e a juventude como etapas que separam o menino do homem, por ser nessa fase da vida que se consolidarão os signos e símbolos relacionados à masculinidade e à heterossexualidade. Knauth, Víctora e Leal (2005) afirmam: "pois se a atividade sexual é um elemento fundamental do processo de construção da masculinidade, o tornar-se homem só se completa com outros elementos, tais como o trabalho e a paternidade" (p. 156). Portanto, também apoiamo-nos em Bento (2006), para quem o campo de estudos das masculinidades oferece uma perspectiva de análise a partir de um olhar relacional sobre os gêneros, que tende à compreensão da masculinidade e da feminilidade numa construção recíproca e simultânea, e não os situando em extremos opostos.

Welzer-Lang (2004) sugere que, para compreendermos o masculino, precisamos desconstruí-lo em seu gênero, não esquecendo que o gênero é permeado pelas relações em torno do sexo. Afirma que os homens não se

[33] Trindade, Menandro, Silva e Tesche (2007) sistematizam os estudos de alguns pesquisadores e o que estes apresentam como indicativos da masculinidade contemporânea. Dentre as características, figuram: "ser viril e conquistador (num contexto heterossexual), ter sucesso e poder, ser forte e agressivo, ter honra para lutar por um ideal maior, honrar a palavra, ser trabalhador, ter coragem para assumir riscos" (p. 178), dentre outros.

constituem num grupo homogêneo e aponta que as transexuais, travestis e *drags* parecem representar o que o autor chama de transgressões sociais do masculino.

1.5 A inclusão do amor nos estudos sobre masculinidades

Continuando as reflexões iniciadas acima, ainda nos resta um ponto de análise, trazida por Benedetti (2005), para esse esboço de compreensão do sujeito travesti: a lógica do amor romântico, que assume um caráter importante nesse universo na medida em que confere sentido e ordena práticas numa possível associação ao sentimento de "estar apaixonada" [34]. As travestis ligam a paixão a uma condição essencialmente feminina, e poder se apaixonar é mais uma prova do êxito na instauração dessa condição.

Neves (2007), em concordância com a afirmação acima, esclarece que, historicamente, o amor foi frequentemente apontado como um sentimento de mulheres. No entanto, esclarece que o amor, enquanto objeto de estudo das ciências humanas e sociais, ganha um novo conceito nos últimos 40 anos, quando os campos científicos em questão questionam a separação entre sujeito e objeto e entre estruturas e práticas sociais. Assim, estudos mais recentes sobre o amor buscam relacioná-lo a outros campos de análise, tais como: classe, gênero, etnia e orientação sexual.

Sendo assim, se para as travestis amar e apaixonar-se se relaciona ao campo de significações por onde identidades femininas são construídas e reconhecidas, perguntamo-nos também como homens *gays* e heterossexuais dotam de sentindo esta experiência, a fim de refletir sobre as possíveis dissonâncias na experiência do amor para os diferentes grupos. Esclarecemos que, desde o início, o objetivo principal na investigação de representações de masculinidade e amor desta

[34] Grifo nosso.

tese concentrou-se no grupo de travestis. A inserção de grupos de homens *gays* e heterossexuais está na decisão das pesquisadoras de ampliar respostas às questões levantadas pelo universo LGBT e por compreendermos que as pesquisas sobre “diversidade sexual” também pauta-se pela inclusão de grupos de heterossexuais em seu debate.

Segundo Neves (2007) homens e mulheres aprendem a vivenciar de forma diferente a sexualidade, o que faz com que as experiências acerca do amor e da intimidade também sejam vividas de forma diferenciada. Sobre este aspecto, o amor frequentemente é associado ao universo do feminino, um sentimento quase que exclusivamente restrito às mulheres. Assim, concordamos com a autora ao considerar relevante que estudos de gênero, sexualidades, masculinidades e homossexualidades incluam questionamentos acerca do amor, da intimidade e da conjugalidade, de forma a democratizar o próprio sentido destas experiências.

Para Giddens (1993), o sentido que a ideia de romance assumiu no século XIX afetou significativamente a vida social. Assim, a ideia de amor romântico vai associar-se à vida privada do lar, à maternidade e reduz as relações a um único modelo legítimo de conjugalidade: o casamento civil entre homens e mulheres. A consequência de tais mudanças foi vivida de forma peculiar pelas mulheres que adquiriram o saber em torno do amor e da intimidade à custa do isolamento do convívio social e submissas às necessidades de seus maridos. Importante lembrar que a apropriação do ideal do amor romântico trouxe para homens e mulheres a perspectiva fundamental de controle do futuro, uma estratégia de segurança psicológica.

Ao buscar uma definição para a ideia do amor romântico, nos amparamos em Martins (2009) que, ao sistematizar estudos de autores diversos, o define como

> crença no amor como aspecto central no casamento, a crença na existência de um único e verdadeiro amor, a crença de que o amor dura para sempre, a crença de que o amor supera todos os obstáculos e a possibilidade do amor à primeira vista (p. 18).

Em adição, ao tomar uma perspectiva psicológica para a análise e compreensão do amor, autores apresentam definições que o nomeiam enquanto expressões de emoção, atitude, comportamento, cognição ou ainda o explicam por bases essencialmente fisiológicas e organicistas (Sangrador, 1993; Martinez-Plana, 2004; Martins, 2009).

Kehl (1996) afirma que a emergência das sexualidades alternativas[35] vai finalmente atestar que, apesar dos esforços em manter homens e mulheres bem separados, somos, basicamente, uma coisa só. Para a autora, estamos separados por uma sutil diferença, que é mantida por meio da negociação de uma "moeda imaginária e valorizadíssima": o amor (Kehl, 1996). Sobre a relação entre travestilidade e amor, Kehl (1996) compreende que "a feminilidade encarnada pelo travesti consiste em sua disposição ilimitada para amar e fazer de seu amor o dom maior, enobrecido por um discurso que é mais que romântico, é o discurso do sacrifício" (Kehl, 1996, p. 186).

A despeito do que explica Reyes (2005) sobre a tendência atual de os modelos masculinos assumirem imagens mais andróginas, permeadas pelos discursos que pregam a simetria nos relacionamentos e igualdade entre os sexos nas dimensões política, econômica e na esfera do trabalho, supomos que tais mudanças podem ser oriundas da atual circunstância, que é "na cultura ocidental, na época atual, o primeiro período que os homens estão descobrindo que eles próprios

[35] Compreendemos que a autora nomeia de "sexualidades alternativas" as possibilidades não heterossexuais para vivências de sexo, amor e identidades de gênero.

são homens, ou seja, possuem uma *masculinidade* problemática" (Giddens, 1993, p. 70).

Seidler (2004) põe a vivência do amor para os homens como uma experiência complicada. Esclarece que a tradição cristã ocidental impõe a ideia de um amor puro, onde diversos significados e vivências para o corpo e a sexualidade são identificados como pecaminosos. Num contexto em que a construção social da masculinidade confere aos homens características de autocontrole, independência e autosuficiência, o amor torna-se, para os homens, uma emoção a ser controlada. E diz: "se queremos derrubar os muros que temos levantado ao redor de nossos corações, temos que questionar como temos aprendido a ser *suficientemente homens"* [36] (p.386).

Para Guedes e Assunção (2006) conflitos na vivência do amor são típicos das experiências de homens e mulheres na contemporaneidade. Segundo os autores vivemos na contemporaneidade uma experiência onde impera uma lógica narcísica de domínio de si e indiferença em relação ao outro. Levantam como indicadores de insucesso e frustração nas relações amorosas atuais o individualismo – que associado à lógica liberal do capital, tem nos avanços das tecnologias de informação e comunicação o mote para o estabelecimento de relações efêmeras –; o narcisismo – caracterizado pela eliminação de um projeto existencial transgeracional –; e por fim, e como consequência desse contexto, a ausência de habilidades para formar e manter relações.

Outra perspectiva de reflexões acerca do amor aponta a necessidade atual de satisfação instantânea de emoções e afetos onde as inúmeras possibilidades de encontros decorrentes dos aumentos dos espaços urbanos de sociabilidade e o

[36] Tradução nossa.

impulso ao consumo se contrapõem e se confundem à lógica do desejo que pressupõe o amadurecimento. Nesse contexto, o mundo moderno do consumo transforma sobremaneira a manutenção e consistência de relações de longo prazo, cuja ameaça está na ideia de que algo melhor, mais bonito, virtuoso e gratificante está sempre por vir. O que se discute, portanto, não é a defesa de um ideal de amor e de amar, mas expõe e analisa o conflito e a ambiguidade presentes nas relações amorosas atuais, onde constata a dificuldade na criação e manutenção de vínculos entre pessoas (Bauman, 2004).

Ao fazermos um paralelo entre as discussões sobre o amor e as ideias de Vale de Almeida (2000), este afirma que somente os indivíduos que desfrutam da experiência de serem pertencentes a ambos os sexos (e para o autor são poucos) poderão – e nesse aspecto a exibição do corpo inunda de sentido essa experiência – destrinchar as nuances por meio das quais os gêneros são constituídos. Segundo Vale de Almeida (2000), “temos de explicar e não pressupor as práticas através das quais um sistema de diferenças entre pessoas é feito de modo a parecer invariável” (p. 140).

Desta forma, optamos pela inclusão da esfera do amor nos objetivos desta tese. A tomada do amor enquanto elemento de análise nos estudos sobre masculinidades compreende ser este também um elemento ordenador de práticas e comportamentos que atuam na hierarquia dos gêneros. Assim, compreendemos que o amor, da mesma forma que a homofobia, além de importantes eixos de análise para a compreensão das representações de masculinidades, também atuam como elementos estruturantes da mesma.

1.6 A Teoria das Representações Sociais

Ressaltamos a importância de considerar, na perspectiva da pesquisa em Psicologia Social, a escolha da Teoria das Representações Sociais pelas possibilidades teóricas e metodológicas que apresenta à investigação das representações de masculinidades e suas conexões com as discussões acerca do preconceito, discriminação e do amor, propostas para este trabalho.

Entendida como um novo objeto para a psicologia social (Jesuino, 2011), a Teoria das Representações Sociais, ao constituir-se como um *corpus* sistematizado de conhecimentos e instrumentos de análise, teve como precursor teórico Serge Moscovici que, pautado no conceito de Durkheim de “representações coletivas”, cria o termo “representações sociais” (Sá, 1993). Na sociologia de Durkheim, os indivíduos e os grupos estão sob o controle da ideologia dominante, sofrendo a imposição passiva das ideias desse meio. O conceito de representações sociais vem propor um afastamento dessa visão sociológica restrita ao propor uma psicossociologia do conhecimento (Sá, 1993). Em seu trabalho pioneiro sobre a representação social da Psicanálise, publicado na França em meados do século passado, Moscovici analisa como diferentes grupos sociais apropriaram-se da teoria psicanalítica naquele país a partir da revelação de uma necessidade psicológica básica e fundamental: a de garantir a inteligibilidade dos objetos presentes no mundo garantindo também o estabelecimento das relações entre os sujeitos facilitadas pelos processos de comunicação (Vala, 1997).

Sobre esse aspecto, Almeida (2005), ao refletir sobre a plasticidade e as funções das representações sociais afirma a importância das representações para atenderem às necessidades da comunicação por meio de um código legítimo e compartilhado pelos indivíduos; para a transformação da realidade – ao expor o potencial de mudança da vida social e cotidiana pela interação das representações

com os processos de comunicação –; e para que os sujeitos possam orientar-se e construir referências explicativas para o mundo em que vivem, atuando numa perspectiva de controle e domínio da realidade. Os estudos em representações sociais, continuidade do trabalho iniciado por Moscovici, desenvolveram-se em três linhas centrais, três modos de apropriação da teoria: a) uma abordagem processual iniciada por Serge Moscovici e desenvolvida principalmente por Denise Jodelet; b) uma abordagem estrutural desenvolvida principalmente por Jean Claude Abric – também conhecida como Teoria do Núcleo Central; c) e uma abordagem mais sociológica, desenvolvida principalmente por William Doise (Banchs, 2000).

De maneira geral, a Teoria das Representações Sociais oferece a possibilidade de análise de processos vividos e simbolizados pelo sujeito em relação de interação e comunicação com seu entorno. Segundo Santos (2000), as representações são modos de pensamento, elementos fundamentais à compreensão dos processos intra e interindividuais, engendrados em contextos histórico, social e econômico específicos. Nesse sentido, podemos afirmar que as interações humanas são pautadas e caracterizadas pelas representações, na medida em que

> pessoas e grupos, longe de serem receptores passivos, pensam por si mesmos, produzem e comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos colocam. [...] Os acontecimentos, as ciências e as ideologias apenas lhe fornecem o “alimento para o pensamento (Moscovici, 2004, p. 45).

Cabecinhas (2004), ao esclarecer que as representações sociais referem-se a teorias espontâneas construídas pela coletividade para explicar a realidade através de imagens carregadas de significado, esclarece sua dinâmica de construção da realidade articulando-a a diferentes conceitos para análise, tal como o de cognição social. No entanto, a representação social, por referir-se a um conteúdo

que é socialmente elaborado e partilhado relaciona-se às formações ideológicas e às expressões destas nas formações cognitivas de maneira que o sujeito que representa também torna-se alheio às formas e condições da formação do conhecimento que participa. Este conhecimento, elaborado e partilhado, localizado historicamente e pela cultura, possui como interesse principal atender às demandas da vida prática, sem compromisso com a crítica e a formalização do seu processo, definindo o que Rouquette (2005) determina por pensamento social.

Moscovici (2004) assinala que a dinâmica das relações é a dinâmica em que pessoas, objetos e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas. Nas palavras de Jodelet (1986), a "representação social é um instrumento para compreender o outro, para saber como nos conduzimos diante dele e, também, para lhe assinalar um lugar na sociedade" (p. 472). Para que esse outro (pessoas, objetos, acontecimentos) adquira familiaridade, são utilizados dois mecanismos básicos: a objetivação e a ancoragem.

O mecanismo de objetivação procura tornar real a existência do objeto, dar concretude ao que se apresenta abstrato. As representações sociais possuem duas faces interdependentes que procuram igualar toda ideia a uma imagem e toda imagem a uma ideia. Objetivar será reproduzir um conceito em uma imagem, ou melhor, "descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso" (Moscovici, 2004, p. 71).

Para que possamos atribuir sentido ao objeto representado, e utilizar essa representação como referência e instrumento de orientação da realidade, utilizamos a ancoragem. Na ancoragem, o propósito é classificar, dar nome às representações. O objeto a ser representado deve assumir um determinado lugar na sociedade, deve ser atribuído de valor – positivo ou negativo –, para facilitar a interpretação de

características, a compreensão de intenções e motivos, e formar opiniões (Moscovici, 2004). Tal como esclarecido por Trindade, Santos e Almeida (2011) “ancoragem e objetivação foram e ainda são conceitos que explicitam processos basilares para explicar como as RS são construídas e o que elas constroem” (p.103). Nesse sentido, a ancoragem é o processo pela qual, através do estudo das representações sociais, poderemos apreender as dinâmicas e tensões da cultura e seus elementos históricos, regionais e institucionais que influem na produção de sentido (Trindade, Santos & Almeida, 2011).

Moscovici (2004) entende que as representações são prescritivas e “se impõem sobre nós com uma força irresistível” (p. 36). Essa força resultaria da combinação de uma estrutura presente antes mesmo do pensamento e de uma tradição que determina o que deve ser pensado. Assim, as representações são sempre re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas, sendo transmitidas pelos processos de comunicação ensejados pela linguagem. Dessa forma, o autor esclarece as duas principais funções das representações: a primeira seria dar forma a um objeto estranho adequando-o a uma categoria previamente conhecida a fim de interpretar a imagem e/ou informação nova; a outra seria o controle da realidade a partir de um sistema prescritivo para interpretação que perdura através do tempo garantindo a reprodução de códigos e condutas constituindo o estatuto da memória social.

A representação social é um ato de pensamento em que está em jogo a referência para alguém de alguma coisa, atribuir presença a algo ausente. Assim, será sempre uma referência a um determinado objeto restituído simbolicamente pelo sujeito. Dessa forma, esse mesmo sujeito atribui sentido ao novo que se incorpora, revelando a interface da atividade simbólica e significante na construção da

representação (Jodelet, 1986). Vala (1997) interpreta que as representações sociais trazem compreensão à relação que um sujeito estabelece com um determinado objeto por meio do desvelamento das atividades que ocorrem no âmbito dessa interação. O autor chama a atenção aos processos mentais de construção, modelização e simbolização na elaboração das representações sociais e afirma: “referem-se a um fenômeno comum a todas as sociedades - a produção de sentido” (p.354).

Alexandre (2004) ressalta a importância da linguagem na elaboração das Representações Sociais. Para o autor, as comunicações intersubjetivas recorrem à linguagem como experiência humana através da qual categorizamos e dotamos de sentido às experiências cotidianas, sendo assim, especial atenção deve ser dada ao estudo da dinâmica das cognições sociais, pela influência que estas exercem no comportamento social. Desta forma, concluímos que o enfoque dado à atividade psíquica é base fundante da teoria em Representações Sociais. Se entendemos que essa se refere, basicamente, a uma teoria de símbolos, vemos que a representação pressupõe uma interação “pessoa-mundo” e, nesse processo, organiza os aspectos cognitivos, afetivos e sociais, pareando uma imagem a um significado (Jovchelovitch, 2003, p. 71).

Por questões tais como as apresentadas acima, Trindade (1998) defende o posicionamento epistemológico e a ampliação da aplicação da Teoria, ao ressaltar que as Representações Sociais devem ser consideradas como uma “forma de conhecimento competente”, ou seja, as representações sociais envolvem processos sociocognitivos, afetam práticas e atendem aos sistemas de orientação e identificação do sujeito, negando qualquer explicação que pretenda ser absoluta acerca de um objeto.

Identificamos estudos que relacionam a Teoria das Representações Sociais a conceitos pertinentes em Psicologia Social, tais como o de preconceito e estereótipo (Pereira, Torres & Almeida, 2003; Arruda, Gonçalves & Mululo, 2008). Cabe esclarecer que a definição a que nos amparamos acerca de estereótipo o conceitua a partir de crenças compartilhadas por grupos sobre atributos, características, traços psicológicos, morais ou físicos que podem reunir critérios como idade, sexo, religião, dentre outros; influenciando comportamentos e condutas em relações intragrupais. Quando associadas a sentimentos de maior ou menor complexidade, intensidade e valor (negativo ou positivo) constituem o preconceito social, que diferencia-se da discriminação por esta caracterizar-se como tratamento desigual e/ou injusto direcionada a grupos e sujeitos específicos (Krüger, 2004).

Ressaltamos aqueles que relacionam a teoria e os conceitos acima citados à abordagem de grupos e categorias analíticas específicas, quer seja, os estudos sobre gênero e grupos de homossexuais como, por exemplo, os descritos a seguir. Dessa forma, encontramos um apoio teórico e metodológico dentro da Teoria das Representações Sociais ao objeto e sujeitos foco do interesse dessa tese: as masculinidades, o amor e os grupos de travestis, homens *gays* e heterossexuais.

Lacerda, Pereira e Camino (2002) realizaram estudo na perspectiva das Representações Sociais para identificarem as formas de preconceito contra homossexuais por meio de questionários aplicados em estudantes universitários. Para os autores, o preconceito estabelece-se na relação intergrupal e caracteriza-se pela presença de comportamentos discriminatórios e atribuições negativas a sujeitos pertencentes a grupos distintos. Alertam que, há algum tempo, a expressão do preconceito contra pessoas e grupos passou a ser recriminada socialmente, e que esse, então, tomou formas mais sutis de manifestação.

Outra importante conexão são as inter-relações entre a Teoria das Representações Sociais e as teorias de gênero, elaboradas por Arruda (2002). Tanto a teoria das representações sociais - cuja elaboração iniciou-se por Moscovici na década de 60 – quanto as teorias de gênero – conceito que ganha consistência através dos estudos feministas e de autoras como Joan Scott na década de 80 – propõem críticas ao binarismo (como exemplo: natureza e cultura, masculinidade e feminilidade como modelos de oposição sobre os quais toda a pluralidade das construções afetivas e cognitivas é apagada). Dessa forma, propõem abordagens relacionais, o que implica numa íntima relação entre um tema, um objeto a ser conhecido e seu contexto e traz para a análise relações de dominação e poder.

Para Moscovici (2004), as Representações Sociais, ao criarem a ideia de estabilidade a partir da re-apresentação de discursos, devem considerar a diversidade e a riqueza de grupos, pessoas, suas atitudes e pluralidade dos contextos a que pertencem, pois devemos, a partir das representações, entender como esses mesmos grupos e pessoas criam um mundo estável e previsível. Assim, ao assimilarmos a perspectiva das Representações Sociais em seu poder de desvendar como os conhecimentos da vida cotidiana são construídos e partilhados pelas pessoas influenciando práticas e atitudes, buscamos conhecer e identificar as representações de masculinidade e de amor de homens heterossexuais, *gays* e travestis, bem como inferir sobre quais práticas (enfocando os papéis sexuais socialmente atribuídos à homens e mulheres) podem relacionar-se às representações que apresentarem sobre masculinidade e, ainda, como percebem a incidência e influência do preconceito e da homofobia no segmento de *gays* e travestis.

CAPÍTULO 2

2.0 - As Dimensões Do Método

O objetivo geral da pesquisa desta tese consistiu na investigação das representações sociais de masculinidades e de amor em grupos com identidades de gênero e práticas sexo-diversas. Especificamente pretende-se:

- Identificar e analisar representações sociais de masculinidade de travestis, homens *gays* e homens heterossexuais;
- Identificar e analisar representações sociais de amor de travestis, homens *gays* e homens heterossexuais;
- Adicionalmente, busca-se apreender experiências de discriminação e preconceito vividas em função das identidades de gênero e orientações sexuais, bem como relacionar as experiências de discriminação e preconceito às construções das representações sociais investigadas.

Os dados reunidos para esta pesquisa foram coletados em duas etapas: uma primeira consistiu na realização de entrevistas somente com travestis e uma segunda etapa que reúne questionários respondidos por homens *gays*, heterossexuais e travestis.

Caracterizaremos a seguir as estratégias metodológicas adotadas para cada etapa em separado, considerando a especificidade dos instrumentos utilizados, as estratégias para identificação e encontro com participantes e os procedimentos adotados para a análise.

2.1 – Primeira etapa: masculinidade e amor para travestis:

2.1.1 – Participantes:

Com o objetivo de investigação das representações sociais de masculinidades e de amor, participaram dessa etapa da pesquisa 21 travestis. Definimos como critérios de seleção: ser residente no Espírito Santo na ocasião da entrevista, já ter iniciado o processo de transformação do corpo e autoidentificação como travesti. Nossa intenção inicial foi reunir uma amostra jovem buscando apreender os significados que estas travestis atribuem às suas experiências neste momento de suas vidas. A apreensão dos significados de um grupo jovem ampara-se na literatura que aborda essa temática e que define este momento da vida, quer seja, adolescência/juventude, como a época de decisões e mudanças importantes na vida da travesti, tais como: a transformação do corpo; o abandono da vida escolar em consequência do início da transformação; a revelação ou descoberta da travestilidade pela família e a forte rejeição por parte de seus membros; a entrada na prostituição. Diante disso, realizamos a coleta com travestis jovens sem, entretanto, excluir participante que tenha declarado idade acima dos 25 anos.

2.1.2 – Instrumento de coleta de dados:

Utilizamos como instrumento a entrevista com roteiro do tipo semiestruturado, tal como defendida por Gaskell (2002) [37]em estudos acadêmicos qualitativos, construído com bases em questões abordando os seguintes eixos: dados sociodemográficos, atividades e lazer, processo de transformação do corpo e relacionamentos amorosos. Os dados foram gravados em áudio digital e posteriormente transcritos. Para detalhamento do instrumento utilizado para as entrevistas, ver APÊNDICE I[38].

2.1.3 – Procedimentos utilizados para coleta de dados:

[37] "O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação ao comportamento das pessoas em contextos socais específicos" (Gaskell, 2002, p.65).

[38]Na realização de algumas entrevistas incluímos outras perguntas que foram criadas e feitas no momento pela pesquisadora a fim de colher e aprofundar informações da participante sobre os tópicos abordados.

Contamos com a colaboração da ONG Associação de *Gays* do Espírito Santo para elaboração em conjunto de um cronograma para idas a campo e para abordagem inicial das participantes que encontravam-se em vias públicas na atividade da prostituição. Estas entrevistas foram realizadas em dias úteis e finais de semana, sempre no período da noite.

Neste momento da coleta, as falas das entrevistadas seguiram a ordem das questões apresentadas no roteiro da pesquisadora. Estas entrevistas realizadas na rua, no ponto de prostituição tiveram como características a rapidez, o uso de respostas mais objetivas pelas participantes e a percepção pela pesquisadora de tensão na fala das entrevistadas (a entrevista mais curta durou 6’56”).

Tais aspectos provocaram a revisão de nossas estratégias de coleta de dados. Uma vez apreendidas as regras, ritmos e significados da *pista*, questionamos a imediata associação entre *pista* e travestilidade, aspecto que será retomado na discussão do capítulo três. Decidimos, então, realizar entrevistas em espaços que não o ponto para prostituição; identificar e buscar outras travestis que possuíssem ocupação e profissões que não fosse de profissional do sexo a fim de ampliar os enunciados discursivos do grupo de travestis participantes.

Estas outras entrevistas foram realizadas em praças públicas no bairro de moradia das entrevistadas, nos locais de trabalho das mesmas, em eventos e conferências para LGBT e nas residências das participantes. Tiveram como característica o fato de serem entrevistas mais longas, cuja receptividade ao desenvolvimento das questões apresentadas pela pesquisadora foi maior e onde o fluxo da narrativa foi editado pela própria entrevistada (a entrevista mais longa durou

58’ e 39’’), aproximando-se dos critérios delineados por Jovchelovitch e Bauer (2002)[39] sobre a entrevista narrativa.

2.1.4 - Procedimentos para análise dos dados:

Para tratamento e análise dos dados utilizamos as técnicas de análise de conteúdo tal como apontadas por Bardin (2009) a fim de aplicar os critérios da “vigilância crítica” e de “técnicas de ruptura” na intenção de tratar um conteúdo proveniente de registros de pesquisa de maneira rigorosa e interpretativa, e evitar a mera descrição dos registros. Dentro dessa proposta, tomamos como referência as técnicas para análise de conteúdo categorial-temática apresentada por Oliveira[40] (2008).

O material das entrevistas foi encadernado para facilitar a primeira parte do procedimento, a leitura flutuante (Oliveira, 2008; Bardin, 2009). As primeiras impressões do pesquisador foram anotadas no verso das folhas transcritas. O material foi novamente lido e o conteúdo das entrevistas grifado com uso de cores diferenciadas. Conteúdos semelhantes receberam grifos da mesma cor.

Construímos uma tabela no programa *Word* para realização de uma segunda segmentação do conteúdo. Cada cor utilizada para grifo nos textos das entrevistadas corresponderia a uma nova tabela, que esteve organizada da seguinte forma: divisão em duas colunas e vinte e uma linhas. A primeira coluna identificava a participante (identificadas por E1, E2, E3... E21) e a segunda coluna reservou espaço para inclusão do texto. A divisão das linhas seguiu a ordem de identificação das participantes, portanto: participante E1 na primeira linha, E2 na segunda e assim até a identificação da 21º linha. Na segunda coluna inserimos todos os textos da

[39] Dentre eles, solicitar ao participante que conte acontecimentos marcantes de sua vida pessoal, social e reconstruir esses acontecimentos a partir da perspectiva dos participantes. (Jovchelovitch & Bauer, 2002).

[40] A autora a define como um conjunto de procedimentos sistemáticos a serem utilizados na análise de conteúdo a fim de estabelecer critérios para a construção de categorias.

participante grifado com a mesma cor (Por exemplo: todos os textos em amarelo ouro da participante E1 na primeira linha, textos em amarelo ouro de E2 na segunda linha até o fim da segmentação). Ao final, fizemos uma nova leitura do conteúdo a fim de identificar um nome que representasse, ainda que de maneira generalizada, o tema da tabela construída e a quantidade de participantes que fizeram menção ao tema.

Denominamos este momento de 1ª tematização, cujos temas encontrados foram: auto referência e atividades; trabalho; composição e relacionamento familiar; projeção na vida; preconceito; transformação do corpo; relacionamento amoroso; percepção de homem x mulher; prostituição; dados sociodemográficos; militância; religião; paternidade e maternidade (total de 13 tabelas). Para ilustrar a descrição acima, observar no APÊNDICE II, o início das divisões em tabelas dos temas acima especificados.

Em seguida, construímos outra tabela utilizando o *Word* e realizamos uma terceira segmentação do *corpus*, denominada de 2ª tematização. A primeira linha repetia o nome do tema encontrado e a quantidade de entrevistadas que fizeram referência ao mesmo. Depois, dividimos e nomeamos três colunas: título do subtema, unidades de registro e quantidade de unidades de registro no *corpus* (verificar APÊNDICE III).

Primeiro, relemos o conteúdo de cada tabela e, também utilizando de identificação por cores, buscamos segmentar e aproximar conteúdos semelhantes presentes num mesmo tema. Feito isso, colocamos numa mesma linha e na coluna do meio os conteúdos (Unidades de Registro, doravante UR) identificados com a mesma cor. Na coluna da esquerda nomeamos o conjunto das unidades de registro encontradas a partir de um nome (subtema) e na coluna da direita a quantidade de

unidades de registro encontradas (frequência de UR no corpus). Por exemplo, o tema *auto referência e atividades* foi mencionado por 20 das 21 entrevistadas. Dentro desse tema, o subtema "satisfação com ser travesti (autoimagem)" foi mencionado por 21 vezes (esse recurso permitiu visualizar quantas vezes uma mesma participante fez referência ao mesmo subtema durante a entrevista); o subtema "atividades e lazer" foi mencionado 24 vezes e o subtema "jeito de ser/temperamento" foi mencionado 27 vezes.

Uma vez realizada a segunda tematização do conteúdo, realizamos nova leitura para apreensão das categorias. Subtemas que foram mencionados por muitas vezes (alta frequência de UR no *corpus*) e por diversas entrevistadas (verificadas pela 2º tematização) e temas que foram amplamente mencionados pelo grupo entrevistado na 1º tematização (por exemplo, 21 das 21 entrevistadas fizeram referência ao tema "transformação do corpo" e "relacionamento amoroso") foram fundamentais à nomeação das categorias encontradas. Cabe ressaltar que temas que apresentaram conteúdos de subtemas semelhantes foram incorporados a uma mesma categoria. Os temas "militância", "religião", "exercício da maternidade e paternidade" foram suprimidos do processo de categorização pelo baixo índice de referências e frequência na fala das participantes. A seguir, apresentaremos quadro com a descrição dos temas e subtemas encontrados na primeira e segunda tematização.

	SUBTEMAS	
	Auto referência e atividades	Satisfação com ser travesti (autoimagem); Satisfação e reconhecimento com o trabalho; Atividades e lazer; Relações Sociais; Jeito de ser/temperamento; Introjeção.
	Trabalho	Prostituição como escolha; Prostituição como destino; Insatisfação com o trabalho; Dinheiro; Travestilidade e mercado de trabalho.
	Composição e relacionamento familiar	Aceitação familiar; Classe social; Revelação na infância; Juventude dos pais; Família é base; Contexto de violência/conflito familiar; Morar com família; Ausência do Pai; Irmãos; Separação da família e independência financeira; Aceitação construída, perdão da família e apoio financeiro.
	Projeção na vida	Passado; Presente; Futuro.
	Preconceito	Preconceito na sociedade; Preconceito intra-familiar; Traços de misoginia; Inversão

TEMAS		da imagem; Preconceito internalizado dos clientes; Interdição do espaço social; Superação; Emoção que acompanha; Não sofreu discriminação.
	Transformação do corpo	Momento da vida; Dificuldades e enfrentamento; Transformação, família e independência; Decisão pela cirurgia plástica; Cirurgia Plástica; Hormônio; Considerações sobre o hormônio; Considerações sobre a cirurgia plástica; Considerações sobre a cirurgia de redesignação sexual; Vaidade; Montagem; Recurso para cirurgia; Infância travesti; Natureza feminina; Considerações sobre o silicone industrial; Transformação e emprego; Montagem estratégica; Indecisão/religião; O preço de ser mulher.
	Relacionamento amoroso	Ela; Ele; Homem ideal; Experiências; Para ter um relacionamento; O que os homens procuram numa "trans"; Relacionamento Ideal; Encontros; Relacionamento real; Planos; Homem real;
	Percepção de homem/mulher	Feminino; Masculino; Papéis rígidos; Neutro; O que os homens querem com as travestis.
	Prostituição	Dinheiro, caráter (escolha); Perigo da prostituição; Prostituição como destino; Aprendizado com as mais experientes; Início na prostituição; Europa; Reconhecimento do corpo; Corpo objeto; Dinâmica da prostituição; Projetos de vida; Abandono familiar e prostituição; Associação: imagem negativa da travesti + prostituição; Montagem estratégica.
	Dados sócio-demográficos	Idade; Profissão; Escolaridade; Cidade; Renda.

Quadro 1 – Descrição dos temas e subtemas encontrados nas tematizações

2.2 – Segunda etapa: masculinidade e amor para travestis, *gays* e homens heterossexuais:

2.2.1 – Participantes:

São objetivos desta coleta estão investigar as representações sociais de masculinidades e de amor de homens *gays,* homens heterossexuais e travestis e comparar os resultados encontrados entre os grupos pesquisados. Adicionalmente, procuramos investigar de que forma as experiências de preconceito e discriminação por orientação sexual e identidade de gênero influenciam a construção das representações sociais de masculinidade e de amor.

Participaram deste estudo 52 homens gays, 40 heterossexuais e 39 travestis. Em relação aos critérios de inclusão para participação na pesquisa, definimos: morar no Estado do Espírito Santo, com idades a partir de 18 anos, possuir qualquer nível de escolarização e incluir-se nas categorias definidas por homens *gays*, heterossexuais e travestis. A seguir, quadro descritivo dos participantes com a identificação das variáveis (escolaridade e idade) utilizadas para análise no ALCESTE.

2.2.2 – Instrumento de coleta de dados:

Utilizamos um questionário composto de 16 questões – 14 abertas e 2 fechadas (APÊNDICE IV). As questões estavam organizadas em três blocos temáticos de perguntas. O primeiro bloco abordou percepções e crenças dos participantes sobre “ser homem” e “ser mulher”. O segundo bloco consistiu em perguntas sobre “amor” e “sexo” e o terceiro bloco abordou questões sobre preconceito e discriminação. No cabeçalho do questionário foram preenchidas informações sobre idade, escolaridade, profissão ou ocupação e autoidentificação dos participantes nas categorias: *gays*, heterossexuais, travestis, transexuais ou bissexuais.

Um “piloto” deste estudo foi realizado e contou com a participação de um pequeno grupo de travestis e homens *gays* (10 participantes de cada grupo). A realização do piloto nos permitiu alterar a redação de algumas questões do instrumento, a fim de tornar mais fácil sua compreensão pelos participantes. Também inserimos as questões 13 e 14 a fim de reunir um volume maior de dados sobre como os participantes vivenciam e projetam suas relações amorosas. As questões 15 e 16 abordam experiências de preconceito e discriminação vividos pelos participantes e também foram inseridas no questionário posteriormente, a partir do relato das entrevistas (Capítulo 3) quando, então, verificamos que tais experiências influenciam e relacionam-se às construções das representações de masculinidades e amor para os grupos pesquisados. Outro aspecto refere-se à inserção do grupo de homens heterossexuais na pesquisa. Refletimos que a discussão sobre masculinidade e suas relações às construções de identidade de gênero e vivências afetivas e sexuais diversas também deve pautar-se pela contemplação dos discursos e práticas de grupos que se autoidentificam como

heterossexuais, compreendendo que estes grupos também devem ser incluídos e contemplados nos debates sobre diversidade sexual.

Conforme apontado por Sá (1998) o uso dos questionários em pesquisa permite uma coleta otimizada de dados, uma vez que vários participantes podem responder às questões apresentadas simultaneamente. Este recurso torna-se interessante às pesquisas cujas amostras pré-definem um número alto de participantes. Ainda que o uso de questionários seja estratégia eficiente para pesquisas de abordagem quantitativa, alguns autores apontam problemas no uso deste instrumento.

Almeida (2005) apresenta dúvidas ao uso do questionário ao problematizar que a definição prévia de temas e itens a serem abordados pelo pesquisador pode significar a redução da expressão dos indivíduos às perguntas formuladas e simplificação do objeto pesquisado. Afirmações como estas nos fizeram questionar a validação de algumas questões propostas em nosso instrumento de coleta, a partir da dúvida sobre se as questões dariam conta de abordar a diversidade de crenças e experiências dos grupos pesquisados. Questionamos se o instrumento seria suficiente na apreensão do discurso dos sujeitos para tratar as inúmeras possibilidades de construção de identidades de gênero e práticas *hetero* e homoeróticas em pesquisas através do uso de questionários.

Sobre esse aspecto, e como forma de minimizar impactos negativos na aquisição dos resultados, atentamos às discussões sobre a inserção da categoria "gênero" nos estudos em Psicologia Social compreendendo sua história e amadurecimento dentro deste campo, tal como a entrada nas décadas de 80 e 90 do século passado dos estudos sobre homem e masculinidade e sobre outras identidades de gênero, influência do movimento LGBT da época (Galinkin, Santos &

Zauli-Fellows, 2010). Portanto, além da alteração e inclusão de questões, acreditamos que a possibilidade dada aos participantes de autoidentificação nas categorias *gays*, heterossexuais, bissexuais, travestis e transexuais, bem como a predominância de questões abertas tenha minimizado as adversidades metodológicas apontadas acima.

2.2.3 – Procedimentos utilizados para coleta de dados:

As estratégias utilizadas para a coleta de dados foram[41]: divulgação da pesquisa e agendamento com os participantes que manifestaram interesse e disponibilidade; aplicação dos questionários em salas de aula (nesse caso, pudemos dispor de turmas de medicina e farmácia da Universidade Federal do Espírito Santo.); utilização dos recursos do Google Docs® para divulgação e preenchimento do questionário *online*.

Esses recursos foram os utilizados, basicamente, para coleta dos homens *gays* e heterossexuais. Das 39 travestis participantes, somente duas responderam ao questionário *online.* Alguns elementos precisaram ser considerados na coleta do grupo das travestis.

Conforme será descrito no Capítulo 3, aspectos relacionados ao preconceito e a intolerância direcionados ao grupo das travestis são determinantes para uma vida fora da escola e na atividade da prostituição. Sendo assim, a maior parte dos questionários, ou seja, trinta e oito foram respondidos a partir do agendamento direto com as participantes. Para tanto, retomamos o contato com a ONG AGES (Associação de *Gays* do Espírito Santo) e também com a ONG ASTRAES (Associação de Travestis, Transexuais e Transgêneros) e ACCARD

[41]Parte da proposta desse estudo foi submetida ao Programa Institucional de Iniciação Científica da Universidade Federal do Espírito Santo. Portanto, contamos com a colaboração de uma aluna da graduação em Psicologia na coleta de dados dos grupos de homens *gays* e heterossexuais.

(Associação Capixaba de Redução de Danos) a fim de articular o agendamento dos questionários com possíveis participantes.

Também contamos com o apoio de participantes que concederam entrevistas para indicação e acompanhamento de novas participantes para respostas aos questionários. Os questionários foram respondidos na pista, (via pública utilizada para a atividade da prostituição), na sede das ONGs, na casa ou no local de trabalho das informantes.

Outro elemento relaciona-se à solicitação de respostas por escrito ao questionário de pesquisa. Tal como será relatado no capítulo 3, o baixo grau de escolaridade apresentado pelas travestis parece tê-las intimidado ao uso da expressão escrita para participação na pesquisa. Portanto, as estratégias utilizadas pela pesquisadora foram: leitura das questões e anotação das respostas; utilização de um gravador digital para registro das respostas às questões. A utilização do gravador para registro das respostas das participantes foi a estratégia mais usada pela pesquisadora, especialmente importante nos questionários realizados na pista, cuja dinâmica de funcionamento também pode ser apreendida pela leitura do capítulo 3.

As gravações em áudio foram posteriormente transcritas e o banco de dados construído conforme as regras estabelecidas pelo programa de análise textual utilizado. Neste momento, definimos como variáveis para construção do banco de dados a identificação no grupo (G, H, ou T): a idade (acima ou abaixo dos 24 anos de idade para delimitar os participantes entre jovens e não jovens) e escolaridade (níveis: fundamental, médio e superior). Para ilustrar, seguem informações sobre os participantes que responderam aos questionários.

Quadro 2 – Informações sobre idade e escolaridade dos participantes

Participantes (n = x)	Homens Heterossexuais (n=40)	Homens *Gays* (n=52)	Travestis (n=39)
Idade: até 24 anos (id_1)	30 participantes	30 participantes	4 participantes
Idade: acima de 24 anos (id_2)	10 participantes	22 participantes	35 participantes
Escolaridade: fundamental (concluído, interrompido ou me curso) (esc_1)	0 participantes	02 participantes	20 participantes
Escolaridade: Médio (concluído ou em curso) (esc_2)	32 participantes	30 participantes	18 participantes
Escolaridade: Superior (concluído ou em curso) (esc_3)	8 participantes	20 participantes	01 (Uma) participante

2.2.4 – Procedimentos para análise dos dados:

Para análise dos dados obtidos utilizamos o ALCESTE (*Analyse Lexicale par Contexte d'um Ensemble de Segments de Texte*), *software* desenvolvido por Reinert (1990), cuja utilização adequa-se bem a pesquisas que possuem grande volume de dados de texto. O ALCESTE articula métodos estatísticos, tais como a Classificação Hierárquica Descendente e a Análise de Correspondência e, por isso, pode ser definido tanto como uma técnica quanto por uma metodologia para análise textual (Menandro, 2004).

Consideramos que a utilização do ALCESTE em pesquisas sobre Representações Sociais é interessante, pois o programa permite visualizar que o "uso de um vocabulário específico é visto como uma fonte para detectar maneiras de

pensar sobre um objeto" (Kronberger & Wagner, 2002, p. 427)[42]. De acordo com Camargo (2005), um *corpus* deve ser monotemático para que sejam adequadas às análises do ALCESTE. Assim, para cada grupo pesquisado (travestis, *gays* e heterossexuais) construímos três bancos de acordo com a divisão por temas contida no questionário (questões sobre *ser homem*, *ser mulher*, questões sobre amor e sexo e questões sobre preconceito e homofobia), cuja nomenclatura utilizada foi: G1, H1 e T1; G2, H2 e T2; G3, H3 e T3.

No que se refere à análise das questões de preconceito e homofobia, utilizamos o ALCESTE somente nos bancos G3 e T3. Entre os homens heterossexuais, somente um disse ter sofrido discriminação por *ser hetero,* sugerindo que sua orientação sexual e identidade de gênero foi vista por homens *gays* como naturalmente preconceituosa. Os restantes relataram não ter sofrido preconceito e/ou discriminação em função de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero, sendo assim, não obtivemos para esse grupo-tema o volume de texto necessário para utilização do *software.* Apresentamos abaixo quadro que resume as estratégias metodológicas utilizadas para a tese.

Quadro 3 - Organização geral da tese

Tese	**Objetivos**	**Participantes**	**Método de coleta de dados**	**Análise dos dados**
Coleta 1 (primeiro momento de coleta)	- Entender as representações sociais de masculinidade e de amor de travestis; -	21 travestis residentes no Espírito Santo	Entrevistas	Análise de conteúdo conforme Bardin (2009).

[42] Maiores informações sobre o funcionamento do *software* e suas interfaces com pesquisas em Representações Sociais poderão ser encontradas nos trabalhos de Menandro, 2004; Ribeiro, 2005; Camargo, 2005; Lima, 2008; Coutinho, 2009 e Bonomo, 2010.

	Relacionar às experiências de discriminação e preconceito às construções das representações sociais investigadas.			
Coleta 2 (segundo momento de coleta)	- Investigar as representações sociais de masculinidade e de amor de travestis, *gays* e homens heterossexuais; - Comparar o resultado dos grupos; - Relacionar às experiências de discriminação e preconceito às construções das representações sociais investigadas.	131 participantes: 52 *gays*, 40 heterossexuais e 39 travestis	Questionário com questões abertas e fechadas	Utilização de *software* para análise textual (ALCESTE).

A seguir serão descritos os capítulos que apresentam resultados relacionados aos conjuntos de dados que compõem a tese. Cumpre esclarecer que cada capítulo se inicia com uma seção introdutória em que se exploram algumas especificidades teóricas e temáticas sobre o comjunto a ser descrito. Além disso, segue-se à descrição dos resultados uma discussão referente aos mesmos.

CAPÍTULO 03

“Ensaios para uma ética do amor e do desejo”

1.0- *Somos todos modernos*

O título desta seção introdutória é uma ironia e o uso desta figura de linguagem será explicitado. Quando atuava na secretaria de assistência social do município de Vitória, no Estado do Espírito Santo estivemos envolvidos, digo, profissionais de psicologia, de serviço social, educadores sociais e estudantes de graduação de cursos de ciências humanas da referida secretaria, em um trabalho de campo que buscava mapear os pontos de exploração sexual comercial de crianças e adolescentes na cidade.

O início deste trabalho, que intencionava constituir ações de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes, se deu a partir de denúncia realizada à Prefeitura de Vitória feita por uma Organização Não Governamental (ONG) que realiza trabalho de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e distribuição de preservativos em espaços públicos – banheiros, praças, parques – onde é comum o encontro de homens que fazem sexo com homens[43] para realização de intercurso sexual. Segundo a ONG, algumas crianças e adolescentes, especialmente as do sexo masculino, estavam frequentando estes espaços e realizando sexo com homens adultos em troca de algum dinheiro ou qualquer outro objeto que lhes interessasse. Alguns desses homens eram HIV positivos.

A equipe da secretaria de assistência social atuou em parceria com a equipe de multiplicadores da ONG Associação de Gays do Espírito Santo que já

[43] Não encontramos na bibliografia utilizada para este trabalho definição que esclareça práticas e comportamentos utilizados pelos homens que fazem sexo com homens. Escolhemos a definição apresentada pela ONG AGES, que os define enquanto grupo cuja prática de sexo é comum entre homens, sem, no entanto, se identificarem como pertencentes a uma subcultura *gay*, definindo-se, inclusive, como heterossexuais.

possuía conhecimento e inserção nos locais onde seriam realizadas as intervenções. Também foi disponibilizada para integrarem o trabalho uma equipe de agentes da secretaria de segurança urbana da Prefeitura de Vitória.

As ações foram planejadas em conjunto e consistiram em: mapeamento dos pontos de exploração sexual comercial em Vitória; confecção de material pedagógico contendo informações sobre violência e abuso sexual de menores de idade para distribuição em eventos públicos com grande frequência e circulação de pessoas; *blitzes* em conjunto com a guarda municipal, polícia civil, polícia militar e vigilância sanitária; inserção da equipe da assistência social nos pontos mapeados a fim de identificar e abordar crianças e adolescentes para inseri-los e acompanhá-los – e a seus familiares – em programas de transferência de renda e apoio psicossocial. A maior parte dessas ações foi realizada no período da noite, finais de semana e feriados.

Em uma das reuniões de planejamento com técnicos da secretaria de segurança urbana, um grande mapa da cidade de Vitória foi exposto para que pudéssemos identificar a localização e o perfil por sexo de crianças e/ou adolescentes que estavam frequentando tais espaços. Por exemplo: um dos píeres da praia de Camburi era frequentado por meninos, adolescentes, egressos das unidades de internação para adolescentes autores de ato infracional. De acordo com informações da ONG, um dos pontos de comércio sexual era exclusivo de frequência de travestis adolescentes. Este ponto não foi marcado no mapa.

Os técnicos da secretaria de segurança urbana foram provocados a corrigirem esse “descuido” que implicava na exclusão das travestis do mapa da prostituição juvenil na cidade. No entanto, esse lapso foi suficiente para a percepção da invisibilidade no tratamento deste grupo específico e, a partir de então, inúmeras

questões sobre a vida travesti foram formuladas, dentre elas, investigar o significado para esses meninos/meninas do ser travesti, adolescente e prostituta.

A afinidade com o campo de estudos das masculinidades já existia desde a oportunidade de participação em estágio curricular do curso de graduação em Psicologia, cujo foco era a intervenção com pais adolescentes. Os estudos iniciados após os primeiros questionamentos realizados acerca das travestis só confirmaram que a(s) masculinidade(s), enquanto ferramenta heurística mostra-se bastante consistente quando intencionamos pesquisar e analisar questões que envolvem a atribuição de sexo e gênero a grupos e/ou indivíduos (Connel, 1997; Martini, 2002a; Martini, 2002b; Giffin, 2005; Grossi, 2004).

Se a intersecção entre o campo de estudos das masculinidades e a teoria das representações sociais já apresenta produções profícuas (Trindade, Menandro, Silva & Tesche, 2007; Trindade, Menandro & Silva, 2009), a escolha do amor, sua definição enquanto objeto de estudo e integração ao projeto de pesquisa para doutorado, tornou-se a aposta das pesquisadoras que buscavam investigar elementos que pudessem ampliar as reflexões em estudos sobre masculinidades e representações sociais bem como maximizar a compreensão do contexto cultural dos grupos a serem pesquisados.

Cumpre ressaltar, a partir do que afirmam Palmonari e Cerrato (2011), que a representação social e suas bases epistemológicas e metodológicas que sistematizadas constituem a Teoria das Representações Sociais surge num contexto de crise da Psicologia Social onde conceitos tais como o de atitude eram criticados por proporem uma leitura da sociedade a partir da individualização de práticas e comportamentos e sem considerar o dinamismo e as tradições presentes nos processos de transformação da vida social.

Dessa forma, a Teoria das Representações Sociais propõe a compreensão do comportamento social incluindo, para isso, o estudo da influência dos processos de comunicação nesses comportamentos visto que tais comportamentos se diversificaram em virtude do progresso científico, tecnológico e de urbanização. Assim, foi aberto espaço para a análise de crenças, juízos e valores compartilhados por indivíduos em uma cultura, onde sujeitos e grupos se constituem a partir da interação e do compartilhamento dessas crenças, ideias e valores a partir da atribuição de sentido e significados à sua história e suas experiências (Palmonari & Cerrato, 2011).

A entrada no Fórum Estadual em Defesa dos Direitos de LGBT como representante do Conselho Regional de Psicologia (CRP – 16ª região) se deu imediatamente após a aprovação no programa de doutorado em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Antes disso, a articulação com a Associação de Gays do Espírito Santo se manteve, já esclarecidas as intenções da pesquisadora de realização de pesquisa com travestis adolescentes que se prostituem.

Portanto, até a finalização da coleta dos dados que serão apresentados neste capítulo foram importantes as participações em eventos, seminários, conferências, manifestos em prol dos direitos de LGBT e outros encontros com *gays*, travestis e transexuais. Todos estes encontros puderam aprimorar a compreensão acerca das angústias e reivindicações de LGBT, como, por exemplo, a utilização do gênero feminino para referência às travestis e transexuais, que buscam reconhecimento de sua identidade de gênero.

Também importante foi a percepção de como o “campo psi” tem se organizado frente às questões colocadas pelos movimentos sociais LGBT. Hoje, é

reconhecida a articulação dos conselhos regionais e federal na defesa dos direitos humanos desses grupos. É frequente a presença de pesquisadores e profissionais de psicologia em debates sobre a despatologização das identidades transexuais: na qualificação de profissionais de saúde, educação e assistência social para acolhida de usuários *gays,* lésbicas, travestis e transexuais em equipamentos públicos; na composição de equipes de saúde responsáveis pelo acompanhamento de candidatos à cirurgia de redesignação sexual; na revisão de instrumentos psicológicos, tal como a escala *Hare*[44].

Todos esses acontecimentos descritos, iniciados no ano de 2007, tentaram expor ao leitor avaliador deste trabalho que a construção do projeto de pesquisa e os destacamentos teóricos e metodológicos que o compõem consideraram uma atitude de cuidado e atenção no posicionamento das pesquisadoras em relação ao grupo a ser pesquisado. Portanto, pouco antes de ser iniciada a entrada em campo para coleta de dados das entrevistas em 2011, havia um sentimento de "preparo técnico" para o desafio que se colocava: identificar, abordar e entrevistar travestis jovens.

Realizamos - pesquisadora e membro da ONG Associação de Gays do Espírito Santo – um cronograma para realização das entrevistas. Listamos municípios da Grande Vitória e destacamos nesses locais pontos de prostituição de travestis, em especial aqueles cuja presença de travestis adolescentes era conhecida. A entrada na *pista*[45] aconteceria em dupla e a primeira abordagem seria

[44] O PCR-L, ou escala *Hare*, é um teste psicológico desenvolvido pelo psicólogo canadense Robert Hare. Consiste em escalas de pontuação que aferirão o índice de psicopatia em determinados indivíduos. É comumente aplicado em criminosos forenses do sexo masculino (YAMADA, 2009). A presença de itens na escala que buscam identificar práticas e comportamentos homossexuais foi questionada recentemente, no ano de 2012, por psicólogos que integram o grupo de trabalho sobre diversidade sexual do sistema conselhos.

[45] Termo comumente utilizado por travestis para se referirem ao espaço utilizado para o comércio sexual em vias públicas.

realizada pelo membro da ONG (que será identificado por Ax). Este lhes entregaria preservativos e convidaria para participação na pesquisa; caso a travesti consentisse a participação, era orientada a se dirigir até a pesquisadora que estava posicionada a poucos metros de onde era feita a primeira abordagem.

Com essa estratégia, obtivemos êxito de realização de entrevistas com a maioria das travestis que foram abordadas, exceto no ponto da praia de Camburi (Vitória/ES), onde fomos recebidos com hostilidade. Isto, inclusive, tornou-se a primeira forte impressão acerca do campo que passaria a frequentar: a de ser um espaço perigoso, insalubre e imprevisível. Seguindo instruções da orientadora deste trabalho, teve início o registro de um diário de pesquisa. Alguns trechos serão reproduzidos a fim de melhor ilustrar os sentimentos e percepções vividos com a entrada em campo.

> *Fomos em direção à Vila Velha, Avenida Lindenberg, para o primeiro contato com as possíveis entrevistadas. Estacionamos o carro na avenida, buscando um lugar que fosse, pelo menos, um pouco seguro. A avenida me pareceu perigosa, deserta, barulhenta, desconhecida. Logo na primeira abordagem realizada por Ax na primeira esquina, conseguimos duas entrevistadas, mas estas não informaram os nomes sociais. Tentamos entrevistas com outras travestis, mas se negaram. Continuamos por ali, caminhando, e sentimos o movimento estranho de alguns rapazes. Um movimento intimidador. Resolvemos sair do local por conta da ameaça. Ficamos andando de carro até que pudesse dar a hora para irmos ao "Forró do Pedro". Em outras idas a campo em dias subsequentes, Ax me diz que uma das travestis que se negou a dar entrevistas foi quem chamou os rapazes para nos intimidar*[46] *(Segunda-feira, 01/08/2022, aproximadamente 22:00h).*

Situações como a descrita determinaram a dinâmica dos encontros realizados na pista: entrevistas curtas cuja tensão era sentida tanto por parte da pesquisadora quanto pela entrevistada. A pesquisadora evitava atrapalhar a

[46] Esse fato foi confirmado e inserido posteriormente no diário de pesquisa quando realizava a coleta de dados de travestis, *gays* e heterossexuais através de questionários. Outro membro da AGES disse ter recebido um telefonema no dia seguinte a nossa ida a campo esclarecendo o ocorrido. Para preservar as pessoas que contribuíram com realização da pesquisa, não reproduzirei o conteúdo do telefonema aqui.

negociação com os clientes, as entrevistadas receavam perder algum cliente em potencial.

De alguma maneira, para aquele contexto, a presença da pesquisadora na *pista* representava o elemento "não familiar" e um corpo fora de seu contexto de origem corre o risco da abjeção. No entanto, os perigos e intercorrências que surgiram a partir da presença da pesquisadora na *pista* foram antevistos por nós (pesquisadora e Ax) sendo, portanto, de fácil administração. Outro aspecto teve efeito impactante e desestabilizador tendo escapado ao processo de construção, amadurecimento e planejamento que antecedeu a entrada em campo: a fluidez dos encontros sexuais entre travestis e clientes.

O desconforto sentido ao observar as inúmeras chegadas e partidas das travestis com os clientes, a forma como eram abordadas – de maneira discreta e silenciosa - e o orgulho de exibirem um corpo pronto para o gozo revelaram o grande constrangimento sobre a forma como o sexo é apreendido por muitos e muitas vezes com inúmeras dúvidas e tabus. Nesses momentos, recordava Ziga (2009), para quem "o estigma de puta afeta todas as mulheres, queiramos ou não[47]" (p. 114). A extrema naturalidade com que se desenrolavam esses encontros sexuais foi percebida conforme ilustrado no trecho abaixo.

> *O primeiro dia de entrevistas foi de bastante angústia causada pela crueza da realidade com que me deparei: lugares que caracterizaria como insólitos e insalubres e pessoas que transitam, aparentemente, tranquilamente por eles. Além disso, as entrevistas abriram um mundo que está permeado quase que exclusivamente pelo sexo e pelo dinheiro. A finalidade das relações humanas estabelecidas naquele contexto/espaço parecem limitadas a isso. Ao chegar em casa, por volta de uma hora da madrugada, tive grandes dificuldades para dormir (Segunda-feira, 01/08/2012, aproximadamente 01:00h).*

[47] Tradução nossa.

O sexo, digo, o produto do encontro entre travestis e clientes, revela o que as políticas públicas de combate à exploração sexual comercial de crianças e adolescentes e as políticas e programas de prevenção em DST e AIDS não querem ver: a de que um corpo, para ascender à condição de sujeitos de direitos, deve deixar de gozar. Numa tentativa não declarada destas instituições de assepsia moral do corpo-prazer, cabe-nos questionar: para quem essa estratégia resulta eficiente e satisfatória? Para os gestores públicos? Para a sociedade em geral? Para as travestis?

Por outro lado, *somos todos modernos*. Somos nós, pesquisadores em ciências humanas, quem acolhem esses diferentes mundos, vozes e territórios a fim de debater com os diferentes grupos sua organização, suas práticas, crenças, ideias e afetos. Por esta via, conseguimos compreender as estruturas sociais e cognitivas sobre as quais se formam um preconceito ou um estigma[48], mas temos dúvidas sobre como devemos direcionar nosso empenho em revelar as modificações nestas mesmas estruturas e seus efeitos no desfazer de uma ideia para a vida social.

Ao transitar por um contexto tão peculiar, as emoções sentidas na experiência com a *pista* fizeram-me rever a posição de pesquisadora até então assumida para a entrada em campo. Dito de outra forma, não há "preparo técnico" que uma vez adquirido tenha o efeito de neutralizar nossos próprios preconceitos e que não indique o limite dos nossos próprios discursos. Essa reflexão nos

[48] Apoiamo-nos nas sistematizações realizadas por Pereira; Torres; Almeida (2003) e Arruda; Gonçalves; Mululo (2008) para definição dos conceitos de preconceito e estereótipos. Ambos os estudos criticam as explicações essencialmente cognitivas e das causas psicológicas e preocupam-se em evidenciar os fatores culturais e socioeconômicos na construção dos preconceitos e estereótipos. Portanto, preconceito refere-se à forma como se relacionam e estabelecem relações de poder entre grupos, que constroem e carregam representações ideológicas que buscam justificar atitudes negativas e discriminatórias em relação à outros grupos (Pereira; Torres; Almeida, 2003). O estereótipo, relaciona-se à construção da alteridade e ao exercício da diferença entre o "mim" e o "outro", nesse sentido, simplificam e categorizam a quantidade de informações de que dispomos no convívio social ao produzir uma economia de pensamento para a definição de grupos e relações sociais (Arruda; Gonçalves; Mululo, 2008).

acompanhou, especialmente, nesta primeira parte da coleta de dados desta tese: no encontro do pesquisador com o outro pesquisado não há palavra - compreendida enquanto instrumento dialógico que transporta conceitos e imagens - que seja plenamente consensuada, conhecida e compartilhada. Ainda que *sejamos modernos*[49]*,* se queremos apreender os signos de um grupo a ser pesquisado é fundamental que trabalhemos para aumentar o volume de significados que uma mesma palavra possa comportar.

Problemas acerca do conhecimento também foram discutidos por Jovchelovitch (2008) que nos alerta para o perigo da correspondência entre a representação e o mundo real ao enfatizar o caráter polifásico da representação, que deve considerar um sistema representante (estrutura intersubjetiva entre Eu e o Outro) e o sistema representado, tais como outras pessoas e outros objetos do mundo.

Portanto, pela compreensão da existência de mundos de saberes e pelos desafios que surgem a partir de qualquer intenção dialógica entre esses diferentes mundos tal como registrado por Jovchelovitch (2008), arriscaremos algumas definições sobre o contexto da *pista*, esse cenário que parece naturalmente destinado à circulação travesti e no qual foram realizadas a maioria das entrevistas.

A *pist*a, em sua dinâmica de perigo e prazer também se ordena em torno de algumas regras e mitos. Um primeiro aspecto refere-se à organização do comércio do sexo. É comum que cada ponto de prostituição tenha uma “dona” (ou cafetina) para quem as outras travestis são subordinadas. Na maioria das vezes, estas donas recebem das demais travestis uma quantia em dinheiro para uso do

[49] A expressão em itálico ampara-se nas reflexões de Santos (2005) que critica a ciência preocupada em eliminar a interferência do humano do processo de construção do conhecimento. Além disso, o autor esclarece que, o produto da ciência é oriundo de um ato de criação de cada cientista, trazendo para o mesmo nível hierárquico as verdades produzidas pela ciência, pela religião ou pela arte.

ponto. O serviço que as cafetinas oferecem em troca é a organização da pista: definem quantas travestis poderão utilizar o local, proíbem uso de álcool e outras drogas no espaço, administram os conflitos que podem surgir entre as travestis e entre estas e os clientes e oferecem proteção, muitas vezes, exercida pelo uso da violência.

Ainda que precise se impor pela força ou pela violência torna-se uma figura respeitada e admirada por todas as travestis. O posto de “dona da pista” é herdado. Quando a atual dona, por algum motivo, decide abandonar o local, herdará o ponto a travesti que há mais tempo trabalha no local. Esta deverá ser responsável pela manutenção destas mesmas regras tendo, também, certa autonomia para mudá-las.

Se as regras impostas pelas cafetinas representam o código para uso do local, o apelo a entidades místicas para resolução de conflitos que surgem nas relações que se constituem nessa organização é frequente. É sabido da aproximação das travestis com as religiões de matrizes africanas. De acordo com Trevisan (2007), existem inúmeras especulações acerca das relações entre Candomblé e homossexualidade, uma delas ressalta a importância das mulheres na manutenção dos ritos e das tradições religiosas.

> Segundo a tradição nagô dos Candomblés, somente as mulheres estão aptas a lidar com as divindades. O serviço cultual dos homens passa a ser visto como blasfemo, ao mesmo tempo em que a função sacerdotal é tida como desvirilizante e emasculadora. No entanto, com uma cisão relativamente recente que deu origem, dentro do Candomblé, ao culto dos caboclos, o rigor afrouxou e os homens foram sendo mais comumente admitidos ao sacerdócio [...] Mas esse relaxamento da tradição não permitiu abrir mão do princípio fundamental do Candomblé: só a feminilidade pode servir aos deuses – de modo que os homossexuais socialmente caracterizados como tais acabam sendo fartamente admitidos, seja por sua aparência afetada, seja apenas por suas qualidades (inclusive místicas) consideradas “femininas” (Trevisan, 2007, p. 481).

Ainda que autores recentes tenham identificado o decréscimo dessas práticas influenciado pelo aumento das igrejas neopentecostais (Duque, 2009) elas

ainda persistem, sendo incorporadas ao cotidiano travesti pela apropriação de um vocabulário específico (Teixeira, 2008; Jimenez & Adorno, 2009[50]) e uso de elementos, que, incorporados às práticas, acreditam ajudar-lhes nas suas relações de desejos e disputas. Vejamos:

> *Ao final, paramos em Campo Grande na expectativa de conseguir alguma entrevista. Realizei entrevista com Laila[51], que segundo Ax é "dona da rua" Terminada a entrevista Ax me explica que o movimento em Campo Grande estava fraco, com pouca frequência de clientes, porque outra travesti, Raiane, havia, por desavenças com Laila, feito um "trabalho" para "trancar a rua". (24/08/2011, quarta-feira, aproximadamente 22:40).*

Nesta seção, quisemos ressaltar o espaço da *pista* e seu conjunto de significados, que junto à prostituição, é constantemente lembrado no relato das participantes e na bibliografia utilizada para este conjunto de dados. Buscamos também refletir sobre a postura de "não saber" sentida inúmeras vezes por pesquisadores e demais cientistas diante de uma questão a ser explorada e que aqui está expressa no relato das experiências da pesquisadora com o campo.

Seguem abaixo os resultados relacionados aos objetivos de conhecer as representações sociais de masculinidade e de amor, elaboradas por travestis, que serão apresentados a partir da descrição e discussão das sete categorias encontradas. Utilizaremos falas das participantes em alguns trechos para esclarecer e aprofundar ideias presentes no texto.

Travestis: *Quem são, onde estão e o que fazem*

Das 21 entrevistadas, 10 tinham na ocasião da entrevista idades entre 20 e 25 anos, 06 estavam com mais de 25 anos e 05 das entrevistadas tinham menos de

[50] Teixeira (2008) relata o aprendizado do *Bajubá* - dialeto utilizado pelas travestis e oriundo *do ioruba-nagô* – em sua pesquisa com travestis na cidade de Uberlândia. Já Jimenez e Adorno (2009) esclarecem que a gramática *yorubá*, de origem no continente africano, permite a existência de corpos híbridos uma vez que suas regras gramaticas não estão centralizadas em torno do da dualidade sexo/gênero. A gramática *yorubá* aliou-se às religiões afro-brasileiras, cujos deuses e deusas também apresentam hibridismos de gênero e corpos flexíveis.
[51] Os nomes sociais das participantes foram trocados.

18 anos. Ainda que tenhamos flexibilizado o critério de idade para composição da amostra, as reflexões que serão apresentadas reúnem elementos que podem contribuir para a compreensão de um panorama de discussão sobre a relação juventude e travestilidade.

De todas as entrevistadas, apenas uma residia em cidade do interior do Espírito Santo na ocasião da entrevista. Todas as outras residiam em cidades da região metropolitana de Vitória, especificamente nos municípios de Serra, Cariacica, Vila Velha e Vitória.

Seguem um padrão de ocupação profissional já bem conhecido de travestis brasileiras: o de se tornarem profissionais do sexo e de manterem uma estreita e íntima relação com o campo da prostituição (Denizart, 1997; Silva, 2007; Kulick, 2008). Assim, 12 entrevistadas são profissionais do sexo, outras 4 trabalham em salão de beleza e as 5 restantes exercem atividades de: cuidadora, limpeza, babá e servidora pública. Destas cinco que possuem outras ocupações, três inserem-se na prostituição ocasionalmente.

Em relação à escolarização, das 21 participantes, 9 possuem o ensino fundamental incompleto, 1 possui médio incompleto (interrompeu os estudos antes de concluir) e 7 concluíram o ensino médio. Apenas 04 ainda estudavam quando as entrevistadas foram realizadas.

Quando perguntamos acerca dos rendimentos adquiridos nas profissões/ocupações, 9 das participantes, por motivo não esclarecido, não quiseram declaram renda. Duas das entrevistadas não possuíam qualquer rendimento oriundo de atividades profissionais. Realizamos um cálculo da média da renda bruta das 10 participantes que declararam renda. Nesse conjunto, vemos que a renda média de

quem está na atividade de prostituição (2580 reais) é bastante superior à renda de quem possui outra ocupação (800 reais).

Tendo como alternativa profissional o desempenho de atividades de baixa remuneração tradicionalmente executadas por mulheres (prostitutas e cabeleireiras) e que exigem pouca qualificação, a prostituição desponta como a possibilidade de trabalho com melhor remuneração. Esta escolha consolida a desistência da busca pela formação profissional através do ensino regular formal já desde muito novas. Desistindo de projetos de vida que incluem a frequência à escola, o elemento econômico também contribui para fomentar significados às experiências com a prostituição. Além disso, cabe ressaltar que as profissões relacionadas ao mercado do sexo e da estética são as que mais acolhem as travestis em seus postos, tal como observado por Ferreira (2003, 2009). Em seu estudo com travestis em Belém do Pará o autor afirma que:

> a prostituição aparece como uma das poucas possibilidades de geração de renda, além daquelas ocupações estereotipadas nas quais os homossexuais são facilmente encontrados, sobretudo no ramo da estética, nos serviços domésticos e nas apresentações performáticas em casas especializadas de entretenimento (Ferreira, 2003, p. 02).

Sou travesti: *tenho direito de ser quem eu sou*[52]

Das 21 participantes deste estudo, 20 fizeram referência ao tema desta categoria. Da mesma forma, foram numerosas as referências à satisfação adquirida com a imagem após a transformação, reveladora de uma cisão entre um sujeito do "passado" e o atual do "presente". Portanto, observamos que os atributos utilizados para se autodefinirem estão repletos de características positivas.

A defesa de uma autoimagem positiva afirma-se pela oposição ao que pode ser arbitrariamente atribuído às travestis no meio social: uso de drogas, atos

[52]O nome para esta categoria foi retirado de um adesivo entregue à pesquisadora em encontro realizado pela ONG ASTRAES (Associação de travestis do Espírito Santo) no ano de 2009.

transgressores e infratores, vulgaridade, escândalo. Pelúcio (2005), ao entrevistar os clientes das travestis, informa como estes elaboram estratégias de proteção postas em prática antes da execução de um encontro, amparados na ideia de que as travestis roubam e são HIV positivas. Ao contrário do que supõem ser a imagem da travesti para o conjunto social, as entrevistadas definem-se como pessoas pacificadoras, de muitas amizades, solidárias, educadas, quietas, alegres, divertidas e revelam orgulho, satisfação e realização com a incorporação da identidade feminina.

> *Eu quero viver eu. Eu tando feliz, eu quero minha felicidade, não dos outros. Se a gente for olhar o que os outros pensa da gente, a gente nunca é feliz na vida. Então eu vejo assim, pela minha felicidade. Eu me sinto feliz do jeito que eu sou? Travesti? Sinto sim, muito feliz ainda! Do que eu poderia ser como homem. (E15)*
> *Não ando vulgar. Não é aquela coisa que só porque é travesti coloca um shortinho, um topzinho, a barriga de fora, a popinha da bunda aparecendo. Eu não ando assim. Eu ando muito discreta. (E4)*
> *[...] eu acho que essa é a dificuldade das pessoas entenderem que a gente não tá aqui pra machucar ninguém. Eu não sou agressiva, não é de mim, que a maioria das pessoas que me conhece sabe. (E1)*

No entanto, esse autorreconhecimento se confirma também a partir do olhar do outro, onde um elemento atua conferindo maior legitimidade à imagem positiva criada e alimentada: o trabalho fora da prostituição. Este trabalho não se restringe à inserção em atividades laborais remuneradas, mas também em atividades que recheiem de sentido suas experiências, tal como a militância através de ONGs, associações e outras entidades organizadas.

> *Eu sou organizador de festas no bairro, sou membro da associação de moradores. Hoje meu bairro tem um calçamento. Eu participei efetivamente dali. Eu busquei o respeito. (E11)*

Ao relatarem suas atividades de lazer, aquelas que fazem menção a boates, baladas, festas e bares receberam o maior número de referências. Cruzando estas informações com a idade, vemos que estas atividades foram relatadas pelo

grupo de travestis mais jovens, sinalizando para uma associação entre a preferência por esse tipo de lazer e a juventude. Também aqui percebemos a defesa por parte das entrevistadas de uma postura consciente e responsável em suas vidas, evitando associações que possam relacionar juventude e travestilidade a comportamentos inconsequentes e práticas de risco. A seguir:

> *No dia a dia eu gosto muito de sair. Eu não gosto de funk. Eu gosto assim de balada, boate. Festa que envolve música eletrônica. Não rave. Não gosto de droga. Odeio pessoas que usam drogas. Beber eu não bebo. Só fumo né. (E9)*
> *Marcela gosta de balada, tudo que é dança, mas não gosta de baseado, esse negócio de maconha. Detesto maconha. Já experimentei pó uma vez não gostei. Detesto! (E13)*

Em contraposição, chama-nos a atenção a invalidação (ou anulação), ou seja, a dificuldade de algumas participantes falarem sobre si e sobre atividades que gostam e realizam e que conferem sentido ao ser travesti. Questionamos esse fato, que revela a dificuldade das mesmas de anunciarem algo positivo e valorizado sobre si e buscamos cruzar as falas identificadas no subtema “invalidação” com os dados sociodemográficos. Identificamos que todas as participantes que tiveram dificuldades de falar sobre si estavam ativamente na atividade da prostituição. Nesse sentido, a prostituição parece impedir o desenvolvimento das mesmas, ou seja, a descoberta de outras atividades que façam sentido para além deste campo, mantendo-as num mundo restrito e ausente de outras possibilidades de significação. Como exemplos:

> *Eu faço... eu não faço nada! Durmo o dia todo, à noite vou pra rua. (E2)*
> *É menina, o que eu posso falar de mim?Que nem você viu aí: eu sou uma pessoa, uma puta de rua entendeu! (E8)*

Dessa forma, vemos que a inserção na prostituição e no trabalho formal alteram a forma como se veem e se projetam na vida, cujo valor de si é percebido fora do comércio do sexo.

O trabalho e a prostituição ou a prostituição como trabalho

O tema “projeção na vida”, embora tenha recebido um grande número de referências (19 das 21 participantes) não se tornou uma categoria exclusiva. Isso porque os conteúdos presentes nesse tema se relacionavam e assemelhavam aos conteúdos dos temas “trabalho” e “prostituição”. Já estes dois, receberam enunciações de 14 das 21 participantes. Foram unificados numa mesma categoria, pois, ainda que carreguem diversidades, complementam um cenário que expressa experiências e opiniões sobre trabalho, prostituição e renda.

Ao falarem sobre o passado referem-se à vida antes da transformação e a uma infância vivida, na maioria das vezes, com dificuldades. Socializadas em famílias oriundas de um contexto de carências financeiras, a referência à identidade masculina é registrada em falas que revelam infelicidade e insatisfação. A timidez e o embotamento causados por esta condição as fazem vislumbrar desde muito novas a necessidade da conquista de independência financeira e o rompimento do contexto familiar como possibilidade de construção de uma vida com mais satisfação.

> *Ai, tive uma criação difícil. Sempre dependi de uma família humilde, minha mãe. (E4)*
> *Infeliz. Porque eu não era o que eu queria ser. (E1)*
> *Júlio. Uma pessoa acatada, tímida, desacatada, sem ânimo, de cabeça baixa. Vivia de casa pros livros, não saia, não brincava. E eu não me sentia feliz com aquela pessoa. (E11)*
> *[...] lembrança era o quê? Eu catava ferrinho na rua entendeu. Catava ferro, essas coisas de vender, pra mim ter meu dinheiro. Minha vida era assim. Aí depois disso aí eu caí... com meus onze anos eu comecei a conhecer a prostituição. Aí com doze anos eu me assumi pra minha mãe. Aí foi quando eu comecei a cair no mundão mesmo. (E8)*

Se os relatos sobre o passado expõem uma infância difícil aliada ao sentimento de não identificação com uma vida de homem, o presente é relatado a partir de experiências que revelam satisfação, felicidade, extroversão e ganho de

autoconfiança proveniente do assumir-se travesti. Este autorreconhecimento está estritamente relacionado à nova identidade, assumida após a transformação.

> *[...] foi a minha transformação. Realmente demonstrar à sociedade o que eu sou e que eles aceitaram entendeu, e isso eu fiquei muito feliz e que no passado eu não tinha. (E17)*
> *[...] eu sou uma pessoa mais solta, mais comunicativa. Eu evoluí no meu trabalho. Eu acredito que seja um ponto positivo nesse sentido, o autoestima da gente aumenta, eu não tinha tanta no início, entendeu. (E20)*

Para o futuro, figuram nos sonhos da maioria o de se tornarem uma "travesti belíssima", outras ainda almejam serem uma "mulher completa". Lembremos que a maioria das entrevistadas é jovem, período que marca o início da transformação do corpo[53], portanto, a realização de cirurgias plásticas está em primeiro lugar nos projetos para o futuro.

> *Meu maior sonho/projeto? Colocar minha prótese é claro. Silicone. (E5)*
> *Eu pretendo ser uma transexual. Fazer cirurgia e virar mulher completa mesmo entendeu. É o meu sonho que eu tenho comigo. (E15)*

Além do sonho da transformação de um corpo de homem para um corpo de mulher, manifestam o desejo de respeito a ser adquirido com a nova identidade feminina. Para tanto, ocupar uma profissão fora da prostituição torna-se fundamental.

> *[...] eu pretendo ser, eu pretendo ser... alguém depois de um curso superior. Eu pretendo fazer um curso superior e depois eu pretendo ser... uma assistente social...não sei...em Direito, sabe, mas eu quero ser. (E18)*

Estando ou não na atividade da prostituição, esta se configura como um território altamente significado pelas travestis. Para as que nele habitam, são recorrentes os relatos de experiências marcadas pela solidariedade e a disputa (Pelúcio, 2005, 2007; Teixeira, 2008). Já as que possuem trabalho fora da prostituição, reafirmam a posição moralmente condenável da atividade contribuindo

[53]Caracterizada fundamentalmente pela ingestão de hormônios, utilização de indumentária feminina, recurso à cirurgias plásticas.

para a imagem de desordem e incredulidade que as rodeiam (Carrara & Vianna, 2006).

> *[...] uma travesti, sabendo ter postura, se vestindo bem, falar bem, não tem necessidade de se vulgarizar em beira de pista, vender seu corpo. Pode sim arrumar um trabalho, pode sim correr atrás dos seus objetivos. Não tem necessidade, mas a maioria vai porque gosta. Não vai porque precisa, porque passa necessidade não! Vai porque gosta de ir mesmo entendeu. Então se todos soubessem correr atrás, saber o seu lugar, se vestir bem, se comportar bem, correr atrás, hoje em dia, não tinha travesti na rua, todas teriam emprego, teriam trabalho. Então a maioria vai por safadeza, porque gosta mesmo. (E17)*

A opção pela prostituição é justificada pelas participantes, sejam profissionais do sexo ou não, a partir de duas posições: como escolha deliberada e intencional realizada mesmo com a consciência das intempéries e prejuízos advindos desta condição; ou como fatalidade, determinada por uma vida de carências e dificuldades, mas através da qual vislumbram, fundamentalmente, possibilidades de ganho material e econômico.

A prostituição vista como escolha a partir do desejo por tal atividade concentra a opinião de participantes segundo as quais se torna profissional do sexo quem quer, sendo este um traço de caráter ou ganância, expressão da vulgaridade que não está presente em todas as travestis.

> *Nunca me vendi. Então vai do caráter da pessoa, da criação, da índole dela. (E1)*

Esta compreensão é compartilhada por participantes cuja profissão não é a prostituição e ampara-se na condenação de ganho financeiro ou satisfação de desejos e fantasias provenientes desta condição. Curioso observar que estas participantes, além de não coadunarem com o argumento da fatalidade, conseguem se projetar no futuro de maneira mais confiante, onde possibilidades de uma vida feliz são positivamente vislumbradas. No entanto, apresentam certa contradição em

seu discurso ao revelarem, em alguns momentos, a possibilidade do contrário em que acreditam.

> *Se você souber trabalhar bem e ser uma pessoa digna, respeitável, aí sim, mas elas mesmo, tem... trazem isso entendeu? De euforia, de ser escandalosa, de se vestir um pouco escandaloso, então, logicamente nenhum lugar vai contratar uma pessoa que se veste assim, e que tem uma postura daquele jeito. Nenhum local. Então assim, hoje em dia o travesti, a maioria estão mudando esse jeito. Estão sendo mais delicadas, não estão sendo mais escrotas. Estão procurando ter um local pra trabalhar.* ***(E17)***
> *[...] nunca precisei de me prostituir, sempre tive um trabalho digno, hoje em dia eu agradeço por tá aqui e não depender de outros meios pra tá ganhando dinheiro. As clientes aceitam aqui normalmente, porque muito difícil encontrar um salão que tenha uma travesti, que tenha uma trans, alguma coisa assim. Mas...* ***o bom que eu vim pra cá que eu não precisei me prostituir****.****(E17)***[54]
> *[...] o sonho de ter uma faculdade, de ter minha casa própria, meu carro, então assim, tenho ainda muito que conquistar. Isso foi só um pouquinho da minha trajetória que eu tive, e tem muito mais ainda que eu vou ter, então tem muita coisa que a gente quer no futuro. (E17)*

Por outro lado, temos o grupo de respostas que admitem a prostituição como destino. Forte ênfase foi dada ao ganho financeiro como sendo o maior atrativo para a entrada e permanência na atividade. Para as participantes que pactuam dessa posição, a falta de estudo, profissionalização e a não aceitação da travesti no mercado de trabalho tornam o comércio do sexo o único meio viável de sobrevivência.

> *Então, pra mim não deixar a levar minha vida por outro caminho de droga, isso e aquilo, eu preferi levar esse caminho entendeu, que foi o caminho mais rápido e uma forma onde eu conseguiria, investir em mim mesmo, na minha vida. (E3)*
> *Não consegue emprego por quê? Porque primeiro para a travesti conseguir um emprego ela tem que ter uma boa educação. Ela tem que se profissionalizar em alguma coisa e dentro da escola ela não é aceita. Então como é que ela vai estudar?Como é que ela vai se profissionalizar em alguma coisa pra poder ter uma profissão? A saída que ela encontra é a prostituição. Não tem jeito. Infelizmente é assim. Você for parar pra qualquer travesti essa vai ser a mesma resposta. É padrão. (E4)*

[54] Grifo nosso.

> *...eu trabalhei desde os meus 14 anos numa fábrica de costura, entendeu. Tipo assim, perdi o emprego e... tipo assim, depois que eu virei travesti eu não consigo mais arrumar emprego, então minha vida é isso aqui ó. (E16)*

Dessa forma, a dinâmica que não raro precede a esta etapa envolve: a transformação iniciada na adolescência seguida da rejeição, violência ou abandono familiar acompanhado do desejo de independência e necessidade imediata de recursos financeiros. Num cenário em que as adversidades são vividas dia a dia, o perigo encontrado na rua ou em outras formas de exercício da atividade deve ser suportado, uma vez que esta é considerada uma das únicas possibilidades de sobrevivência. O sentido de destino e fatalidade adquirido com a entrada na prostituição influencia fortemente as projeções de vida, que se tornam pobres e inviáveis. Portanto, tornado um campo significado negativamente, confirmam a ideia de que a satisfação advinda com o trabalho está relacionada à vida fora da *pista*.

> *Com 16 anos que comecei aqui, nessa pista. (E6)*
> *Não, é muita coisa que a gente passa. Pode ver, todas as bicha que faz programa já teve o tal do doze. Doze? Tenta matar a gente. Uns leva a gente não paga. (E2)*
> *Sair daqui. Acabar com esse negócio de prostituição, arrumar um emprego. Eu tenho essa vontade entendeu, porque isso aqui não é vida pra ninguém. (E16)*

Concluímos que a prostituição, de fato, não é a profissão almejada, mas a profissão possível e capaz de conjugar três elementos importantes para a *vida trans*: ganhar dinheiro, realização de seus desejos e fantasias e reconhecimento de si através da exposição de um corpo sedutor que desperta o desejo dos homens.

> *Com certeza aumenta minha autoestima porque eu sei que eu sou desejada, que eu sou procurada. E o melhor de tudo: eu sou paga. (E4)*

Ainda no grupo entrevistado, existem aquelas que relataram buscar a *pista* interessadas em lazer e diversão. Estas, além de serem jovens, possuem fonte de renda paralela à prostituição. Outro aspecto observado nesse conjunto de

participantes está na afirmação de que preferem não assumir a figura feminina de forma definitiva.

Duque (2008, 2009) identifica o recurso à “montagem estratégica”, utilizada por travestis adolescentes da cidade de Campinas. Para o autor, a montagem estratégica busca articular a construção e desconstrução da feminilidade como forma de evitar a vergonha e o estigma. Dessa forma, ao transitarem pelos espaços sociais ora utilizando de uma apresentação mais “masculina” ora de uma apresentação mais “feminina”, buscam fazer frente a outros campos de relação de sua vida social, em especial os espaços de trabalho formal, buscando também opor-se à imagem desqualificada da “travesti de rua”.

> *[...] eu trabalho aqui à noite tem 4 semana e trabalho de dia também entendeu? Eu trabalho numa faculdade de homenzinho, normal. (E9)*
> *[...] eu posso ser advogado, ser qualquer pessoa, eu posso transformar no que eu quiser. Trabalho é trabalho. Rua é rua. Transformação é transformação. (E19)*

De boyzinho a gays montadas a travestis siliconadas

Tal como relatado por Pelúcio (2011), o processo de transformação é longo e pode durar toda uma vida. Inicia-se na adolescência (Benedetti, 1998, 2005) período de decisões e definições importantes para concretização de sentimentos e desejos vividos desde a infância. Nesse momento, é comum travestis mais velhas exercerem influência no processo de mudança que se inicia. Não raro, são estas que além de auxiliarem na apreensão dos atributos e artefatos socialmente destinados às mulheres, introduzem a jovem travesti no mercado do sexo (Pelúcio, 2005).

> *[...] mas, desde os treze/catorze anos que meu, eu comecei a fazer meu corpo, transformação tomando hormônios. (E18)*
> *Desde novinho que eu comecei, gostava de brincar com as meninas. Na escola eu brincava mais de queimada do que jogar bola. Aí a professora falava: “Delmar! Vai brincar de bola com os meninos!” Aí eu: “Ai professora!*

> *Deixa eu brincar de queimada com as meninas!" Era pequeno! Tá? Na escola. Então, eu começava a jogar bola de queimada junto com as meninas. Não se enturmava com os meninos. Era diferente. (E19)*
> *Eu não tinha inspiração nenhuma. Eu conheci uma travesti que morava perto da minha casa, Tamara. Aí achei bonito, me inspirei nela, e comecei a vim pra pista, fazer programa por causa dessa travesti. (E14)*

Nesse sentido, a transformação concretiza a identificação e apreensão do universo feminino iniciada na infância. Para algumas, a identificação com o universo feminino é tão forte que é entendido como essência inata do que se é.

> *Eu muito... desde os 10 anos, comecei a perceber que eu tinha uma coisa diferente, né? Eu não sentia atração por homens, mas eu sentia atração por coisas de mulheres. Roupas, cabelos, maquiagens, vestidos então! Sapatos era o que mais...eu me identificava.(E18)*
> *[...] desde que eu era pequeno, criança, eu brincava de boneca, eu brincava de dar banho na boneca, eu vestia roupinha na boneca, eu deixava meus trem pra lá, não brincava muito de carrinho desde pequeno. Aí eu comecei assim, a desenvolver, sabe?(E19)*
> *Porque esse desejo eu tinha desde que eu era criança. Eu sempre fui feminina. Sempre fui feminina. Não existe isso. Você já nasce assim. (E4)*

Já para a família a transformação significa a transgressão de um suposto gênero natural, vivida, muitas vezes, pela impossibilidade de manutenção dos vínculos familiares e urgência com o rompimento do "mundo da casa".

> *Aí eu saí da minha casa. Vivo sozinha assim. Me viro sozinha sem ajuda de ninguém. Trabalho, ganho meu dinheiro e é isso. (E4)*
> *E aí fui descobrindo a...a sexualidade e...passei pela, pela parte triste da família não aceitar, né? Tive que sair de casa, mas fui conduzida nesse período, por meu pai e minha mãe serem muito religiosos, fui conduzido a fé a religião... É...tive, queria me aceitar, queria me assumir como travesti. Aceitar o que tava dentro de mim, né? Colocar prá fora. E aí resolvi sair de casa, né. Caí na vida da prostituição, da vida noturna. (E18)*

Tal como relatado anteriormente a *montagem estratégica* passa a ser o recurso utilizado pelas mais jovens, onde a transformação limita-se ao uso de adereços destinados ao gênero feminino, sem adotarem outras caminhos mais radicais, tais como uso de hormônio e realização de cirurgias plásticas.

> *Nem usar silicone em nada. Não pretendo virar travesti mesmo. De botar cabelo, botar silicone, prótese, essas coisas assim não. Eu deixo meu corpo desse jeito mesmo que tá ótimo. (E10)*
> *Mas aí eu parei um tempo, trabalhei de carteira assinada e saia do serviço e vinha pra cá. Trabalhava à noite num restaurante aqui mesmo, aqui perto. Aí me arrumava às vezes e vinha pra cá. Mas assim, que eu me assumi mesmo foi lá na Serra. Que eu conheci uma travesti. Aí fui vendo, vi como é que era,o dia a dia de uma travesti e foi aí que eu tomei coragem de me assumir o dia e noite. (E6)*
> *Que eu sou babá, eu cuido de crianças, aí tenho que mostrar o respeito. Igual eu vou para escola, eu vou como Marcela. Se eu vou fazer alguma aula lá no hospital eu vou meio Lucas, meio Marcela. (E13)*

Portanto, observamos que o primeiro passo utilizado pelas travestis no processo de transformação envolve a montagem que, tal como definida por Benedetti (2005), define-se pela construção diária da imagem a partir do uso de acessórios e indumentárias socialmente convencionados ao feminino.

> *Eu colocava peruca, uma roupinha lá qualquer, nem sabia se maquiar. (E2)*
> *Com meus quinze anos eu comecei a me travestir. A usar roupa de mulher. Comecei a usar salto, usar sainhas, a deixar o cabelinho crescer. (E4)*

Somente com a montagem o "ser travesti" passa a existir. Antes disso, é comum o uso de expressões tais como *boyzinhos* ou *gayzinhos* para se referirem à imagem masculina, porém afeminada que possuíam. Contudo, a montagem passa a ser um passo corajoso, mas não suficiente para se autodeterminarem como travesti, preferindo a alcunha de *gay montada.*

> *[...] eu era uma pessoa normal! Eu era um gayzinho entendeu, um homenzinho (E16)*
> *Meu cabelo já era comprido de boyzinho, entendeu. Só que eu deixei ele crescer mais, comecei a cuidar mais, comecei a tomar hormônio, não tem muita coisa. (E16)*
> *Eu sou uma travesti (ri). Uma gay montada entendeu. (E8)*

Com a *montagem,* o passo seguinte está na decisão pelo uso de hormônios. As interações orgânicas relatadas pelo uso de comprimidos e injeções contraceptivas são relatadas em seus benefícios e malefícios no corpo da *trans*. Tal como estudado por Benedetti (1998, 2005), dentre os benefícios estão a definição

de formas corporais femininas: voz afinada, sentimento e desejo femininos, ausência de pelos no corpo. Muitas acreditam que a ingestão de hormônios deve começar cedo, ainda na puberdade, para evitar que o corpo siga seu percurso natural e torne-se masculinizado.

> *Tomo alguma coisa até mesmo porque ajuda a gente afinar o corpo. (E1)*
> *Aí depois eu comecei a tomar uns hormôniozinhos para crescer o peito. (E4)*
> *Modificações. Cresce peito, bunda, afina a voz, os pelos desaparecem, rosto fica feminino, a voz, tudo. Modifica tudo. (E15)*
> *É... muito novinha mas mesmo assim a gente ia começar a tomar, fazer aquelas é...hormônios né. Tomar hormônios. E aí foi que deu, começou a... a transformação. Acho até porque tanto hormônio que eu tomei é... acho que não criou tantos pelos no corpo, coisa e tal, no rosto.(E18)*

A ingestão de hormônios pode se dar por conta própria e as informações necessárias para sua administração circulam no contato e convívio com outras travestis. No entanto, muitas dizem procurar consulta médica antes de iniciarem a hormonização, receosas dos efeitos negativos que a ingestão destas substâncias pode causar. Além dos efeitos colaterais negativos relatados pela ingestão deliberada e exagerada de hormônios, a procura pela consulta médica revela a busca pela ordenação científica do processo de transformação. De alguma maneira, acreditam que a mistura de “naturezas” diferentes e opostas pode resultar em doenças e anomalias, referendando a forte crença na radicalidade das diferenças biológicas dos corpos.

> *Agora vou parar de tomar porque tá dando muita estria, essas coisa assim. Tá dando muita estria aí eu parei. (E13)*
> *Inclusive o desejo sexual diminui. É isso mesmo. Não tem ereção. Goza pouquinho. (E15)*
> *[...] eu retardei um pouco essa metáfora da minha vida, porque eu tinha muito medo daquela transformação. O hormônio, como que ele ia interagir no meu corpo, se ele ia me fazer mal. Então assim, eu comecei a estudar muito sobre o assunto da hormônioterapia, aí eu comecei a ver, analisar as pessoas, como eram os resultados, os métodos, eu procurei um médico para poder fazer essa... me explicasse melhor. (E11)*

> *Médico. Minhas amigas falaram que eu tinha que procurar um médico, aí eu procurei, ele me receitou pra mim. Porque não é qualquer hormônio que bate com o organismo da pessoa entendeu. Depende do hormônio. (E15)*

A realização de cirurgias plásticas, além de configurar-se como uma saída para evitar os males do uso de hormônios, determinam a condição travesti, ou seja, a decisão por apresentarem-se como mulheres de forma permanente.

> *Eu fico só no comprimido, porque o que eu queria mesmo era só o seio né, já que eu já tenho silicone, não tinha necessidade de eu tomar uma dose bem alta. Então tá tranquilo. (E17)*
> *Mudar tudo! Colocar silicone no peito, bunda, tudo, rosto, mudar completamente. (E2)*
> *Eu, no momento que estiver bem, essas coisas assim, pretendo colocar assim... como é que fala? Prótese. Na bunda, na perna, entendeu. Botar um aplique enorme cacheada... Agora no momento não. No momento sou assim mesmo. Sou um travesti. De dia eu sou Lucas e à noite sou Marcela. (E13)*
> *Não. Na minha opinião e de todas as pessoa sensata e uma pessoa normal, uma travesti que toma hormônio... que se pudesse por mais que tivesse na cabeça botar silicone, mesmo sabendo que prejudica, elas coloca. Silicone industrial, tomar um bom hormônio, ser afeminada, ser mulher 24 horas! Agora tipo assim: botar um sapatinho, uma calca jeans e uma camiseta, "eu sou travesti" e pessoas que não entendem vai na fita. Eu falei: "Não. Isso pra mim é humilhação. Travesti é respeito". (E21)*

A maioria de nossas entrevistadas que realizaram o implante de próteses de silicone o fizeram com médicos cirurgiões plásticos, em oposição a um caminho já bastante conhecido e utilizado por travestis brasileiras que é o da aplicação de silicone industrial através das *bombadeiras*[55]. Ainda que as travestis participantes pareçam abandonar a preferência pelo uso do silicone industrial, método clandestino, porém acessível financeiramente, o recurso para a cirurgia plástica não é tão facilmente conseguido, alimentando sonhos de uma vida cujas possibilidades de realização financeira concentram-se fora do país.

> *[...] no meu ponto de vista, porque eu tenho muitas amigas que botaram silicone industrial, que ficaram com o corpo horrível, desceu aquilo, então eu não queria passar por aquilo, por ver que aconteceu aquilo com elas,*

[55] Maiores informações sobre quem são, o que e como fazem as *bombadeiras* poderão ser encontradas no documentário dirigido por Alencar (2007).

> *fiquei com medo, então assim vou fazer o processo "hormônioterativo" que é mais saudável, mesmo inviável que o silicone ele é mais saudável. (E11)*
> *Mas até o ano que vem agora eu não vou precisar de me hormonizar mais não. Vai ter viagens por aí, vai ter suspresas... Vou viajar pra Europa. Vou colocar a minha prótese de silicone. Vou fazer meu corpo, coxa, bunda e se Deus quiser. (E15)*

É nesse cenário que a Europa ainda configura-se como o continente cujos países, ao contrário do Brasil, permitem ascender a uma vida em que a satisfação financeira e a cidadania estão asseguradas. Kullick (2008) e Teixeira (2008) discutem os desejos e angústias das travestis brasileiras que migraram ou pretendem migrar para a Europa, identificando nesse fluxo migratório os significados da vida na Europa, que expressa o ganho de um capital simbólico para além dos rendimentos financeiros. Tal como descrito por Pélúcio (2005):

> Na Europa adquirem um outro traquejo: aprendem a falar um novo idioma, conhecem culturas diferentes, orgulhando-se de se aproximarem de um refinamento burguês, o que leva a um consequente afastamento do gueto. [...] Para algumas, a Europa significará um ponto de viragem, promovendo-as no mercado sexual brasileiro, não só pela sua passagem por lá, mas por possibilitar transformações radicais no corpo (p.11).

Se a cirurgia plástica é a conclusão de um processo permeado de dúvidas e receios, a cirurgia de redesignação sexual é uma possibilidade pouco cogitada e mencionada pelas mesmas. Entendida como um limite que não deve ser ultrapassado, a negação da transformação radical num corpo de mulher assenta-se em dois aspectos: a necessidade de ter e oferecer prazer e a recusa à fixação numa condição estritamente feminina. Nesse sentido, a discussão apontada por Trindade e Nascimento (2004) nos faz compreender que a relação entre o pênis e o corpo ainda figura como uma exigência da apresentação da masculinidade, aspecto também presente na construção social da identidade travesti.

> *Não passa pela minha cabeça. Até mesmo porque as pessoas procuram a gente porque é assim. Se fosse assim tinha um monte de mulher na rua né? (E1)*

> *Me sinto uma mulher, mas não tenho coragem de operar. Porque já ouvi uns casos que as trans que já operaram, umas ficaram com distúrbio mental um pouco abalado, umas não aceitaram bem... então eu fiquei com um pouco de medo disso. Já cheguei a ir lá no médico? Já. Para poder fazer tudo. Já ia começar as sessões com psicólogo, mas só que mesmo assim eu peguei e desisti com medo, que as pessoas falaram né, que ficaram com medo de ficar doida. (E17)*

Além da transformação, que marca a ruptura com o mundo familiar e organiza o sentido de passado, presente e futuro das *trans,* as relações com a família de origem também exercem importante influência à compreensão da travestilidade no grupo trabalhado.

Composição e relacionamento familiar

A aceitação da família é um processo complexo. De 15 entrevistadas que fizeram referência à categoria, contamos 13 menções ao subtema “aceitação familiar”. Dessas 13, 6 relataram experiências de não aceitação por parte da família e as outras 7 disseram não ter maiores problemas com a família quanto a essa questão.

Uma vez que a maioria das participantes expôs que já se assumem travesti e outras que assumem sua “homossexualidade” perante suas famílias, afirmaram a aceitação desta condição recebida por parte dos familiares, sem mencionarem dificuldades e conflitos vividos nestas relações. Ainda segundo as participantes, a revelação da homossexualidade e/ou travestilidade confirma a percepção construída pelos familiares acerca das mesmas desde a tenra infância.

> *Aí eu comecei a me montar, ela não falou nada não. Meu pai no início que foi contra. (E2)*
> *Então depois daí minha família... porque tipo assim, a família sempre sabe. Sempre sabe o que você é. (E1)*
> *[...] minha mãe também era um pouco severa comigo, por causa que eu sempre fui assim desde criança.(E4)*

Como boa parte da amostra pesquisada é composta de travestis jovens, um dos elementos que pode atuar facilitando a percepção da aceitação dos pais é o fato de possuírem também pais jovens. A juventude dos pais foi usada como argumento por algumas para ilustrar o processo de aceitação da travestilidade.

> *Pra eles não tinha diferença nenhuma. Meus pais tem uma cabeça, meus pais são muito novos, meus pais tem 40 anos cada um. Então já tem uma mente mais... já vê a situação de outra forma. (E1)*

Ainda assim, os relatos de não aceitação e conflitos nas relações familiares são frequentes, o que contribui para a busca de independência financeira e saída de casa. Da amostra pesquisada, poucas são as que residem com familiares e a maioria relata morar só. Nesses casos, a autonomia torna-se fundamental à vivência da travestilidade, de relacionamentos amorosos e até de reconquista das relações familiares.

> *Moro na casa da mamãe fico lá no máximo 01 mês, já dá problema e eu já saio fora. Nunca tive lugar certo pra ficar. É isso aí. (E6)*
> *Saí da minha casa com 15 anos. Hoje eu vivo, desde os meus 15 anos aprendi a viver sozinha, me virar sozinha, contar com meu dinheiro. (E4)*
> *Aqui eu não tenho parentesco nenhum, não tenho parente, não tenho nada entendeu. É eu e eu aqui. (E17)*

A aceitação da travestilidade/homossexualidade configura-se num processo construído e elaborado por todos, travestis e familiares, cujos elementos envolvem o apoio financeiro que algumas entrevistadas concedem às famílias, dinheiro advindo muitas vezes da prostituição.

> *Hoje em dia eu tenho uma relação maravilhosa. Ela me aceita, me pediu perdão por várias coisas que ela fez comigo. Não sei se ela me aceita pelo fato de eu ter uma boa condição financeira de poder ajudar ela ou porque ela viu que ela estava errada. (E4)*
> *Ajudo minha mãe em casa. Já fui casada e já saí da casa da minha mãe várias vezes. Tô levando minha vida assim, na prostituição, ganhando o que eu tenho que ganhar e levando pra casa. (E8)*
> *Hoje ele me abraça. Hoje ele já é mais idoso né. Ele me pediu perdão pelas coisas que ele fez, ele falou assim: meu neto você nunca vai mudar*

> *pelo fato de que você é. Então assim, eu não reconhecia. Meu avô na idade que tem hoje. Ele me ama de paixão. (E11)*

Nos relatos sobre a composição familiar vemos que a mãe ocupa uma posição emblemática no discurso das entrevistadas e é sobre quem recairá a ênfase de sentimentos de admiração e perdão, atuando como matriz de identificação para as mesmas. Também observamos menções ao pai na fala das participantes, contudo estas menções relatam a ausência e o vazio em torno desta figura, o que torna a representação da mãe ainda mais central na dinâmica familiar.

> *Minha mãe é uma batalhadora, uma guerreira. Cuidou de nós, seis filhos, varrendo rua, gari. Dependendo do cabo da vassoura sustentou nós. Por isso que eu não apedrejo ela. Porque ela foi mãe e pai para nós seis filhos, que somos em seis tudo de um pai só, e ela seis filhos com humildade toda deu o maior respeito, se esforçou para crescer, dar o estudo.Eu não apedrejo minha mãe. (E5)*
> *[...] mas como ele não mora com a gente, nem foi muito diferente. Que ele não me criou. Saiu de casa eu tava com 10 anos. Tem muito tempo que ele saiu de casa. Ele nem ligou muito não. Ele não viu eu crescer.(E2)*
> *[...] eu fui criado só com ela. Ela e minha avó. Eu não tive figura masculina, que é a primeira coisa que se pensa quando se muda a inclinação pro homossexualismo que acha que é a carência de paterno. E eu discordo disso. Eu tive uma vida de menino normal pra ter minhas opções. (E20)*

Se as relações com pais, mães e outros familiares são marcadas pela aceitação e rejeição, perdão e ressentimento, as relações com irmãos são descritas de forma fraterna e leve. As famílias das participantes são de composição numerosa e a contagem sempre é feita pela participante a partir do núcleo composto e/ou recomposto pela mãe. Todas possuem irmãos e se veem pertencendo a um conjunto familiar que possui uma média de 3 filhos, incluso a participante.

> *Eu tenho um monte de irmão! Tenho um monte! Minha mãe teve oito filhos. Dois né que é do primeiro casamento dela com meu pai, era eu e minha irmã, e teve mais cinco com meu padrasto. Eu tenho uma irmã por parte de pai com outra mulher, que eu quase não tenho contato também, mas também é uma pessoa maravilhosa. Parece muito comigo viu? Se olhar pra mim fala que eu sou eu de novo. (E4)*

Ao constatarmos o elemento de fraternidade e o caráter amistoso presente nas relações com irmãos, inferimos que, se há dificuldade por parte da mãe e de outros membros da família na aceitação da travestilidade/homossexualidade, o mesmo não acontece com os irmãos. A questão pode ser compreendida considerando o estabelecimento de hierarquia entre os membros familiares. Portanto, se as relações entre pais e filhos são marcadas pela presença da autoridade e da construção de expectativa em relação ao futuro dos filhos balizados por um ideal de vida heterossexual, estas questões tendem a desaparecer na relação entre irmãos, permeada por uma maior igualdade.

> *Eu gosto de todos, amo todos e todos gostam de mim. Me respeitam, são carinhosos comigo. Dentro de casa não existe essa coisa graças a Deus. Fui abençoada nessa parte né?(E5)*
> *Super bem. Nós brinca dentro de casa. Nós se dá super bem entendeu, nós irmãos dentro de casa. Um brinca com outro. Aí eu saio da casa da minha mãe vou na casa das minhas irmãs em Vila Velha, entendeu. (E8)*

O Preconceito e suas manifestações

Lacerda, Pereira e Camino (2002) conceituam o preconceito em estudo com homossexuais na perspectiva das representações sociais como

> uma forma de relação intergrupal onde, no quadro específico das relações de poder entre grupos, desenvolvem-se e expressam-se em atitudes negativas e depreciativas além de comportamentos hostis e discriminatórios em relação aos membros de um grupo por pertencerem a esse grupo (p. 166).

Em nossa pesquisa, vemos que as entrevistadas percebem e circunscrevem o preconceito a partir de dois núcleos de relações: a sociedade e a família. O preconceito intrafamiliar aparece relativizado na fala das entrevistadas (19 menções ao subtema “preconceito da sociedade” contra 6 do “preconceito intrafamiliar”). Sobre esse aspecto, supomos que as referências afetivas estabelecidas com o contexto familiar de origem atuam redimensionando essas

relações e é nesse jogo que envolve momentos de tensão e acolhimento que o processo de aceitação da nova identidade de gênero por parte dos familiares e das entrevistadas se constrói. No entanto, essa relativização encobre a extrema violência na manifestação desse preconceito por parte de familiares, tal como podemos observar nas falas a seguir:

> *[...] meu tio me trancava dentro de casa, não deixava eu sair. Ele por várias vezes já me deu surra querendo obrigar eu a mudar minha opção entendeu, que foi até que a gente partimo pra justiça e processamos ele, aí ele teve que deixar algum bem dele pra mim, como indenização[...] (E15)*
> *Inclusive até na parada gay que teve lá, as três em São Gabriel que eu fui eleita Miss, as três paradas minha mãe foi com faca a primeira vez pra me esfaquear, foi com pau e na terceira ela jogou pedra. Eu em cima do trio elétrico. Então é muito difícil. (E4)*
> *[...] eu sofri preconceito mais da minha família mesmo que já me botaram pra fora de casa várias vezes, entendeu. Tive que ficar na rua, dormindo na rua. Eu tinha 13 anos de idade. Então eu passei por uma situação difícil (E15)*

Em relatório sobre a violência homofóbica no Brasil no ano de 2011 (Brasil, 2012), consta que 47,1% das vítimas possuem idades entre 15 a 29 anos e em 61,9% dos casos o/a agressor(a) é uma pessoa conhecida, sendo estes familiares (38,2%) e/ou vizinhos (38,8%). Nos relatos de nossas entrevistadas, se a familiaridade com o agressor ameniza a percepção da atitude violenta, as reações de preconceito da sociedade são sentidas na forma de gestos e olhares recriminadores e nos relatos de agressões verbais e físicas. Interessante notar que em ambas as manifestações do preconceito, intrafamiliar e por parte da sociedade, chama-nos a atenção o conteúdo misógino[56] evidenciado em algumas dessas falas.

> *[...] e as pessoas de fora são muito preconceituosas. Mais do que a família da gente. Pelo menos minha família hoje aceita mas os povo da rua não aceita.(E7)*

[56] Holland (2010) ao realizar um apanhado sobre a história da misoginia, afirma que muitos não a veem como um preconceito, senão como algo inevitável dado sua proeminência pelos tempos e sua difusão entre diferentes culturas. Esclarece ainda que a misoginia é um preconceito tão antigo e tão óbvio, que tornou-se difícil percebê-lo como algo nocivo, amparado na crença de que as mulheres violam a ordem moral do mundo.

> *Não é só preconceito dentro de família não, preconceito na rua também entendeu, Não vou te falar que... eu nunca apanhei na rua, mas não vou te falar que já tentaram tacar extintor, já tentaram dar paulada, alguma coisa, já!(E15)*
> *Porque nós temos uma identidade de gênero, entendeu? Feminina. Nós não somos masculinas, somos femininas e isso agride as pessoas, incomodam. (E4)*
> *Só quando eu me assumi, chegou um tio pra mim, virou e falou assim: "é... eu acho que você só não precisa virar mulher". No caso era se montar, pra ele acho que ele nem falava de transexual, nada disso [...] (E1*

Como consequências do preconceito destacamos o medo - como emoção que muitas vezes acompanha a vida da *trans*- e a negação à travesti do seu direito de circular no meio social. Essa interdição do espaço social as impedem de entrar no mercado formal de trabalho, surge nos momentos de encontro com a vizinhança domiciliar e as retira das salas de aula. Lembramos que, por caracterizarem um grupo de jovens travestis, sob forte influência das experiências iniciadas com a transformação, os relatos de rejeição vivenciados no espaço escolar são os mais lembrados pelas mesmas.

> *É medo. A todo lugar que eu vou é medo. Porque a vida da gente traz surpresas. A gente não sabe o que tá esperando a gente ali na frente, entendeu. (E15)*
> *Eu sou uma pessoa medrosa, sabe? Eu sou uma pessoa ansiosa, quer dizer, eu não saio à noite, coisa mais difícil. Eu não sou de sair [...] (E21)*
> *[...] é difícil pra gente que é travesti voltar a estudar. Tem a questão do nome social, a questão do uso do banheiro feminino. Porque o gay ele ainda passa batido, mas as travestis não. (E4)*
> *Eu tinha 13 anos, estava na sétima série, o motivo que a escola todinha, juntaram mais de 30 alunos para me bater. E o diretor falou assim que eu não podia fazer nada, que eu era travesti, eu tava virando travesti, que era gay, eu pedi pra fazer isso, eu pedi para que isso acontecesse. Então eu peguei e saí da escola porque não estava aguentando mais. Eu não tinha força, nem ânimo para poder estudar, aí por isso eu saí da escola. (E11)*
> *A maioria das travestis ou elas estão dentro de casa trabalhando com salão, né... que nem gostam de trabalhar pra fora pra não ter que pegar ônibus de manhã. Que praticamente elas aprenderam a ter a vida noturna. Ou... sabe, querem ficar no meio da prostituição. Que é mais fácil, é mais rápido. (E18)*

Silva (2008) aponta a escola como um agente eficaz tanto na reprodução do ideal heteronormativo quanto (e também por isso) na produção do fracasso escolar dos corpos *trans*. A autora denomina de produção de espaço interdito a capacidade de determinados grupos de apropriar e dominar lugares afastando destes os corpos desviantes e subjugando-os à circulação em espaços específicos. Também por isso, as travestis idealizam uma vida em outros territórios, que não os já conhecidos e habitados pelas mesmas.

> *[...] acho que é essa a dificuldade das pessoas entenderem que a gente também tem o nosso lugar e quer ser feliz. Então, não tô aqui pra ser agressiva no meio da rua com ninguém. (E1)*
> *Tem lugar que você é respeitada né! Você é respeitada pelo que você é porque a sociedade de lá, o governo dá mais oportunidade. Eu acho que o Brasil tem muito que crescer. Muito. (E1)*
> *[...] o capixaba em si ele ainda é muito preconceituoso, ele é muito homofóbico. Porque no Rio de Janeiro isso já não acontece muito, em São Paulo, em Belo Horizonte. Aqui as coisas já são mais difíceis, as pessoas tem a mente mais fechada. (E4)*

Masculinidade e feminilidade no jogo de espelhos do amor

A categoria acima nomeada conjuga os últimos temas analisados, respectivamente: compreensão das participantes sobre masculino e feminino e relacionamento amoroso. Ambos os temas foram mencionados por 21 das 21 participantes, apresentando um conjunto de respostas bastante denso e amplo. Nesta categoria também encontramos respostas às principais questões levantadas pelo estudo, cujos resultados discutiremos a seguir.

Para começar, iremos descrever os conteúdos dos principais subtemas encontrados na referida categoria. Um primeiro refere-se à defesa das participantes de sua posição feminina. Os enunciados fazem referência à satisfação das participantes em “se sentirem femininas” e de “gostarem de ser mulher”, aspectos que também emergiram nos trabalhos de Benedetti (2005) e Pelúcio (2005). Para

tanto, referendam sua imagem em características tradicionalmente atribuídas ao gênero feminino, como: doçura, delicadeza, meiguice, fragilidade, passividade, vaidade, calma e também “saber se comportar”.

> *Feminino. Porque é o que me faz sentir bem, e o que me faz querer ser o que eu sou hoje: ser **mulher** no caso assim, **entre aspas**[57]. (E1)*
> *Mais feminino. Porque sei lá, eu gosto de me sentir mulher. Eu não consigo me sentir masculino. Eu me sinto feminina. Então eu levo mais pro lado da feminilidade e não pelo lado masculino. (E3)*
> *[...]porque eu sou muito carinhosa, muito ciumenta, muito briguenta, entendeu. Aí eu acho que passo mais o lado feminino. (E7)*

No entanto, não basta que se sintam ou queiram ser mulheres, precisam convencer, adquirir êxito nessa posição, serem reconhecidas enquanto tal e para isso dependem da participação de outro agente no processo: os homens com seus olhares e posturas desejantes do corpo *trans*.

> *[...] então eu já vi muita gente... não comigo, mas já vi gente porque, querendo, eu acho eu acho que eu passo muito como mulher batido por aí.(E1)*
> *Porque tem aquelas que se parecem com travesti mesmo. Mas eu não eu sempre fui feminina. Eu pareço realmente uma mulher. (E4)*
> *Feminino. Ai porque eu tô olhando para aquele homem eu me sinto aquela mulher desejada, aquela mulher amada. (E11)*

Para tanto, empenham-se no aprendizado gestual e na incorporação de signos e atributos entendidos como femininos (Benedetti, 1998, 2005; Pelúcio, 2005), sobre os quais recai um importante elemento a ser analisado: a competição que estabelecem com as “mulheres de verdade” (Denizart, 1997; Kullick, 2008).

> *É porque as mulheres hoje em dia estão se descuidando muito. Não penteia cabelo, não faz uma maquiagem, não vai no salão, não faz as unhas, não veste roupa assim, adequada, roupa bonita tal. Qualquer roupa tá boa pra elas entendeu. (E15)*
> *Até nisso tem mulheres que tão se perdendo, tem mulher hoje em dia, que é o que eu via minha mãe, uma mulher que cuidou de dois filhos sozinha, mas ela não deixava de ser feminina, e até isso nela mudou também. Eu acho que certas coisas do feminismo, a mulher foi se masculinizando. E eu penso exatamente o contrário entendeu. Eu acho que ela tem que ter*

[57] Grifo nosso.

> *profissão, tem que tá nesse nosso meio social, mas tem que ter feminilidade. (E20)*

Este homem, sobre quem projetam seu corpo e também seu desejo está caracterizado por uma imagem fortemente oposta à imagem feminina construída e na qual se amparam. Este homem, para ser reconhecido enquanto tal, deve ser forte, viril, grosseiro, frio e heterossexual. Dessa forma, o que dá a dimensão do feminino é a imagem viril e máscula de seus parceiros e é esse jogo do desejo que as feminiliza tanto ou mais do que a transformação. Trindade e Nascimento (2004) buscam articular a experiência da homossexualidade às construções sobre o masculino a partir de três modelos: o heterossexual masculino, o homossexual masculino e o modelo feminino. Dessa forma, discutem como a homossexualidade (nesse caso, a masculina) tem amortizado a construção de um modelo social de masculinidade hegemônico que também é sistematizado pelos autores pelas características acima descritas.

> *Uma beleza assim masculina, ser bem forte, ser alto, forte, musculoso. Se for moreno, melhor ainda. (E14)*
> *Que me satisfaça, que seja moreno chocolate, musculoso, que malhe, tenha aquele corpo bem sarado mesmo, aquele corpo que você fala assim: "Nossa! Qualquer mulher deseja". Tatuagem no braço, de preferência um dragão. Qualquer tatuagem que tiver nesse braço aqui e [...] (E15)*

Se a força é um dos atributos mais valorizados no homem é nesse aspecto que assumem igualar-se aos mesmos. Outros autores como Denizart (1997), Kullick (2008), Pelúcio (2011), Silva e Barboza (2005) também identificaram em seus estudos este mesmo aspecto. Para as entrevistadas, é possível sacar sua "natureza masculina" em situações de conflito e disputa e usar da força física. Assim, compreendemos que a masculinidade travesti aloca-se no próprio corpo, amparada na crença determinista e essencialista de que a natureza não se contradiz e de que todos sucumbem, em algum momento, à "força da natureza".

> *Querendo ou não você tá brigando com um homossexual. Ele é homem igual a outra pessoa. É homem. É lógico, se precisar de eu brigar com alguém, eu vou descer do salto e vou descer a mão. (E1)*
> *[...] nunca apanhei na rua de homem nenhum porque apesar de uma coisa: eu respeito desde que me respeite. Sou uma travesti mas tenho força de homem. Se vim na mão eu aguento mesmo. Bato mesmo entendeu. Não tem tamanho de homem pra mim. (E15)*
> *A mulher tem o direito, força e poder de competir com o homem, mas não tem aquela forca de homem. Entendeu mais ou menos? Não tem aquela força. (E21)*

Quando se referem aos relacionamentos, as entrevistadas justificam as posturas românticas, carinhosas, ciumentas e passionais assumidas a partir da composição feminina que criaram e com este aparato idealizam uma vida a dois. Já neste momento, este homem, com quem pretendem ter uma vida a dois, deixa de ser o forte e musculoso para estarem com alguém que seja romântico e sincero, mas também maduro, trabalhador e companheiro. No entanto, algumas interpretam as experiências que tiveram num sentido oposto ao relatado, classificando os homens com quem estiveram de interessados somente em sexo e dinheiro.

> *Travesti é objeto sexual dos homens. (E4)*
> *A maioria é sexo. (E1)*
> *[...] tem homem que quer travesti pra bancar e eu não sou dessas não, entendeu, eu não banco homem nenhum. (E15)*
> *Porque um homem que se relaciona comigo, a primeira coisa que me vem à minha cabeça é que ele só quer montar (no sentido de sustentar materialmente), e a maioria das vezes é realmente isso. (E20)*

Ainda assim, existem os relatos de relacionamentos que foram e são vividos com satisfação. Muitos dos relacionamentos com os "maridos"[58] são relatados a partir das experiências de carinho, respeito e diálogo vividos entre o casal. No entanto, se as travestis não sofrem pressão social por se relacionarem com homens heterossexuais – que para elas significa reconhecimento da condição feminina - o mesmo não podemos dizer de seus companheiros, que são

[58] Segundo Pelúcio (2006), "marido" é uma expressão utilizada pelas travestis para referirem-se aos seus namorados e/ou companheiros independente da vivência conjugal.

constantemente questionados pelo fato de estarem com uma *trans*. Este fato, muitas vezes, os lança em conflito com o próprio desejo, cuja satisfação, para muitos, restringe-se na possibilidade do programa pago com uma *trans*, uma vez que pagar prostitutas é uma atitude socialmente legitimada na socialização masculina.

> *Eu tenho meu namorado, já tô há cinco anos com ele, entendeu. Nós nos damos muito bem, entendeu. Somos cúmplices um do outro. Parece que ele percebe quando eu tô com problema eu também percebo quando ele tá com algum problema. Um ajuda o outro. (E4)*
> *Porque tem muita gente que vê eu mais o meu namorado no meio da rua, assim, aquele ar de susto, entendeu. E tem amigos, principalmente amigos, que criticam: "pô, você vai deixar de ficar com uma mulher pra ficar com um travesti? Que é homem do mesmo jeito?" (E15)*
> *[...] no dia 25 eu disse isso prá ele, que eu não queria mais, que não dava, que tava sofrendo demais e aí...já em 2003. E aí depois a gente...dia 26 ele voltou atrás de mim e disse que ia tentar. E aí a gente tentou e ficamos sete anos e meio juntos, entendeu? Aos trancos e barrancos, com a sociedade cobrando muito. A família dele cobrou. Muito! A mãe perseguiu, a família perseguiu, né. É...ao ponto de...de denúncia, polícia...sabe. Foi muito difícil prá mim através da família dele e ele não aguentou a pressão. (E18)*

Esse contexto facilita a idealização tanto do relacionamento quanto do homem com quem esperam dividir o dia a dia. Este homem que assume a face de um homem honesto, sincero, fiel, carinhoso e maduro, financeiramente independente e equilibrado emocionalmente é personificado na figura do "coroa", do homem mais velho, que reúne condições tanto materiais quanto psicológicas para assumir um relacionamento com uma *trans* sem receio de ser estigmatizado. Com este homem, pretendem um relacionamento onde o sexo deixa de ser central para dar lugar ao companheirismo. Nesse cenário, fomentam a busca de experiências conjugais que se estabelecerão a partir da divisão de tarefas e responsabilidades, na ausência de papéis rígidos e no apoio mútuo.

> *Eu ficava por conta do almoço, da janta, de arrumar a casa. Mas quando eu não podia ele fazia. Ele fazia e ele também cuidava do meu filho muito bem. Muito bem. Com remédio, o tipo de comida que eles gostavam de comer... (E18)*

> *[...] uma pessoa que vai me ajudar a batalhar, que vai me ajudar a caminhar que a gente tenha uma fonte de viver a vida juntos, uma vida bem, uma vida estável entendeu. Isso seria um relacionamento perfeito. Uma pessoa que gostasse de mim do jeito que eu sou, que não tivesse vergonha de me mostrar pra ninguém, que fosse muito objetivo: "Ah não. Você é meu e ninguém tem que se envolver com isso". Meu relacionamento perfeito é esse. (E2)*
> *[...] me relacionei muito com jovens, garotos de 15/16 anos. Fui casada 5 anos com um, 3 anos e meio com outro e agora eu tô com uma pessoa de 48 anos que sabe o que quer da vida. (E5)*

Pelúcio (2006) lembra que o investimento numa educação moral e corporal, cujo objetivo final é o êxito de sua condição feminina, "conforma um *ethos* do próprio grupo" (p.08) onde se valoriza os atributos da masculinidade hegemônica de seus parceiros, que se tornam ainda mais admirados na medida em que assumem a relação, consolidando o reconhecimento social da união.

Ethos de Eros

Sabemos que as travestis não se prendem aos signos normativos ao romperem com o sistema binário para compreensão dos gêneros (Berkins, 2006; Becerra, 2009; Jimenez & Adorno, 2009). Dessa forma, torna-se inadequada qualquer tentativa essencialista de definição da travestilidade, uma vez que esta se organiza em torno de fluxos e de trânsitos reposicionando e recriando atributos da masculinidade e da feminilidade. Isso não se deve exclusivamente pela escolha de incorporarem uma identidade de gênero feminina, mas também pela escolha deliberada e intencional sobre quando e como estarão mulheres e/ou homens (Becerra, 2009).

Dessa forma, ao gerirem um terreno híbrido para constituição de si (Benedetti, 1998, 2005; Pelúcio, 2004; Borba & Ostermann, 2008, Peres, 2005), enunciam um campo de possibilidades afetivas, sexuais e identitárias. Ao estabelecermos um canal dialógico com o grupo pesquisado, observamos que se

valem de um jogo de imagens altamente estereotipado para ilustrarem os sistemas de referência utilizados para fornecerem informações sobre o grupo.

Denominamos por sistemas de referência os pontos a partir dos quais as travestis enunciam os discursos acerca do gênero. Tal como trabalhado por Grize (2001), estes pontos de referência (*topoi*) permitirão a apresentação de uma realidade particular e cultural de um sujeito a partir da revelação de um pensamento e sua organização no encadeamento do discurso. É dessa forma que compreendemos que, para o grupo pesquisado, a masculinidade é anunciada a partir da identidade negada, suprimida, do "não-dito" que manifesta recusa e submissão à uma condição determinada no nascimento. A lógica deste tipo de pensamento rege-se pela ideia *nasci assim, mas não sou assim* cujo discurso ancora-se na representação da natureza como entidade determinista e pouco maleável.

Pérez, Moscovici e Chulvi (2002) defendem a hipótese de que a construção da identidade humana se encontra em um universo simbólico estruturado por divisões e hierarquias em que a divisão fundamental seria a de natureza e cultura, refletida na ideia de corpo e de espírito. Sendo assim, no grupo pesquisado, à imposição da natureza (sexo masculino) se opõem as referências ao feminino que é por onde circula a projeção e idealização daquilo que esperam para si.

Esse jogo de idealizações e projeções é feito a partir de duas figuras emblemáticas: a mãe, sobre quem resguardam toda a admiração e por onde incorporam os primeiros atributos do gênero feminino: a garra, o caráter, a força para batalhar, o respeito familiar (*sou assim desde criança e minha mãe sempre soube que eu era diferente*) e a "mulher sedutora", cuja construção da imagem volta-se para o objeto para o qual direcionam seu desejo: os homens.

Peres (2005) relata ter identificado em seus registros de pesquisa os mesmos modelos de referência trabalhados por Fernandes (Fernandes as cited in Fernandes, 2005). Para os autores, as travestis amparam-se para construção do modelo feminino em três figuras: a mãe, a vedete e a prostituta. A vedete reflete o glamour, beleza e brilho que toda travesti busca. Na mãe está a afetividade, a tolerância e o amor gratuitos, possivelmente influenciadas pela ideia de um mito do amor materno incondicional; e já na prostituta apreendem as nuances da sensualidade, sedução e luxúria.

Sobre esses aspectos recaem a tentativa de construção de um feminino que procura superar a si mesmo, numa analogia em que autores como Benedetti (2005) denominaram de construção de um “feminino travesti”. A crença que respalda o grupo nesse conjunto de ideias e práticas é: *a travesti sempre vai tentar ser aquela mulher desejada para aquele homem, senão o perderei para uma mulher de verdade*. Essa afirmativa carrega o poder de manter o ato de transformar-se em constante atualização. Daí a busca incansável por cirurgias plásticas, roupas (lembramos que *fazer compras* foi uma atividade de lazer considerada por algumas participantes), mudança no corte, volume e cor dos cabelos, usos e considerações sobre o hormônio.

Acreditamos que esse constante “vir a ser” só pode enfraquecer se veem ameaçado o jogo de retroalimentação do desejo. Esse encontro de corpos que desejam e que querem ser desejados carrega o poder de reiteração do conjunto de normas que produzem as verdades sobre o sexo e o gênero e é a partir da reprodução performática dessas verdades ritualizadas que pretendem emergir como sujeito que não corre o risco da abjeção (Butler, 2007). Sobre esse aspecto, Moscovici (2001) lembra que nenhum sujeito se constitui exclusivamente pela

imposição de um “fora” (religiões, ciências, mitos), mas pela constante interação entre as instituições formadoras de ideias e as estruturas intelectuais e afetivas capazes de re(fazer) estas mesmas ideias, que neste trabalho exemplificamos pelas nuances do jogo do desejo.

Acrescentamos o terceiro ponto a partir do qual as entrevistadas constroem suas referências: a compreensão do ser travesti. Sobre esse aspecto, o movimento que fazem é de uma “(des)afirmação de si” e a ideia que permeia esse conjunto de referências é a de que *não sou isso que dizem de mim*, numa tentativa de afastar as atribuições negativas referendadas ao grupo. Com estas considerações podemos perceber porque, ao referirem-se a homens, mulheres e travestis dizem que aqueles são fortes, musculosos e viris, aquelas são doces, passivas e frágeis e estas são vulgares e escandalosas. Compreendemos este primeiro momento, que denominamos de “acesso aos signos fáceis” (imagens estereotipadas) através de sua utilidade na tentativa de estabelecer um elo de comunicação (pesquisador e pesquisadas) diante da provocação de terem que explicar e justificar seu próprio mundo.

Assim, observamos que nos encontros ritualizados pelo desejo, os papéis invocados são altamente rígidos e negociar a flexibilização desses papéis nesses encontros torna-se atividade conflituosa para os envolvidos. Esse momento é preenchido por afirmações do tipo “sou passiva, sou mulher” e “homem é ativo”, tal como exemplificado por Pelúcio (2005) ao dizer que as travestis não gostam de homens que assumam uma posição passiva no ato sexual, os desprezando e os chamando de “mariconas”.

Um segundo momento refere-se ao campo que apresenta as bases mais amplas do discurso estigmatizador. Denominamos esse segundo momento de

“acesso ao campo estruturado”. Bourdieu (2010) discute o papel de agentes e instituições (incluídas a família, a escola, a igreja e o Estado) no processo de (des) historização das estruturas de dominação que levam as relações de dominação a serem naturalizadas na ordem diferencial dos sexos e nas práticas afirmadoras da oposição entre masculino e feminino. Sobrinho (1998) retoma de Bourdieu o conceito de *habitus*, para se referir a este como um *ethos de posição* que delineia um contexto cultural a partir da relação estabelecida entre indivíduos e os objetos sociais que, incorporados na forma de princípios de ação e reflexão, emitem a maneira sobre como um determinado grupo construirá um diferencial identitário.

No caso deste trabalho, esse *ethos de posição* ancora-se nas bases de um pensamento social normatizador cujas estruturas de dominação deshistoricizadas podem ser percebidas através da constatação de suas imagens de superfície (o acesso aos signos fáceis). A manutenção e o questionamento desse pensamento social normatizador expresso pelo anúncio dessas imagens estereotipadas, preenche de significado o ato da travesti da busca de “superar a mulher”. Este ato é revelador de uma estratégia de proteção estabelecida pelo grupo para permanência na norma, que na tentativa de adquirirem uma imagem social convincente buscando serem “mais do que uma mulher de verdade” reafirmam uma posição do “ser mulher” que circula em conformidade com as instituições e estruturas simbólicas dominadoras.

A imagem social convincente (passar por mulher) opõe-se à imagem da “mulher masculina”. O grupo, ao perceberem que as conquistas realizadas pelos movimentos sociais feministas ameaçam esta configuração legítima, porém frágil e conservadora sob o qual se amparam na construção do “feminino travesti”, critica a perda da “mulher de verdade”, lançando para um campo de fora aquilo que não é

feminino e que correndo o risco de ser masculino deve ser afirmado como “fora de si”.

Essa operação de exclusão tem como sustentação as experiências de rejeição vividas pelo corpo *trans*, que busca desesperadamente afirmar-se num lugar de reconhecimento social e o faz a partir da apropriação implacável de um conjunto de referências acerca da mulher que não quer admitir dúvidas e/ou questionamentos. A imagem da mulher, produto do feminismo, cujas nuances não aprofundamos nas investigações realizadas para este estudo, ainda é precariamente inserida e admitida como possibilidade identitária para as travestis.

Se o jogo do desejo parece trabalhar na manutenção de um pensamento social normatizador, um terceiro momento, que denominamos *acesso a atividade estruturante*, revela os pontos em que as entrevistadas conseguem produzir rupturas na assimilação desse sistema hierárquico dos gêneros. Esse terceiro momento é operacionalizado pelas práticas, identificadas no discurso das entrevistadas pela transformação e pelas experiências conjugais. Flament (2001), afirma: “as práticas estão em contradição explícita com a representação. Vê-se, então, surgir o que chamamos de esquemas estranhos. A modificação eventual da representação é brutal, rompendo com o passado” (p. 179).

A transformação, movimento que consiste tanto na aproximação (feminino) quanto no afastamento (masculino) de um ideal de eu admite uma sobreposição das ações (afastamento e aproximação) desses dois agentes (masculino e feminino) configurando uma dinâmica não linear, alimentada energeticamente pelo desejo, e de reprogramação infinita. Portanto, as travestis entrevistadas, produzem um saber específico sobre o próprio corpo e dessa forma relativizam o determinismo sexo-

gênero a partir da percepção de como e quando o corpo poderá ou deverá estar masculino ou feminino.

Se desejo aciona o campo das normatizações e da construção de um ideal de eu e tem como desfecho a apresentação de um corpo masculino, feminino ou ambíguo, o amor será o conteúdo que, exercido no âmbito da conjugalidade, permitirá a flexibilizar papéis e posições generificadas. Ainda que nas experiências relatadas o amor esteja restrito ao âmbito da intimidade, este aparece relativizando diferenças e constituindo um espaço de negociação riquíssimo e potente para destituição das hierarquias. A condição produzida pela vida a dois não se restringe à divisão de tarefas e responsabilidades, mas também na relativização de posições antes acatadas como masculinas e femininas, cuja maior expressão refere-se à mudança de posição no ato sexual.

Giddens (1993) esclarece que o amor romântico fundamenta-se na ideia de um amor feminilizado e deve ser compreendido considerando a invenção da maternidade, as relações entre pais e filhos e a criação do lar. Giddens (1993) e Martínez-Plana (2004) afirmam que o amor romântico intensifica diferenças entre a masculinidade e a feminilidade e consiste num jogo de projeções e imagens que fortalecem os rituais de cortejo e de matrimônio.

Ainda que o grupo entrevistado alimente ideias de um amor idealizado, observamos o direcionamento do grupo para a construção de relações baseadas no amor confluente, que desestabiliza tanto a ideia de eternidade do amor romântico, amparada num ideal heterossexual, quanto de diferenças entre a masculinidade e a feminilidade. Para Giddens (1993):

> O amor confluente, embora não necessariamente andrógeno, e ainda talvez estruturado em torno da diferença, presume um modelo de relacionamento puro em que é fundamental o conhecimento das

> peculiaridades do outro. É uma versão de amor em que a sexualidade de uma pessoa é um fator que tem de ser negociado como parte de um relacionamento (p. 74).

Dessa forma, compreendemos como, entre o polo masculino e o feminino constroem uma identidade híbrida (Pelúcio, 2004; Benedetti, 2005, Peres, 2005; Borba & Ostermann, 2008; Kullick, 2008 e Becerra, 2009), que não se estabiliza, pois o sistema no qual constroem suas representações ancora-se em determinações binárias e rígidas para o masculino e o feminino e este mesmo sistema não admite ambiguidades. Esse trânsito fluido traz certo grau de liberdade sobre a definição de quem são e quem desejam ser. Muitas vezes, na tentativa de aplacar a angústia e o conflito de terem que justificar o trânsito por essa ambivalência, faz com que a ideia de natureza seja invocada. Dessa forma, ao mesmo tempo em que utilizam sistemas de referência essencialistas para referendarem a explicação de si, também ficam livres para criarem o seu próprio sistema de gênero que é plástico, mesclado e ambíguo.

Concluímos que as travestis entrevistadas provocam conflito entre o campo estruturado – instituições difusoras de modelos normativos e repertório cognitivo amparado no binarismo - e a atividade estruturante (transformação e conjugalidade). Nesse entremeio, a masculinidade (a também a feminilidade) das travestis está incorporada a um sistema de gênero peculiar e originalmente construído e acessado pelo grupo.

Portanto, é dentro dessa tecnologia de gênero aprendida, aprimorada, reinventada para concepção de si, que exercem o domínio do *ethos* de Eros. Esse *ethos*, cujo campo a prostituição alimenta, revela as formas de ser, estar e fazer de grupo que se organiza em torno da afirmação do amor e do desejo como um valor que repõe e reconstrói seus modos de viver.

CAPÍTULO 4

“Os efeitos do binarismo nas estruturas cognitivas e na construção do pensamento social dos *filhos da injúria*”

O crime, o riso e o fetiche da violência.

Você já se sentiu injuriado? Poderá lembrar-se de algumas situações nas quais, num contexto de trocas intersubjetivas, tenha se deparado com um sentimento de desconforto ou mesmo reagido a uma brincadeira, observação ou comentário que, partido de outro, tenha lhe incomodado ao ponto de calar-se, retirar-se do ambiente ou mesmo responder ao provocador com ironia. No entanto, se lhe perguntar; *“você já foi injuriado?”* estaria fazendo, a mesma pergunta?

A repetição do adjetivo *injuriado* pode, a princípio, anular a diferença qualitativa embutida nos verbos *sentir* e *ser.* O verbo *ser* atribui uma materialidade à definição de injúria que o verbo *sentir*, por requerer uma avaliação do sujeito acerca do peso da ofensa, faz com que esta seja diminuída em intensidade. Se as operações envolvidas no juízo crítico de cada um reverberam diferentes posições no ato de *sentir-se* injuriado, o *ser* deixa menos dúvidas acerca dos prejuízos à integridade moral e psicológica de quem *foi* injuriado.

O capítulo V do Código Penal Brasileiro tipifica os crimes contra a honra, quais sejam: calúnia, difamação e injúria. Dentre estes, a injúria possui como característica o ataque à honra subjetiva de alguém, que dentro de um contexto de aplicação penal opõe-se à característica objetiva dos crimes de calúnia e difamação por estes implicarem no reconhecimento de um fato que seja falsamente imputado ou ofensivo à reputação de alguém. (Brasil, 1991). A injúria tida como crime, por amparar-se em ofensas à dignidade e ao decoro, envolve discutir quem é digno, ou

melhor, se há o entendimento de que a dignidade é característica da condição humana, e quem é decente, quer seja, devidamente percebido como sujeito que incorpora adequadamente as normas e os padrões morais.

O deputado federal Jean Wyllys eleito pelo Estado do Rio de Janeiro, professor universitário e homossexual assumido, disse em audiência pública[59] que toda pessoa entendida como pertencente ao segmento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais se desenvolve e se cria, ao longo das suas vidas, sob o signo da injúria. Sob esse aspecto o referido deputado quis chamar a atenção para os efeitos da injúria na construção da vida social e íntima de cada LGBT em particular.

A ideia sobre a qual falou o deputado, de que o efeito nocivo da injúria determina a construção das subjetividades de LGBT, é explorada no documentário "O Riso dos Outros" (Arantes, 2012) que discute os limites do humor ao provocar a reflexão sobre a separação entre piada e ofensa. O reconhecido cartunista Laerte, que recentemente provocou polêmica ao assumir e apresentar-se publicamente com identidade de gênero feminina, afirma no referido documentário: "o humor dialoga com o preconceito das pessoas".

O documentário de Arantes (2012) prossegue a discussão sobre o recurso à violência aplicado aos contextos de humor e apresenta opiniões contrárias e favoráveis ao ataque às minorias pelos comediantes quando se trata de "fazer rir". Arendt (2009) preocupa-se em elaborar uma distinção entre *poder*, *vigor*, *força*, *autoridade* e *violência* ao refletir sobre as manifestações violentas do século XX e o crescimento da violência pelo vigor individual a partir da fórmula "um contra todos"

[59]A audiência ocorreu no dia 27 de abril de 2012 no auditório da Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo com o título: Homofobia e Políticas Públicas para LGBT.

(p.11). Para esta reflexão, faremos uma breve referência aos argumentos da autora sobre a distinção de poder, autoridade e violência.

Para a autora, *poder* implica condição para uma ação, mas para uma ação cujo autor é um conjunto, um coletivo e não apenas um indivíduo singular. “O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas enquanto o grupo se conserva unido” (Arendt, 2009, p. 60). Desta forma, não há poder sem relacioná-lo à existência de um grupo que o determine e que o instrumentalize em ações.

A autoridade relaciona-se ao reconhecimento aplicado a um indivíduo, instituição, cargo, cuja resposta é a obediência sem a necessidade da coerção ou persuasão para adquiri-la. Já a violência caracteriza-se pela instrumentalidade do *vigor*, quer seja, a de aumentá-lo à sua máxima potência e fazê-lo incidir sobre pessoa(s) ou objetos (Arendt, 2009).

Nesse sentido, podemos pensar que a injúria, direcionada ao grupo de LGBTs através da piada, prática cultural e cotidiana de nossa sociedade, relaciona-se à incitação do “vigor individual”, essa força cuja manifestação máxima é o ato de violência? Perguntado de outra maneira: as formas de manifestação da injúria contra homossexuais escondem um “vigor” que pode tornar-se violência a qualquer momento? Ou ainda: como o grupo de LGBTs percebe e reage à ofensa? Questões como as colocadas acima direcionaram as reflexões que apresentaremos a seguir, numa tentativa de articular a afirmação do deputado Jean Wyllys ao contexto de elaboração das identidades de gênero para os grupos abordados neste trabalho.

Finalizamos essa seção introdutória para o segundo conjunto de dados da pesquisa. Neste caso estão em foco as representações sociais de masculinidades e de amor de homens *gays,* homens heterossexuais e travestis e a comparação entre

os dados de cada grupo pesquisado. Procuramos também investigar de que forma as experiências de preconceito e discriminação por orientação sexual e identidade de gênero influenciam a construção das representações sociais de masculinidade e amor. Alguns autores propõem a relação entre identidade e representações sociais. Santos (2000) alerta que os campos da “Psicologia Social” e “Psicologia Clínica” dicotomizaram a discussão sobre identidade ao alocarem a compreensão do conceito exclusivamente como “consciência grupal” ou “consciência de si” e esclarece que grupos e pessoas expressam suas identidades pelas representações que fazem dos mais diferentes objetos sociais. Andrade (2000) afirma que o processo de construção da identidade é ao mesmo tempo individual e social, tal como a dinâmica de construção de uma representação social e, segundo a autora, as categorias que estruturam a identidade também estão presentes na estrutura da representação social. Sendo assim, algumas articulações poderão ser feitas a partir da relação entre identidade e representação social, sem, no entanto, dedicarmo-nos à discussão teórico-metodológica entre os dois conceitos.

Conforme explicitado no capítulo 2, participaram deste estudo 52 homens gays, 40 heterossexuais e 39 travestis. Os objetivos consistiram em investigar as representações sociais de masculinidades e de amor de homens *gays,* homens heterossexuais e travestis e comparar os resultados encontrados no conjunto de dados de cada grupo pesquisado. Como objetivos secundários têm-se, portanto, investigar de que forma as experiências de preconceito e discriminação por orientação sexual e identidade de gênero influenciam a construção das representações sociais de masculinidade e de amor.

Apresentaremos os resultados por grupo (heterossexuais, *gays* e travestis) também distinguindo o bloco temático de cada análise realizada pelo ALCESTE.

Homens Heterossexuais:

Dos 40 participantes, 30 estão com idades compreendidas entre os 18 aos 24 anos e 10 acima dos 24 anos. Destes 40, 32 possuem ensino médio (em curso ou concluído) e 8 participantes possuem ensino superior. Nenhum destes possui apenas o ensino fundamental de formação escolar.

A – "Ser Homem", "Ser Mulher":

Obtivemos na análise realizada pelo *software* um aproveitamento de 72,84% do conteúdo segmentado em 4 classes estáveis. De acordo com o dendrograma apresentado, uma primeira segmentação do conteúdo deu origem a classe 3, uma segunda partição do conteúdo originou a classe 4 e, por fim, outra segmentação do texto dividiu as classes 1e 2.

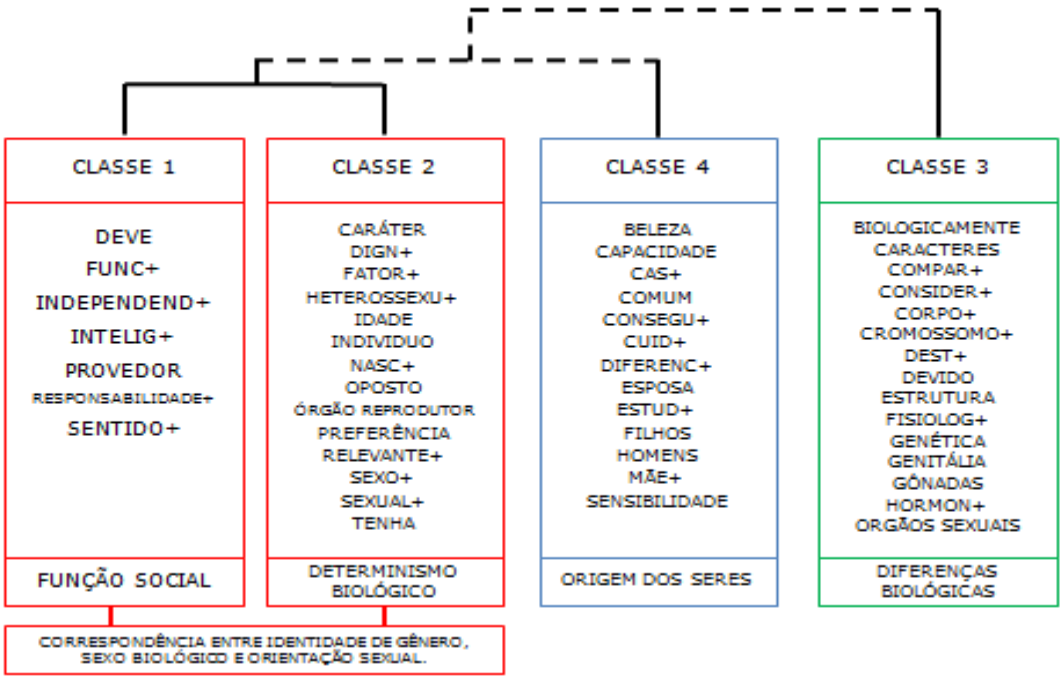

Figura I – Disposição das classes e apresentação das palavras mais significativas de cada classe referente ao banco *ser homem* e *ser mulher* de homens heterossexuais[60].

[60] Optamos por não inserir nas figuras os valores de freqüência e *qui* quadrado encontrados pelo programa. Isto porque, utilizamos como critério para análise das classes, ora os valores de freqüência, ora os valores de *qui* quadrado.

A classe 1 caracteriza a distinção das funções sociais do “ser homem” e “ser mulher”, especialmente aquelas relacionadas à constituição de uma família. Um homem caracteriza-se pelas responsabilidades assumidas, principalmente perante sua esposa e filhos, por quem tem o dever de prover e sustentar materialmente e emocionalmente. A mulher compartilha com o homem do mesmo objetivo de constituir família e a ela deve dedicar seu amor, carinho. Tais aspectos estão relacionados à composição da honra masculina, ou seja, o homem adquire respeito e dignidade na medida em que honra com os compromissos como pai e marido. Pela característica jovem da amostra podemos inferir que o “tornar-se homem” se concretiza quando se constitui uma família e assume “seu lugar” nela e, a partir dela, na sociedade. Vejamos alguns exemplos:

> *114 4 um ser rígido, que muitas #vezes não consegue, por esse motivo, expressar seus sentimentos com medo da sociedade. #responsável, fiel, #inteligente, trabalhador, pai de #família.*
> *157 10 feminina, #inteligente, materna, apoiadora. Ser feminina. Comportamentos demonstram as #atitudes como mulher heterossexual. Seus papeis de #responsabilidades #macho e fêmea.*

Villanueva e Sugiyama (2009) propõem a discussão da categoria “homem jovem”, e as relações entre juventude e masculinidade para a investigação social em especial para analisar aspectos identitários, de gênero e culturais deste grupo, ainda que seja complexo defini-lo. Argumentam que os homens jovens estão numa fase de “duplo trânsito” (p. 99), e sobre um aspecto, miram a vida adulta buscando atender às exigências da masculinidade hegemônica para serem considerados homens: heterossexualidade, exercício de poder e independência.

Também direcionados à mesma discussão, qual seja, as relações e significados possíveis entre juventude e masculinidade, Medrado e Lyra (2009) discutem o conceito de adolescência e risco pondo em evidência a polissemia que

envolve a conceituação da adolescência e as relações que deram origem ao termo risco em sua associação com a adolescência, juventude e masculinidade. Ao discutirem e demarcarem as produções científicas que abordam as definições de adolescência, juventude e transição para a idade adulta, os autores afirmam que “a adolescência, uma das formações culturais mais poderosas de nossa época, torna-se assim, o espelho e o horizonte a partir do qual os adultos vêem os adolescentes e pelos quais os próprios adolescentes se percebem e se posicionam em suas relações cotidianas” (p. 54).

Na classe 2 estão presentes as relações que apontam para a correspondência entre sexo de nascimento e orientação sexual. Assim, definir homens e mulheres corresponde à identificação do sexo biológico e a este acompanha a orientação sexual heterossexual. Um elemento interessante é a referência à idade, cuja maioridade (e também maturação biológica) indica o momento em que um indivíduo torna-se de fato homem ou mulher.

> *21 É um ser #humano #do #sexo #masculino. Talvez a #idade #seja um #fator #determinante também, mas varia de caso para caso. Podemos adotar a maioridade como exemplo.*
> *22 18 #individuo #do #sexo feminino, com #orgao_reprodutor feminino, que relacione_se unicamente com #indivíduos #do sexo_oposto! #heterossexuais! Presença de #orgao_reprodutor feminino completo, de nascença! E #preferencia #sexual #heterossexual! Sua #preferencia #sexual #heterossexual, sua #forma de pensar e agir com relação a essa #preferencia!*

Nomeamos o eixo de associação entre as classes 1 e 2 de “correspondência entre identidade de gênero, sexo e orientação sexual”. Ambas as classes se completam e constroem a ideia de que um indivíduo, que, por exemplo, nasce com o sexo biológico masculino, assume identidade de gênero masculina caracterizada por atributos cuja socialização exigem sustentar, prover, assumir responsabilidades perante sua família e, dessa forma, adquirir respeito e honra

perante a sociedade. Interessante observar que essas funções sociais apresentadas nas Unidades de Contexto Elementar (UCEs) revelam um caráter evolutivo, justificada nos argumentos pelo desenvolvimento natural da espécie, cuja socialização parece acompanhar, ou seja, associa-se a esse plano evolutivo o biológico, sociológico e moral: o homem deve madurar, trabalhar e escolher uma fêmea para reproduzir e constituir família.

Neste caso, os posicionamentos assumidos pelos participantes vão ao encontro das reflexões de Fox (1982), ao afirmar que as organizações dos comportamentos da reprodução sexuada em mamíferos na história da evolução das espécies sugerem o encontro do macho agressor e competidor com a fêmea capaz e disposta a gerar. O autor ainda defende a permanência desse modelo em nossa memória histórica, e provoca especialmente os antropólogos e historiadores ao afirmar:

> Nosso cérebro, nossa psicologia e nosso comportamento constituem a memória viva de sua evolução; nossas sociedades são os diversos resultados das possibilidades que ela oferece. Poderíamos nos libertar completamente deste modelo – e é grande o perigo que façamos. Mas é duvidoso que o resultado ainda possa ser chamado a “sociedade humana” – ou que possa durar (Fox, 1982, p.24).

Na classe 3 predominam elementos que diferenciam homens e mulheres a partir de características biológicas, com ênfase para as diferenças físicas, fisiológicas e hormonais entre os sexos. Nesta classe vemos a tentativa de diferenciação dos sexos a partir daquilo que assegura a não contradição, ou ainda, a tentativa de evitar rupturas e ambiguidades na compreensão de sexo e gênero amparando-se nas constatações recorrentes e difundidas ao longo dos anos pelas ciências médicas e da saúde.

83 22 em termos #fisiológicos, homem e aquele-que #difere quanto #presença de #estruturas como #pênis, testículos, #presença ou ausência de #graus de #hormônios, e algumas #características corpóreas.

Denominamos a classe quatro de “a origem dos seres”, pois realça a capacidade e o compromisso da mulher em relação à maternidade. Pelo conjunto de UCES típicas da classe, vemos a ideia de que, sem a mulher, não existiria espécie, reprodução e preparação dos seres para a vida social. À mulher cabe gerar e cuidar de todos, inclusive dos maridos. Executa suas funções eficazmente através de sua capacidade de sentir, aconselhar e amar a todos, já que os homens, mais racionais e frios, perdem em capacidade de manter com ternura um lar.

138 9 ter #filhos e o-mais importante na #mulher, pois ela e a Única que #consegue engravidar. Pois #homens nao #conseguem ter #filhos.

Autores como Laqueur (2001), Fausto-Sterling (1992) e Rohden (2008) argumentam acerca da influência biológica na determinação dos seres. Fausto-Sterling (1992) inicia suas discussões ressaltando a influência da herança genética em nossos comportamentos, no entanto, alerta para que nenhuma tentativa de compreensão do desenvolvimento humano será suficiente sem que atenção seja dada à influência do ambiente no organismo, bem como o estudo de como as histórias de vida e diferenças individuais podem provocar variações genéticas.

Rodhen (2008) atenta para perigo da ideia, difundida inclusive pelos laboratórios farmacêuticos, de que os hormônios determinam nossos comportamentos, nossa inteligência e nossas atitudes frente ao sexo oposto. Para o autor, a criação da ideia dos hormônios sexuais e suas influências no comportamento dos sexos envolve o esforço de três grupos: os clínicos (em especial os ginecologistas), os cientistas de laboratório (de fisiologistas a bioquímicos) e a indústria farmacêutica. Lembra que a tentativa dos bioquímicos, de se buscar pelas

gônadas, a essência do processo de diferenciação sexual também almejou, pretensiosamente, a descoberta do mecanismo da feminilidade e da masculinidade (Rodhen, 2008).

> Parece ficar nítido que há uma resistente tentativa de encobrir o gênero a partir de uma lógica da substancialização da diferença. O objeto dessa substancialização pode variar, passando por exemplo dos ovários aos hormônios sexuais. Mas a referência a algum tipo de materialização do gênero permanece intacta, ou melhor, parece ir se aprimorando a cada descoberta científica. Percebe-se a pregnância de uma necessidade de 'essencialização' das diferenças entre homens e mulheres ao longo do último século, que remete necessariamente à tradição dualista que tem caracterizado a cultura ocidental moderna. Basicamente, as renovadas formas de 'essencialismo' têm implicado delimitar o que seria O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos do plano natural, supostamente imutável, e o que se enquadraria no plano social ou cultural, passível de transformação. Um olhar mais atento ao discurso médico da passagem do século XIX ao XX, por exemplo, nos leva a perceber que é exatamente a instabilidade entre essas fronteiras, ou seja, a constatação da sua precariedade, que promove uma insistente reafirmação das oposições (Rohden, 2008, p.148)

Laqueur (2001) preocupa-se em discutir o "sexo" enquanto categoria diferenciadora das espécies e atenta para o fato de que a ciência não investiga e descobre elementos definidores dos sexos das espécies mas cria, ela mesma, a categoria a qual diz investigar, e afirma: "O sexo, tanto no mundo do sexo único como no de dois sexos, é situacional; é explicável somente dentro do contexto da luta sobre gênero e poder" (Laqueur, 2001, p.23).

Os homens heterossexuais representam a masculinidade e a feminilidade ancorando-a em explicações científicas, já amplamente difundidas pelos meios de comunicação, que utilizam o argumento de relacionar as diferenças biológicas entre os sexos à condutas que ambos os sexos deverão assumir para a vida em sociedade. Nesse sentido, se destacam a constituição de família, onde o maior objetivo está na reprodução (homem) e manutenção da espécie (mulher). Diante disso, seguem os papéis e funções sociais que deverão ser assumidos por cada um,

aspectos que definem a identidade de gênero de homens e mulheres. A orientação sexual heterossexual atua como elemento balizador deste discurso e assume força para explicação das diferenças entre sexos e gêneros tanto quanto os argumentos calcados na biologia.

B – "Amor e Sexo":

Com 85,08% do conteúdo analisado, obtivemos 6 classes respectivas às falas dos participantes heterossexuais sobre amor e sexo, tal como pode ser observado na figura a seguir.

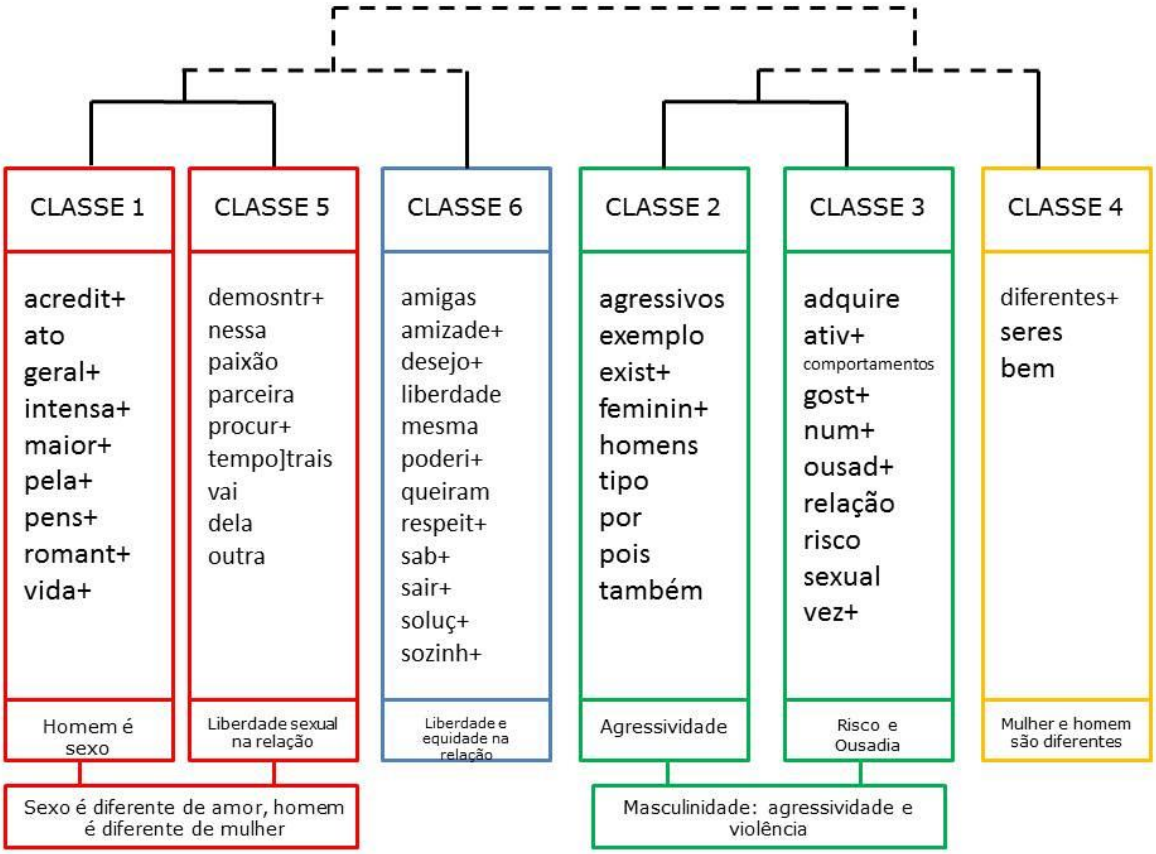

Figura II – Disposição das classes e apresentação das palavras mais significativas de cada classe referente ao banco *amor* e *sexo* de homens heterossexuais.

Na classe 1 vemos a afirmação de diferenças entre homens e mulheres em relação à vivências de amor e sexo. Explica que os homens realizam-se pelo e para o sexo, colocando este aspecto da vida como relacionado à virilidade, portanto,

afirmação da masculinidade. Sexo é visto como uma necessidade instintiva e natural masculina, contudo, entendem que a socialização masculina valoriza excessivamente as experiências sexuais dos homens em detrimento do envolvimento amoroso, o que os leva, na opinião dos participantes, a viver o amor de maneira superficial e com mais dificuldades de expressão de sentimentos e emoções.

Já as mulheres vivem os sentimentos de maneira intensa, priorizam carinho e afeto e buscam segurança numa relação, uma vez que sentem necessidade da proteção (poder) que os homens exercem sobre ela. Nesse sentido, relacionam o sexo ao amor, onde a vivência sexual é consequência para o estabelecimento de uma relação. Sendo assim, para as mulheres, a busca de satisfação e prazer pelo sexo não é o mais importante, mas sim o amor e a relação.

A classe 5 traz aspectos da relação amorosa entre homens e mulheres, cujos conteúdos apresentam respostas dadas às situações de conflito que podem ocorrer no contexto de uma relação. Para estas situações, defendem a escolha pelo diálogo e negociação entre as partes, numa tentativa de reconhecimento da igualdade e equidade entre os envolvidos. No entanto, o que evidenciam é a crença de que a mulher deve submeter-se ao comportamento do homem. A ideia que prevalece é a de que uma relação se sustenta pela confiança, a ser depositada no homem pela mulher, que deverá compreender sua liberdade sexual “inata”. Assim, o homem precisa desta confiança para sentir-se seguro numa relação e permanecer nela, caso contrário, à mulher restará a separação.

> *109 33 sexo e um #momento imediatista, desestressante e satisfatório. Romance, amor, #paixão e #prazer. Se antes #do casamento esta #nesse nível, nem compensa #casar. Confiança e tudo. Ela poderia #demonstrar mais confiança. A #segurança dela impediria a traição dele.*

Nesta classe vemos mais uma vez a associação entre sexo e poder, entendida enquanto componente da masculinidade e primazia na identidade masculina. Portanto, o objetivo do encontro com a mulher é a conquista para a satisfação sexual. Esse aspecto afeta a forma como os homens encaram relações amorosas, autoavaliando-se sempre como um objeto distante a ser conquistado pela mulher, que guarda o potencial para o amor e manutenção da relação.

Já a classe 6 elimina a expectativa de submissão das mulheres ao comportamento dos homens ao enfatizar o respeito à liberdade que ambos devem ter para que haja uma convivência harmônica na relação. Diante de uma situação de conflito, as posições assumidas no contexto de uma relação tendem para dois lados: ou o homem deixa de sair para evitar conflitos com a namorada ou o casal concorda que ambos precisam de espaço, saiam juntos, mas também saiam em separado mantendo o interesse por outras coisas além da relação.

> *7 45 não #deve haver #espaço para insegurança. Se a #noiva e os #amigos se #sentissem bem #juntos, todos #poderiam #sair #juntos. Se isto não ocorrer o casal #deve ter #liberdade para #sair #sozinho sempre mantendo o #respeito mutuo.*
> *133 44 A #solução e ele #deixar de #ir a #balada com os #amigos e #sair com a #namorada, quem #sabe com outro grupo de #amigos em #comum.*

As classes dois e três trazem aspectos que relacionam a agressividade, a violência e a ousadia à construção da identidade. Há uma relação entre a construção da identidade masculina e a violência ainda que também possam assimilar elementos de doçura e tolerância na constituição de suas identidades de gênero. Mais uma vez vemos a tendência à afirmação da masculinidade pelo sexo, que implica não só a quantidade, a liberdade para ter várias parceiras, mas também pela maneira ousada como homens escolhem ter suas experiências, assumindo que estas poderão lhes colocar em situações de risco.

Sobre esse aspecto, autores que discutem a relação entre violência, cuidado com a saúde e masculinidade afirmam que a construção de uma imagem positiva de si implica, para os homens, em alguém forte, sem vaidade e que assume riscos (Santos, Almeida, Maravilha & Oliveira, 2011). Também sobre esses elementos incidem a faixa etária e a escolaridade e suas influências na construção da relação do homem com seu corpo e sua saúde (Almeida, Santos, Vasconcellos e Oliveira, 2011). Knauth, Víctora e Leal (2005), aos discutirem os efeitos da dominação masculina sobre os homens, afirmam que:

> Dentre essas experiências de gênero, é possível identificar alguns eventos onde essa vulnerabilidade se apresenta de forma mais explícita. Tomamos como exemplo a iniciação sexual, o próprio exercício da liberdade e o uso abusivo de drogas lícitas e ilícitas, por se configurarem como fundamentais para a construção de um tipo de masculinidade hegemônica, ao qual os jovens homens se encontram subordinados (p.149).

A classe quatro reafirma o sentido de oposição sobre a qual as identidades masculinas e femininas são construídas, caracterizada pela afirmação típica do conteúdo da classe, a saber:

20 24 homem e #mulher são #seres bem #diferentes.

Um interessante aspecto a ser observado na figura abaixo (figura III) está no fato de que as classes dois e três concentram sujeitos com idades abaixo dos 24 anos e segundo grau completo. Já nas classes um e cinco estão caracterizadas pelas UCEs de sujeitos que possuem curso superior e idades acima dos 24 anos. Podemos inferir que no canto esquerdo encontramos uma associação entre risco, violência e juventude, elementos que sugerem a relação da agressividade e ousadia não só à masculinidade, mas desta com o elemento geracional, reforçando um imaginário de que os jovens são, pela idade, irresponsáveis e impulsivos. No lado direito a expressão de um discurso que, ainda que tradicional, abre espaço à

expressão do uso da negociação nas relações amorosas, sugerindo uma posição mais madura do grupo que está caracterizado por participantes mais velhos (idades acima de 24 anos) e com maior grau de escolarização (curso superior em curso ou já concluído).

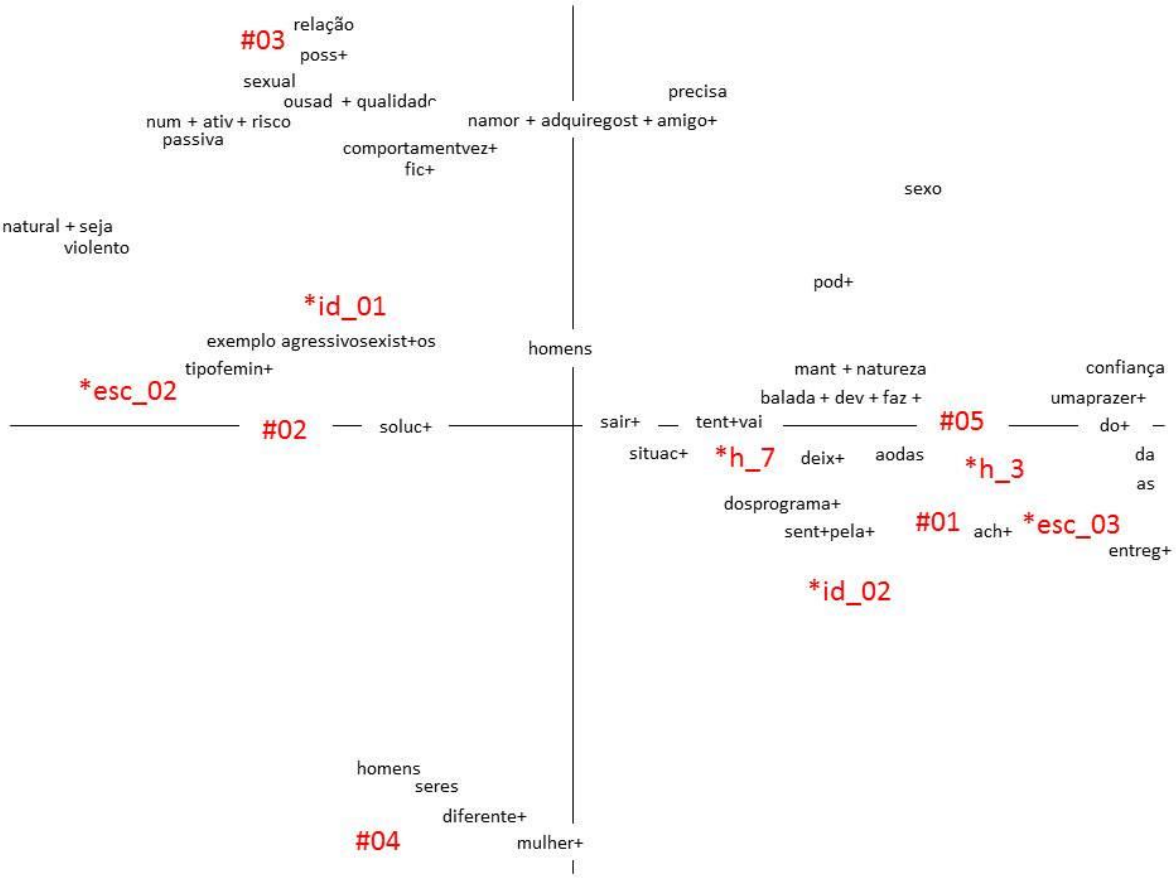

Figura III – Projeção das palavras analisadas e das variáveis – análise de correspondência do banco “amor e sexo” de homens heterossexuais.

Os homens heterossexuais representam a masculinidade a partir de uma explicação evolutiva e biológica, com pouca ênfase à influência da socialização. Nesse contexto, o homem se constitui em oposição à mulher da mesma forma que o sexo encontra-se em oposição ao amor. Se por um lado as relações amorosas atuais parecem abrir espaço ao diálogo e a negociação, a forma como os homens compreendem o sexo, como um elemento constitutivo da natureza masculina, os

incentiva à defesa de posições onde a liberdade individual masculina e submissão da mulher ao comportamento “predador” do homem é valorizada.

Por esse caminho, a ideia de amor aparece como um elemento estranho, contraditório à natureza masculina, uma vez que é a mulher o oposto-espécie em condições plenas de vivenciá-lo e cultivá-lo. A forte referência aos aspectos biológicos encobre o discurso da dominação masculina cuja referência por parte dos sujeitos a relações amorosas pautadas por maior liberdade e equidade das partes fizeram diluir, mas não desaparecer. Nesse sentido, as práticas sexuais configuram-se pela manutenção e defesa da dominação masculina num mundo de relações e papéis sociais cada vez mais iguais.

Em resumo, o grupo caminha para a manutenção de um discurso hegemônico acerca da masculinidade, tal como sistematizado por Trindade, Menandro e Silva (2009), que se define pela garantia ou “... o propósito de garantir, o domínio masculino nas relações de poder que caracterizam as relações de gênero” (p.277). A ausência de respostas deste grupo sobre questões de preconceito quanto à orientação sexual e identidade de gênero, nos fez refletir que experiências de discriminação vividas podem alterar a forma como grupos distintos constroem representações sobre masculinidade e amor.

Homens *Gays:*

A amostra foi composta por 52 homens gays, dentre os quais 30 (58%) com idades entre 18 e 24 anos e 22 (42%) com idades acima dos 24 anos. Apenas dois possuem o ensino fundamental como formação escolar, 30 participantes (58%) cursam ou cursaram o ensino médio e os outros 20 (40%) cursam ou cursaram o ensino superior.

A – “Ser Homem”, “Ser Mulher”:

No banco dos homens *gays* obtivemos quatro classes estáveis e um total de 81.35% de aproveitamento do conteúdo.

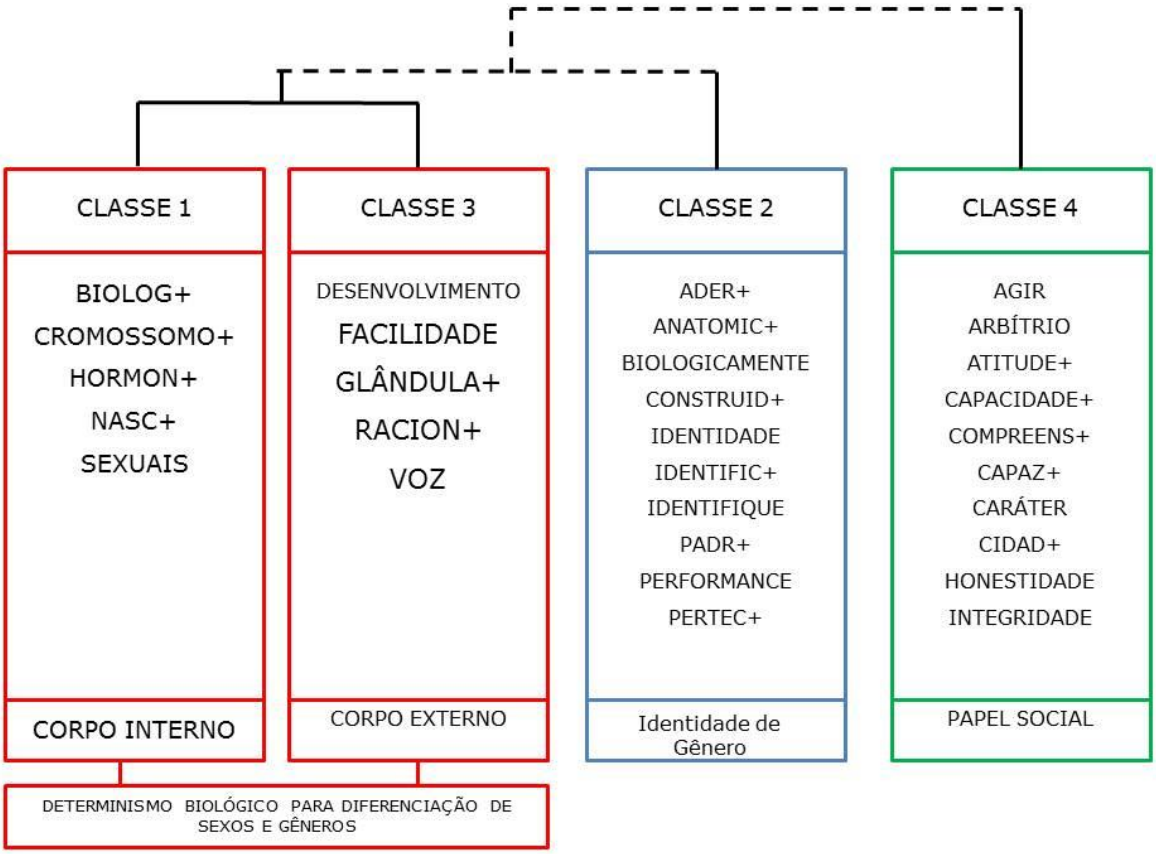

Figura IV – Disposição das classes e apresentação das palavras mais significativas de cada classe referente ao banco *ser homem* e *ser mulher* de homens *gays*.

A classe 1 caracteriza discursos que corroboram as crenças no determinismo biológico para diferenciação sexual. Sendo assim, homens e mulheres são seres biológicos opostos, onde a condição de macho ou fêmea é dada ao nascer e amparada em diferenças genéticas e biológicas, tais como a presença ou ausência de cromossomos X ou Y e de hormônios tipicamente “femininos” ou “masculinos”. Interessante observar que os aspectos biológicos que estão descritos nesta classe fazem referência às diferenciações internas do corpo (cromossomos, hormônios), que não podem ser apreendidas pela simples direção do olhar e percepção da forma.

65 38 # ente #biológico #feminino, oposto ao #ente #biológico #masculino. #características puramente #biológicas: #cromossomos, #hormônios.

A classe 3, cuja força de associação com a classe 1 é de 80%, apresenta relações entre as características biológicas perceptíveis a olho nu que definem homens e mulheres e as correspondências destas com comportamentos entendidos como tipicamente femininos ou masculinos.

Sendo assim, para os homens, a presença de pelos, força física, pênis e voz grossa estão associadas características como: menor sensibilidade, maior racionalidade, agressividade e competitividade, comportamento firme e forte e capacidade para tomada de decisões. Para as mulheres, a presença de seios, vagina, voz fina e menor quantidade de pelos, se coadunam com: maior sensibilidade, fragilidade, romantismo, prevalência de características emocionais sobre as racionais e capacidade de gerar outros seres.

Constatamos que também no grupo de homens *gays* é forte a referência às definições apontadas pela biologia para definição dos sexos e gêneros. Nucci (s/d) analisou artigos científicos que argumentam acerca da existência de um "sexo cerebral" determinado pela ação dos hormônios sexuais. Baseada na teoria dos hormônios a autora analisou 151 artigos entre os anos de 1975 e 2009. Ao concluir que nenhum apresenta argumentos suficientes para corroborar a teoria dos hormônios pré-natais[61], a autora discute a criação do fato científico e aponta que um fato torna-se verdade mais pela força de sua retórica, repetição e difusão no campo científico do que pela comprovação do fato que defende.

[61]Dentre as teorias investigadas sobre a "diferenciação sexual do cérebro" a autora considerou a teoria dos hormônios pré-natais (os hormônios sexuais são responsáveis pela determinação de um cérebro feminino ou masculino no feto e no comportamento de gênero após o nascimento) a mais fundamentada e citada e a utilizou como referência para suas reflexões.

> Um documento torna-se científico não quando se trata de uma opinião isolada que se opõe a multidões por virtude de alguma faculdade misteriosa, mas sim quando ele pretende deixar de ser isolado, e quando as pessoas engajadas em sua publicação são numerosas e estão explicitamente indicadas no texto, de modo que é o leitor quem fica isolado (Nucci, n/d, p. 14).

Se as classes 1 e 3 enfatizaram o determinismo biológico na produção dos sexos e gêneros, a classe 2 apresenta a noção de aderência (ou identificação) ao gênero. Ou seja, não basta ter nascido macho ou fêmea, é necessário sentir-se, identificar-se como tal para que se reconheça e possa ser reconhecido como homem ou mulher. Ainda assim, a operação de identificação compreende a fixação do sujeito no polo masculino ou feminino, não admitindo variâncias na concepção das identidades. Desta forma, é possível o sujeito nascer macho e assumir a identidade de gênero feminina, desde que cumpra com a determinação social imposta a homens e mulheres.

Os participantes acreditam que, ao longo do desenvolvimento um sujeito pode identificar-se com um conjunto de atributos de gênero contrário ao sexo do seu nascimento e adequar-se à identidade de gênero que mais lhe convém, desde que esta identidade esteja em concordância com aquilo que a sociedade determina para homens e mulheres.

> *77 33 #anatômica e #socialmente #falando. Se #identifique como tal, ainda-que não #possua as características #anteriormente #citadas. #acredito que um indivíduo tenha total liberdade de #poder #designar o papel que ocupa na #sociedade, ainda que fuja dos #padrões.*
> *22 21 também há o #sentir_se, o #ver_se como. #uma #pessoa pode ter #nascido, e ser #considerado a #princípio, homem ou mulher, mas #ao #longo da vida #poder #sentir_se como do outro #gênero e daí, #buscar, o-que normalmente acontece, adequar_se #ao que a #sociedade #considera homem ou mulher.*

A classe 4 enfatiza os papéis sociais assumidos por homens e mulheres. No contexto discursivo desta classe os participantes abdicam das justificativas

biológicas para definirem homens e mulheres de maneira que colocam ambos numa mesma posição em relação à responsabilidade social. Para os participantes, homens e mulheres são seres dotados de livre arbítrio, cujas responsabilidades exigem a manutenção das relações sociais amparadas na honestidade, integridade, respeito e demais posturas que definem a defesa própria da integridade moral. Vejamos uma das UCES típicas da classe 4 bem como a disposição das mesmas apresentadas na figura 5.

> *81 9 A #mesma definição do homem, não #vejo #diferença: um ser #pensante, dotada de #livre #arbítrio, de #emoções, #capaz de adquirir #conhecimento. #livre, #inteligente, amável. #livre, pra buscar o-que #pensa, o-que acredita, o-que ama. Anda, #os dois são iguais, só com pequenas particularidades.*

Com a apresentação da figura 5 vemos que os discursos da classe 1 e 3 opõem aos da classe 2 e estes aos da classe 4, nos mostrando três aspectos importantes para a definição da compreensão dos participantes acerca do *ser homem* e *ser mulher*: determinismo biológico, identidade de gênero e responsabilidade moral.

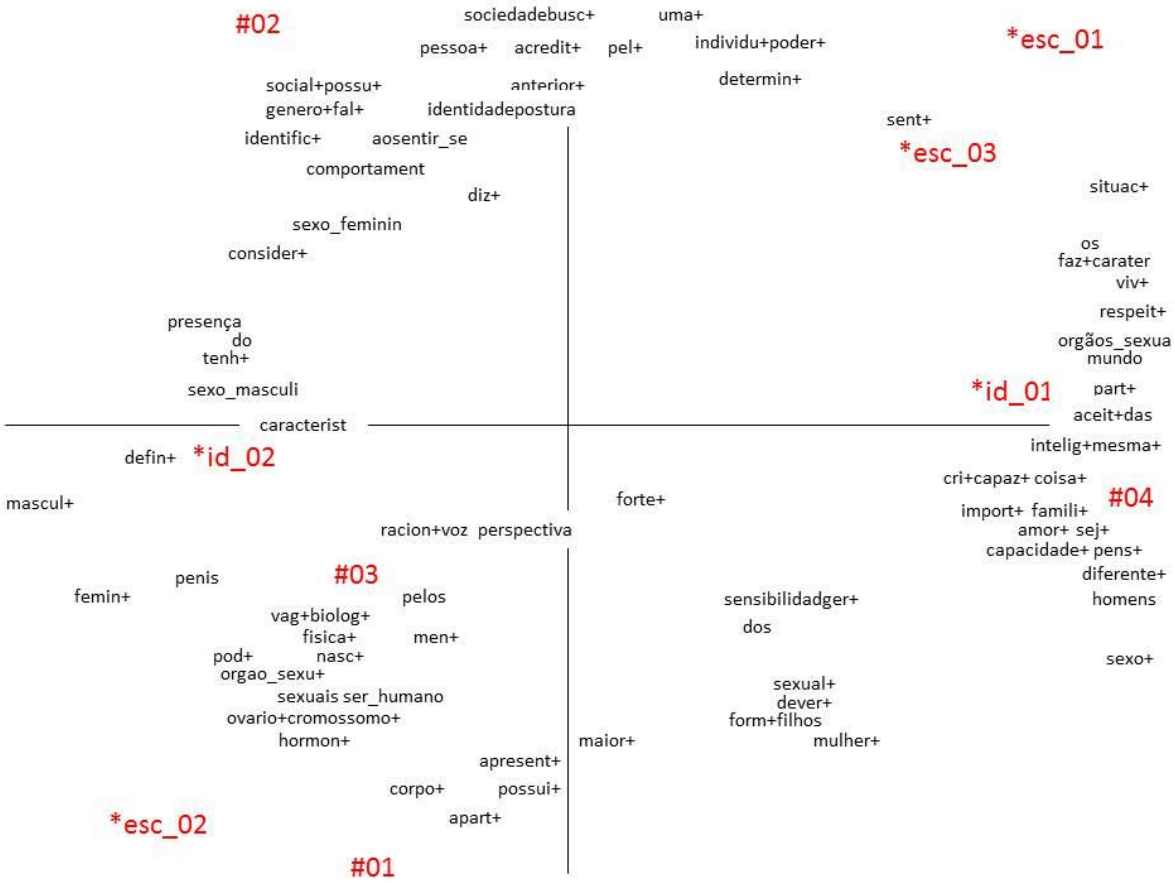

Figura V – Projeção das palavras analisadas e das variáveis – análise de correspondência do banco *ser homem ser mulher* de homens *gays*.

Importante notar que o discurso que tende para os aspectos morais e, portanto, relativizador das diferenças entre os sexos é típico de homens jovens, com idades e 18 a 24 anos. As classes que apontam para o determinismo biológico são típicas de sujeitos acima dos 24 anos e com nível médio de escolaridade. Tal aspecto pode mostrar a possibilidade de ressignificação dos estereótipos de gênero por sujeitos mais jovens em oposição aos homens que recorrem aos aspectos biológicos difundidos pela ciência para definir homens e mulheres.

B – "Amor e Sexo":

Com 83,87% de aproveitamento do conteúdo, as seis classes encontradas no banco de homens *gays* sobre "amor e sexo" trazem elementos que associam

aspectos da compreensão do amor e da masculinidade de forma que podemos verificar a interface dessas duas representações também nas definições dos participantes sobre o ser homem e ser mulher. Veremos que o amor, ainda que seja uma representação autônoma, também parece reforçar elementos da construção da masculinidade desse grupo.

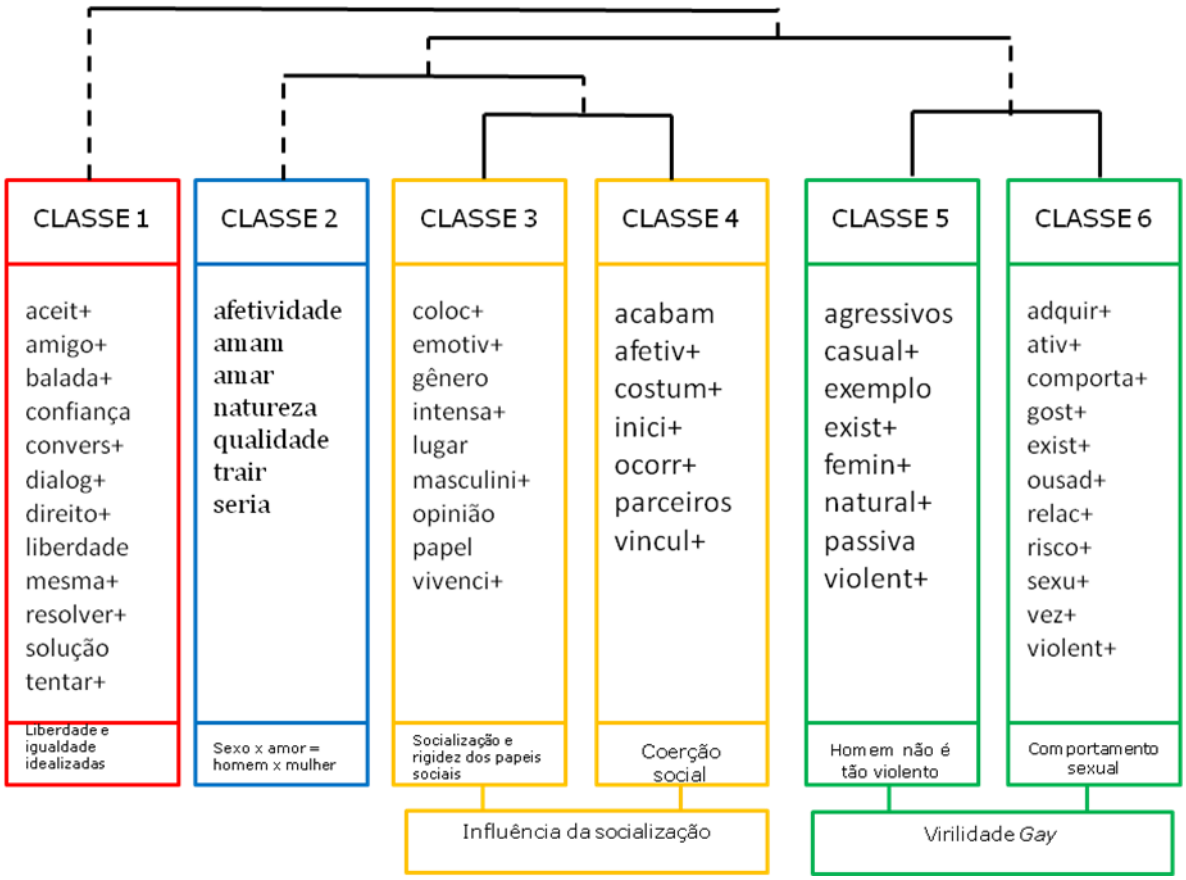

Figura VI – Disposição das classes e apresentação das palavras mais significativas de cada classe referente ao banco *amor* e *sexo* de homens *gays.*

A primeira classe concentrou respostas à situação de conflito no relacionamento entre um homem e uma mulher, apresentada pelas questões 13 e 14 do questionário (ANEXO IV). Os participantes acreditam que, para um relacionamento funcionar, é necessário que haja confiança de ambas as partes. Neste caso, a mulher, diante da liberdade do homem, deve assumir uma postura de mudança de atitude, priorizando seus gostos e atividades, de forma a também

garantir sua liberdade, pois ambos devem gozar dos mesmos direitos e deveres numa relação.

> *295 28 #acho que ele tem todo #direito de #exercer a #liberdade dele, de #sair com os #amigos, de #ir para as #baladas. Porém, da #mesma forma, a #namorada também tem esse #direito e que ela não está o exercendo.*

Contudo, observamos que esta afirmação reflete uma posição ideal. Por outro lado, os participantes acreditam que, numa situação conflituosa como a apresentada, o homem está numa situação cômoda, com suas vontades priorizadas e que não abrirá mão de rever suas posições como forma de evitar o conflito. A mulher, definida como ciumenta, é alguém que "pega no pé do homem", procurará o diálogo e o entendimento, mas sofrerá com o final da relação que será imposta pelo homem, que não a suportará. A única forma de manutenção da relação será submetendo-se às vontades do parceiro.

> *125 24 #vai #tentar ser evasivo e levar a #situação adiante empurrando com a barriga. Se #aceitar #discutir a relação, também #pode desejar ou provocar o rompimento do #relacionamento alegando #falta de #espaço ou #liberdade e condenando a #atitude da parceira, que denota #falta de #confiança.*

A classe 2 realça as diferenças entre homens e mulheres em suas experiências amorosas e sexuais. Os homens vivem o amor de maneira racional, superficial, egoísta, com pouca expressão de sentimentos, privilegiando a atração física e a busca de prazer. Já o sexo significa instinto, necessidade masculina. Os homens o vivem em sua plenitude e como provação da masculinidade que se relaciona à quantidade de parceiros e ousadia nas relações que conseguem ter.

> *234 11 nos somos ensinados a pensar apenas em sexo. Na minha vivencia, sou obrigado a dizer que na maioria das vezes isso é verdade. Tendem a pensar menos em sexo, dando #valor a #questões mais relacionadas a #afetividade.*

No que se refere a expressões da sexualidade e masculinidade em homens *gays*, práticas como o *barebacking* tornaram-se conhecidas. O *barebacking* se define pelo prazer encontrado por homens na realização de intercurso sexual desprotegido com outros homens. Tal prática é exercida de maneira consciente e intencional entre os envolvidos, onde a possibilidade de risco de contágio de DSTS e HIV aumentam o prazer encontrado na relação. Silva (2008) discute a associação entre perigo e afirmação da masculinidade entre os praticantes. Segundo o autor, a afirmação da masculinidade no *barebacking* se dá no ato de domínio de um homem sobre o outro e a partir da troca direta de fluidos corporais, sensações intensificadas pelo perigo e transgressividade da ação.

Também Toro-Alfonso e Díaz (2006) esclarecem que a cultura latino-americana reforça a ideia de superioridade masculina a partir da busca de prazer e de sensações corpóreas, manifestações de força e espontaneidade. Essa tensão constante entre o desejo e a necessidade de cumprir com as demandas culturais da masculinidade aumenta a vulnerabilidade de homens que fazem sexo com homens[62].

Por outro lado, as mulheres vivem as experiências amorosas de maneira "emocional", privilegiando a qualidade das relações em detrimento da quantidade de parcerias. São românticas e buscam segurança através do estabelecimento de uma relação definida pelos participantes como profunda, sincera e intensa. Nesse contexto, o sexo, para as mulheres, é complemento da relação, não seu objetivo principal.

[62] Também incluímos nessas práticas os sujeitos que se autoidentificam como *gays*, pois, nem todo homem que faz sexo com homem se auto identifica como *gay*.

> *214 28 pensam sexo como #quantidade, como provação #da masculinidade. Sexo como #qualidade, em #busca #do carinho e #do #prazer.*

A classe 3 revela a influência da socialização sobre a forma como homens e mulheres se posicionam em relação ao sexo e ao amor. Sobre essas questões, compreendem que é possível aos homens amarem e às mulheres fazerem apenas sexo, ainda que tais posturas não correspondam às expectativas sociais para cada um.

> *16 24 mas o #sentimento #intenso de #atração #vivenciado pelas #mulheres e muito parecido com os #dos homens, no-entanto a socialização dada a #mulher na #sociedade em-que #vivo a #quer #colocar como mais envolvida nas relações afetivas/ #emocionais;*
> *90 10 geralmente eles tem #uma #única intenção, mas não são todos que pensam assim, existem homens que tem caráter. Elas #querem #viver o #amor por completo, não só se satisfazer.*

A classe 4, que possui força de associação de 70% com a classe 3, amplia os argumentos das UCES da classe anterior e evidencia a compreensão de que a socialização e a coerção social podem camuflar desejos, inclusive os das mulheres, sendo as mais prejudicadas com a repressão sexual.

> *26 48 seguindo o-que #determina a #cultura, com todas as coerções #sociais existentes, as mulheres #acabam sendo na #maioria das vezes as que #vinculam o sexo #ao sentimento e #ao #casamento.*

As classes 5 e 6, cuja força de associação entre ambas é de 80% trazem elementos que reforçam a associação da masculinidade com características de comportamento relacionadas à agressividade e à violência, mas também relativizam a postura naturalmente viril atribuída aos homens.

As UCES típicas da classe 5 evidenciam a violência como um atributo típico da masculinidade, ainda que também possua afirmações que relativizem a expressão da masculinidade pelo uso da força, em especial a força física.

A classe 6 repete conjunto de ideias apresentadas na classe 5, contudo ressalta condutas assumidas pelos participantes no ato sexual. Assim, ser ativo no sexo, diferença simbólica que relaciona prática sexual a papéis de gênero tão valorizada em nosso contexto cultural por ser afirmadora da masculinidade (Parker, 2002) deixa de ser um elemento importante. Desse modo, ainda que os participantes relatem que os homens são mais ousados no sexo, aproximando-os de comportamentos de risco, aspectos preditores de um conceito de masculinidade hegemônica, o papel ativo no sexo anteriormente valorizado aparece flexibilizado.

Denominamos esse eixo de classes associadas de "virilidade *gay",* por comportar tendências à desestabilização do padrão hegemônico de masculinidade relativizado pelas práticas sexuais relatadas e pelo auto reconhecimento de si a partir de uma identidade *gay*, que admite, portanto, a presença de atributos entendidos como "femininos".

Tal como apresentado pelos homens heterossexuais, o amor é representado como um elemento tipicamente feminino, sobre o qual os homens não se identificam e buscam apartar-se radicalmente. Já o sexo encaixa-se sobre o campo do masculino, cuja prática constante e exibicionista funciona como um artefato garantidor da masculinidade. Da mesma forma, a submissão está para o amor como a dominação está para o sexo, intensificando as fronteiras que diferenciam as identidades femininas de masculinas.

As representações sociais de masculinidade e amor se constroem associadas, onde o entendimento do amor o torna um campo estranho aos homens, que recorrem ao sexo como afirmação de si e em detrimento da ampliação de experiências com manifestações de carinho e ternura. O amor e o sexo, tal como

vivido pelos homens *gays*, contribuem para a manutenção dos binarismos de gênero, através do recurso de práticas e justificativas de comportamentos estereotipados para ambos os sexos. No entanto, diferente dos heterossexuais, os homossexuais incluem argumentos relativizadores das diferenças entre os sexos e gêneros ao apontarem a conduta, e o enquadramento moral que ambos, mulheres e homens, devem assumir.

Da mesma forma, compreendem que o corpo não se constitui numa estrutura rígida, mas sim moldável, em que a identidade de gênero não está determinada no nascimento, mas é adquirida e escolhida ao longo do desenvolvimento. Privilegiam uma postura que amplia as possibilidades e experiências que cada sujeito pode ter acerca de seu corpo e suas formas de encontrar prazer, integrando a racionalidade moral a conforto psicológico que pode ser adquirido por e para si, cuja coerência articula-se à ordem do desejo e não da biologia científica. Justamente na experiência desviante do desejo que compreendem, muito mais que os heterossexuais, as possibilidades de um mundo sexo-diverso.

Abaixo, na figura VII, podemos também visualizar a disposição das classes e observar que, na apresentação dos quadrantes da figura as classes 5 e 6 (quadrante superior esquerdo) que apresentam elementos caracterizadores de uma "virilidade *gay"*se opõem aos discursos das classes 2, 3 e 4 (quadrantes inferiores direito e esquerdo) que realçam a força da socialização e coerção social na exigência de que homens e mulheres cumpram papéis sociais esperados para ambos os sexos. Numa posição relativamente afastada das demais classes (quadrante superior esquerdo) está a classe um, que apresenta uma igualdade idealizada nas relações entre homens e mulheres.

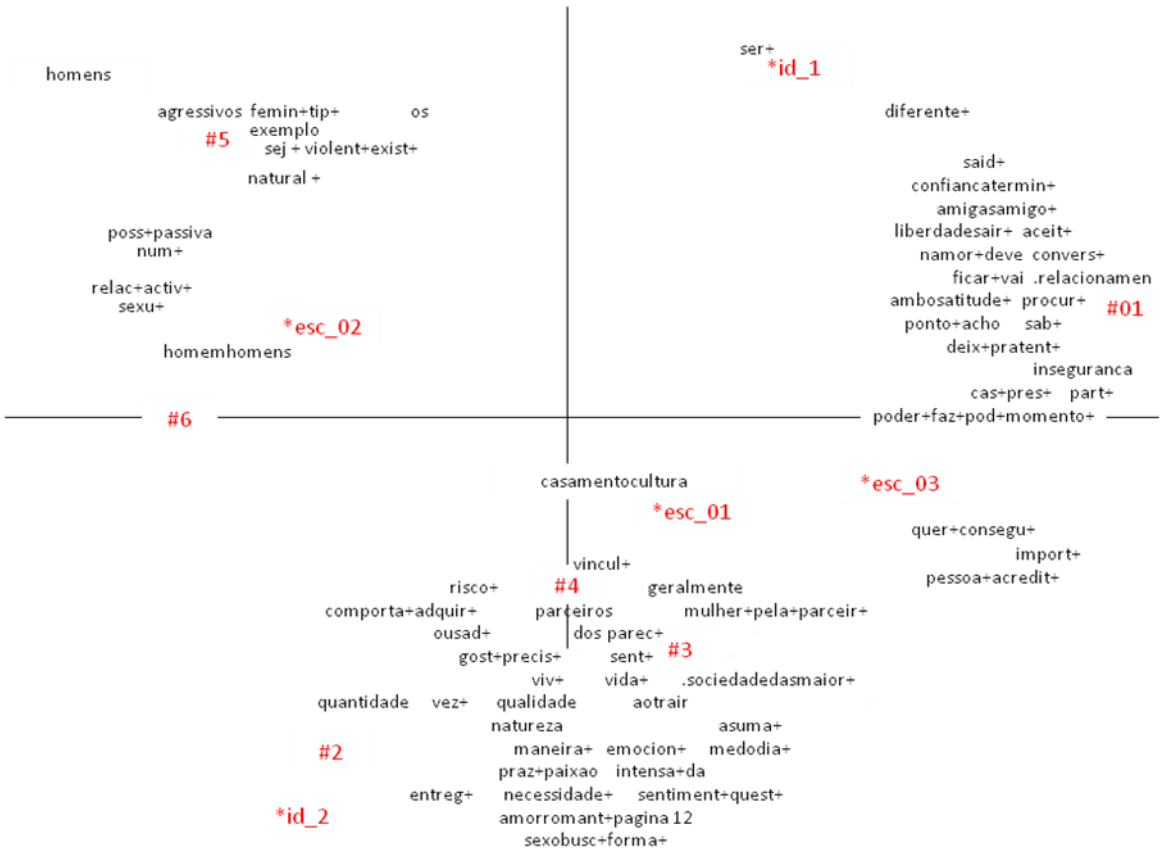

Figura VII – Projeção das palavras analisadas e das variáveis – análise de correspondência do banco *amor* e *sexo* de homens *gays*.

C – "Discriminação e Preconceito":

As experiências dos participantes *gays* sobre discriminação e preconceito originaram três classes estáveis (e 74.36% de aproveitamento do conteúdo) a partir das operações realizadas pelo ALCESTE.

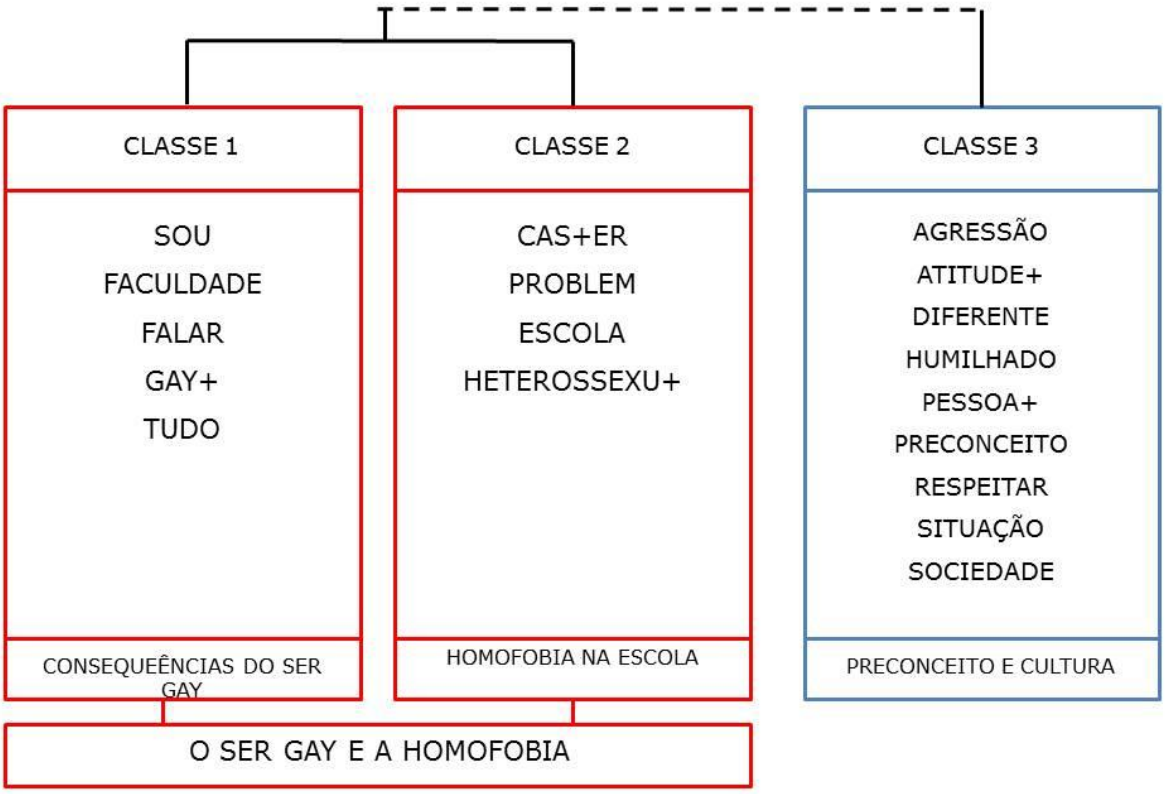

Figura VIII – Disposição das classes e apresentação das palavras mais significativas de cada classe referente ao banco sobre preconceito e discriminação de homens *gays.*

A classe 1, nos mostra as “consequências do ser gay”, sendo esta uma posição já assumida perante família e amigos ou apenas entendida como presente no imaginário do outro a partir das relações sociais estabelecidas pelo participante. Nessa classe, são marcantes as experiências de rejeição vividas pelos participantes nos contextos e relações de amizades, trabalho, estudo e também família. A experiência da discriminação congrega a vivência da rejeição à construção do respeito nessas mesmas relações.

> *116 28 #minha chefe #sabe que #sou #gay e me respeita acima de #tudo, por #não #ser afeminado nem #falar fino, tenho #respeito de #todos #do #meu trabalho.*
> *104 9 #tentei conversar com #ele, #mas #ele se sentiu traído por eu #não ter contado. Continuamos nos respeitando, #mas #nunca mais fizemos trabalhos da #faculdade juntos #como #era antes e #nunca mais saímos a noite.*

Saggese (2008) reflete sobre a experiência do *coming out*[63] de homossexuais e a reconhece como uma experiência complexa, e diz:

> Tornar-se visível ou esconder-se, ao menos no campo da sexualidade, é algo que não depende exclusivamente de um maior ou menor nível de "auto-aceitação", mas de uma série de atributos identitários que podem ir além da orientação sexual como gênero, raça e classe social (Saggese, 2008, p.07).

Denominamos a classe dois de "homofobia na escola", pois revela a percepção do preconceito nesse espaço específico. Caracterizada nas UCES pelos relatos de tratamento diferenciado dado aos casais heterossexuais e homossexuais dentro da escola, a instituição escolar atua para a anulação e negação de manifestações e práticas homoeróticas dentro desses espaços, acirrando relações distantes ou mesmo violentas entre alunos e entre estes e professores e membros do corpo gestor.

> *32 49 #apenas passávamos #os intervalos juntos batendo papo. O grande #problema e que #vários #casais #heterossexuais ficavam na #escola se agarrando #pelos corredores, diante de #vários funcionários e monitores e ninguém fazia #nada.*

Pela associação da classe 2 com a classe 1 constatamos que a relação entre "ser gay" e "homofobia" revela-se pela apreensão de manifestações de rejeição do entorno social, sendo a escola um espaço marcante dessas manifestações. Nesse contexto, a constatação de um "jeito gay" por parte de colegas e membros do corpo escolar é acompanhada da interdição na manifestação de afeto entre homens. Sobre esse aspecto os participantes ressaltam detalhes das relações de amizade acentuando a rejeição sentida quando, de fato, a orientação sexual é revelada ao amigo ou colega. Dessas relações, o desfecho positivo

[63] Expressão utilizada pelo grupo para referirem-se ao ato de assumirem a homossexualidade publicamente.

relatado está no reconhecimento e permanência do “respeito” ao outro gay, ainda que isso implique a suspensão da relação.

A classe 3 denominamos de “Preconceito e Cultura”, pois a principal ideia apresentada recai para na necessidade apontada pelos participantes da superação do preconceito através da educação, capaz de fomentar uma mudança cultural. Nesse sentido, o preconceito e a discriminação sentidos através de agressões verbais, gestos e olhares advém, principalmente, de pessoas estranhas, gerando fortes sentimentos de humilhação. “Os preconceituosos” aparecem como um grupo difuso na sociedade e em alguns momentos são identificados sob a alcunha de “fundamentalistas religiosos” e/ou pessoas “sem cultura”. O preconceito é entendido como um elemento cultural natural na nossa sociedade, mas que pode e deve ser vencido através da informação e educação.

A reação a estas situações oscila entre a submissão e a argumentação. A submissão é a escolha feita quando ainda se percebe a fragilidade da condição vivida e o medo da violência física. Esclarecemos que a classe 3 está caracterizada por UCES de indivíduos jovens, com idades entre 18 e 24 anos, o que deve justificar a ausência de uma postura mais autônoma em relação a sexualidade. Por outro lado, a argumentação é justamente o caminho através do qual buscam afirmar direitos e reconhecimento da igualdade.

> *50 10 #sim. #em geral, #quando sofro discriminação direta por ser homossexual, #ela parte de #pessoas desconhecidas e, aparentemente, pertencentes a #uma classe de baixa renda e menor instrução.*
> *16 6 #uma única #vez #em que sofri #agressão verbal, sendo chamado de veado na rua, senti_me #extremamente aviltado e #humilhado, mas nada #fiz por temer #reação violenta.*

As representações sociais de masculinidades de homens *gays* ancoram-se nos discursos científicos que apregoam o determinismo biológico para diferenciação

dos sexos. A biologia, mais do que traduzir as experiências reais de homens *gays* em suas vivências de amor, sexo, trabalho, amizades, família, recoloca o discurso da dominação masculina e de uma masculinidade que se estrutura em torno da expressão da violência, da força e da dominação pelo sexo.

Ao repor a dominação, objetivada na imagem do predador sexual, como discurso natural à masculinidade e aos homens, também o recriam, posto que a experiência de “ser gay” permite associar significações atípicas ao “homem comum”, aspecto já levantado por Reyes (2004) quando sugere a construção de masculinidades diversas em grupos de homens homossexuais. Dentre essas experiências do “ser gay” destacamos o preconceito e discriminação enquanto balizadoras da construção de uma masculinidade que busca sua aprovação pela aproximação, ainda que frágil, a um padrão construído em direta oposição ao que pode ser identificado como pertencente ao mundo das mulheres.

Nesse sentido, a cobrança social e cultural de comportamentos que respondam à imagem do predador sexual os convence da inabilidade masculina para o amor, representado sob os signos da submissão, da fraqueza e da feminilidade. Na tentativa de afastarem as identificações com o mundo feminino reforçam padrões socioculturais que impedem a manifestação de afeto entre homens e os impele a práticas que mais os vulnerabilizam do que fomentam a proteção de si.

Ao impedirem as manifestações de afeto entre homens, importantes instituições socializadoras como a família e a escola cumprem eficazmente suas funções de vigilantes dos corpos desviantes, tornando-os falsamente assépticos em relação ao amor e à expressão de sentimentos como também permitem e

naturalizam manifestações violentas direcionadas ao grupo de homens. Sobre esses aspectos, Welzer-Lang (2001) afirma:

> É verdade que na socialização masculina, para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher. O feminino se torna até o pólo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher e ser (mal) tratado como tal (p.465).

No entanto, também as experiências de "ser gay" fundamentam a relevância dada pelos participantes às possibilidades de autoidentificação/reconhecimento e de construção de si como sujeitos masculinos/femininos e os aspectos morais, determinantes à identificação da conduta de um "bom cidadão". Ao admitirem a existência de modelos sexo-diversos, provocam a suspensão e desestabilização das diferenciações e hierarquias estabelecidas entre os gêneros, desestabilizando o discurso evolutivo-biológico, sustentador do modelo binário diferenciador para sexos e gêneros. Tais aspectos indicam níveis de mudança e variações nas representações de masculinidade hegemônica.

Travestis:

Este grupo de 39 participantes foi composto por 35 travestis com idades acima dos 24 anos, portanto, um grupo caracterizado por participantes mais velhas. Em relação à escolaridade, apenas uma possui o ensino superior. Das restantes, 20 possuem o ensino fundamental (completo ou incompleto) e 18 possuem o ensino médio (completo ou incompleto).

A – "Ser Homem", "Ser Mulher":

Após tentativas de análise realizadas com o *software*[64], este banco de dados gerou 4 classes estáveis e teve um aproveitamento de 63% do conteúdo.

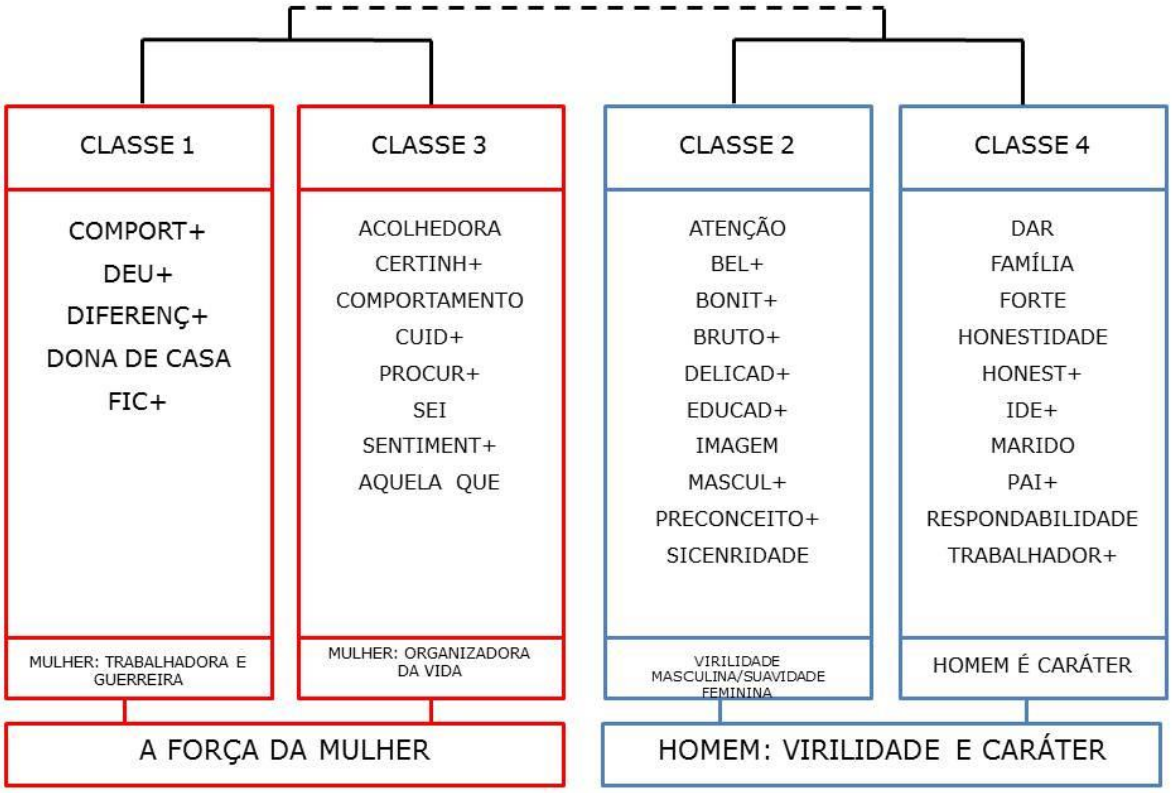

Figura IX – Disposição das classes e apresentação das palavras mais significativas de cada classe referente ao banco *ser homem* e *ser mulher* de travestis.

A classe 1 registra que as diferenças entre homens e mulheres estão apenas nos órgãos sexuais e no comportamento. A referência feita aos órgãos sexuais e comportamento retrata a experiência das participantes em relação ao seu próprio corpo, ou seja, o fato de concentrarem num mesmo corpo órgãos sexuais e reprodutores masculinos em formas e comportamentos femininos. Dessa maneira,

[64] Cumpre informar que os bancos de dados das travestis foram revistos por diversas vezes até que conseguíssemos um melhor aproveitamento do conteúdo e estabilidade entre classes. Atribuímos esse fato à utilização do gravador, o que permitiu às travestis fornecer muitas informações via oral, mas também gerou uma dispersão nos objetivos das questões, causando uma heterogeneidade muito grande no discurso que precisou ser minimizada através de cortes nas transcrições realizadas, especialmente os que se referiam à descrição de histórias e experiências que fugiam ao conteúdo abordado pelo questionário.

as participantes afirmam que é possível ser mulher mesmo tendo nascido homem e com isso diminuem a distância que opõe masculino e feminino ao imprimirem esta ambiguidade aos seus corpos e suas identidades.

Esclarecem que homens e mulheres possuem, atualmente, as mesmas funções e responsabilidades e, dessa forma, ressaltam o trabalho fora de casa como um fato que libertou, mas também oprime a vida de muitas mulheres. Enfatizam o papel da mulher chefe de família reconhecendo nela características que a diferenciam do homem não por uma perspectiva biológica, mas histórica. No discurso das travestis, a mulher historicamente escravizada e objetificada ganhou espaço e reconhecimento social e, por suas conquistas adquiridas, supera o homem em competências intelectuais e psicológicas. As travestis recheiam de aspectos positivos a imagem feminina caracterizando-a como trabalhadora, dona de casa, mãe, lutadora e guerreira.

> *89 13 A #mulher e #dona_de_casa, a #mulher #trabalha fora, #quer dizer, tem duas rotinas ou mais. O homem não. O homem só tem aquela rotina dele de #trabalho e ponto.*

Se a classe 1 enfatizou o trabalho fora de casa a classe 3 ressalta as responsabilidades e capacidades da mulher na organização da vida de quem está ao seu redor. É ela, a mulher, quem cuida da casa, do marido, dos filhos e tem garra suficiente para lutar por si mesma. O homem possui um papel coadjuvante é e visto pelas participantes como alguém que é honesto, trabalhador, que tem caráter, portador de uma imagem viril e máscula, porém é acomodado.

Ao contrário dos homens heterossexuais que vêem a mulher como alguém que precisa da proteção masculina, para as travestis, é o homem quem necessita e recebe os cuidados da mulher. Neste eixo de classes o homem aparece como

coadjuvante da mulher, visto como alguém mais fraco que apenas cumpre suas responsabilidades. A este eixo de classes denominamos de “a força da mulher”.

> *131 31 #acolhedora aquela-que emancipa #as #coisas, #procura #fazer #as #coisas #certinhas, #organiza a vida #das pessoas, ela que #organiza a vida #sentimental em um relacionamento amoroso, na #casa, na vida.*

A classe 2 representa a fantasia, o objeto de desejo das travestis. Por empreenderem um longo trajeto na transformação do corpo e na apreensão de códigos e comportamentos entendidos como femininos, o homem, para as travestis, é alguém que, acima de tudo, deve causar uma “impressão máscula”. Por outro lado, a mulher além de ser capaz de organizar a vida, acolher e conduzir o lar e a vida sentimental do marido, possui como características ser doce, delicada, humana e carinhosa.

> *53 8 eu me #sinto #uma mulher. Mesmo eu sendo um #homossexual, um #travesti, mas eu me #sinto #uma mulher. Eu acho que a mulher ela e mais emotiva, ela e mais suave, mais serena.*
> *61 7 O homem para mim e um atrativo, mas não e um atrativo só sexual. #olho um homem como-se fosse #uma mulher #olhando um homem. Não e #olhar o #sexo_biologico, #olhar a cara #bonita. Eu #olho ele como um todo. Lógico que eu #vejo #beleza #masculina, eu #vejo tudo.*

A classe 4 enfatiza na figura masculina a expressão de suas atitudes perante outros. A ideia de que um homem deve ter um bom “caráter” é citada como sendo mais importante na definição de um homem, que também deve ser responsável e honesto.

> *97 12 #caráter, #honestidade, sinceridade, compromisso. #caráter, #responsabilidade. #caráter. O #homem que tem #caráter é tudo, mostra a #personalidade dele. Eu acredito que o #homem tendo #caráter engloba tudo, #caráter já e #responsabilidade, e prioridade de um #homem. Então você não esta #falando de prostituta, esta #falando de mulher.*

As definições usadas pelas travestis para homens e mulheres são estereotipadas e mostram que uma “imagem feminina” deve se diferenciar de uma “imagem masculina”, ainda que o corpo físico não seja o principal responsável. Essa

diferenciação estereotipada se dá pela via do desejo (ver Capítulo 3[65]), que faz com que o "corpo trans", para que tenha êxito em seu projeto de feminilidade, deva ser olhado e desejado por um homem de verdade, cuja imagem tem na virilidade seu aspecto principal.

Neste sentido, constatamos que o grupo das travestis não utiliza o determinismo biológico como argumento fundante da diferenciação de homens e mulheres. Isso se explica pela própria experiência "trans", cuja vida é marcada pela construção do feminino num corpo masculino. A experiência real da transformação do corpo imprime a possibilidade da duplicidade (nem homem, nem mulher) na construção dos corpos e identidades de gênero.

A ideia de correspondência entre um sexo de nascimento (macho), identidade de gênero masculina (fortemente marcada por atributos de uma masculinidade hegemônica) e orientação sexual heterossexual é bastante presente no grupo de homens heterossexuais, em menor intensidade no grupo de homens *gays* e fraca no grupo de travestis. Por optarem por serem mulheres e não seguirem o seu destino como homens, as travestis fazem mais referências à feminilidade, a traduzindo sempre como uma experiência positiva, fixada numa imagem altamente valorizada da mulher.

O campo do masculino significa, então, um campo de conflito. A forte referência à conduta que um homem deve ser para ser reconhecido enquanto tal (honesto, trabalhador) remete à socialização que receberam como meninos e homens. Tais aspectos, por não relacionarem-se exclusivamente a um corpo

[65] Os resultados encontrados e as referências a autores utilizados no Capítulo 3 desta tese defendem a ideia de que o corpo *trans* se produz e se realiza pela exibição (na rua) e reconhecimento pelo olhar do outro (homem) constituindo uma dinâmica particular de vivência do desejo.

masculino, puderam ser incorporados em suas identidades, o que não ameaça o projeto feminino que construíram para si.

B – "Amor e Sexo":

Com 5 classes estáveis e 77% de aproveitamento do conteúdo, a classe 1 ressalta as diferenças entre homens e mulheres em relação às experiências sexuais. Tal como constatado nos dados relativos aos homens *gays* e homens heterossexuais, o sexo aparece como artifício de domínio e prática natural e instintual dos homens. No outro oposto, estão as mulheres e suas habilidades também inatas para o exercício do amor. Vejamos uma UCE típica da classe:

> *193 35 A #mulher o #sexo e amor, mesmo-que tenha #paixão no #meio, mas ela liga mesmo para o amor.*

A classe 4 afirma e define a posição de passividade da mulher no ato sexual. Também marca a "violência" como característica típica da masculinidade. Denominamos o eixo de associação entre as classes 1 e 4 de "passividade x dominação".

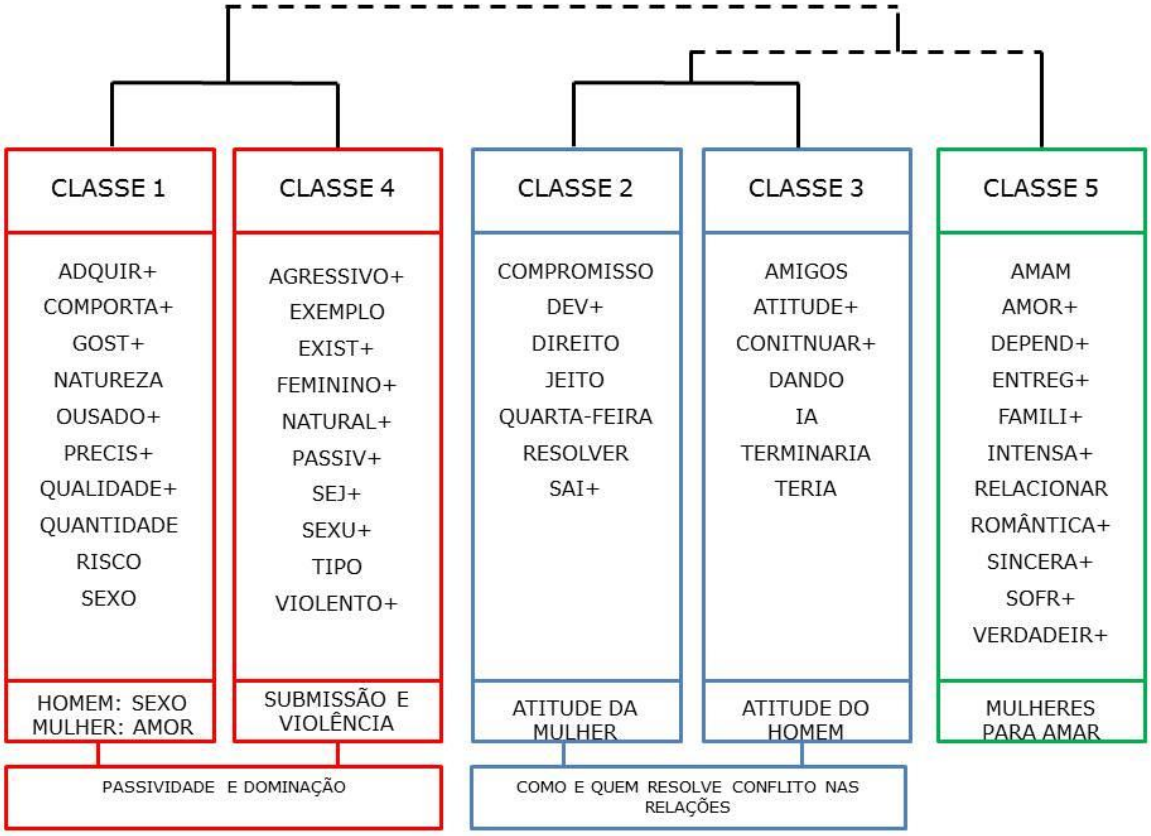

Figura X – Disposição das classes e apresentação das palavras mais significativas de cada classe referente ao banco *amor* e *sexo* de travestis.

As classes 2 e 3 apresentam soluções a situações de conflitos num casal. Na classe dois, é típica a compreensão de que a solução satisfatória é a pautada pelo diálogo, uma vez que homens e mulheres são livres e possuem direitos iguais. Essa solução também implica na mudança de atitude do homem na relação, o que significa ceder e rever posições para privilegiar situações de harmonia no casal.

A classe 3, impõe a atitude da mulher como decisiva à resolução de conflitos. Esta direciona suas ações à negociação com o parceiro a fim de buscar a manutenção ou o fim da união. Nesta classe, a condição de separação apresentada relaciona-se à ideia de que o homem, por sua natureza, não mudará nem cederá para o bem de uma relação, posto que está acomodado em suas relações

matrimoniais[66] e por compreenderem que o homem em si “mente, engana, é machista” e já acostumado a sair para relacionar-se com outras mulheres.

A classe 5, aprofunda as diferenças sobre como homens e mulheres vivem o amor de maneira que repete e complementa conteúdos de classes anteriores. Portanto, o homem vive um amor de ocasião, cujo objetivo é a conquista. Tal como exposto anteriormente, para as travestis, o homem trai e fidelidade não existe, pois pela suas próprias experiências a maioria dos homens são casados e acomodados em seus casamentos. Já as mulheres são as únicas capazes de viver um amor verdadeiro e intenso, um amor que visa a estabilidade e a eternidade, condição gerada pelo seu romantismo e habilidade para o diálogo.

> *91 7 Hoje eles são mais volúveis, mas existem muitos homens com características #maravilhosas. A mulher é mais #sincera. Ela se #entrega mais. Mais #verdadeira, se #entrega mais. Quase toda mulher, quando ela gosta, ela só #quer um. O homem é mais difícil. Eu #conheço homens que-se #dizem apaixonados e tem outras #aventuras.*

Da mesma forma que os homens *gays* e heterossexuais, as travestis constroem suas representações do amor alocando-a no universo da feminilidade, definindo-o como um universo de submissão, mas também de flexibilidade. Dessa forma, o sexo compõe as representações de masculinidades, expressão da dominação. Para os grupos pesquisados, sexo e amor são experiências típicas de um ou de outro gênero, representações que também contribuem para justificar as diferenças entre homens e mulheres.

C – “Preconceito e Discriminação”:

As travestis configuram-se como um dos grupos mais discriminados da sociedade (Carrara & Vianna, 2006). O relatório sobre violência homofóbica no

[66] Lembramos que muitas participantes desse grupo de travestis são profissionais do sexo, onde é comum o relacionamento casual, comercial e superficial com os homens, como também manterem relacionamentos mais duradouros e estáveis com homens heterossexuais casados.

Brasil do ano de 2011 (Brasil, 2012) trabalhou com três critérios para identificar as vítimas de violência homofóbica: sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual.

De acordo com o relatório citado (Brasil, 2012), 67,5% das vítimas de violência são do sexo masculino, 26,4% do sexo feminino e apenas 6,1% não informaram o sexo. Já no que se refere à identidade de gênero, 5,34 % afirmam ter identidade de gênero masculina, 34,5% identidade de gênero feminina, 10, 6% se identificaram como travestis, 1,5% como "mulheres trans[67]" e 0,6% como "homens trans". Outros 18,6% não informaram o critério de identidade. Com estes dados podemos observar a associação entre preconceito, discriminação e misoginia onde as identidades de gênero femininas são as mais suscetíveis de sofrerem violência reforçando um cenário estrutural de violência contra a mulher em nosso país.

No banco de dados das travestis sobre preconceito e discriminação encontramos três classes estáveis e um aproveitamento de 66% do conteúdo. Vejamos a descrição de cada uma das classes.

[67] Transexuais que possivelmente já realizaram a cirurgia de redesignação sexual: retirada do pênis e construção da vagina.

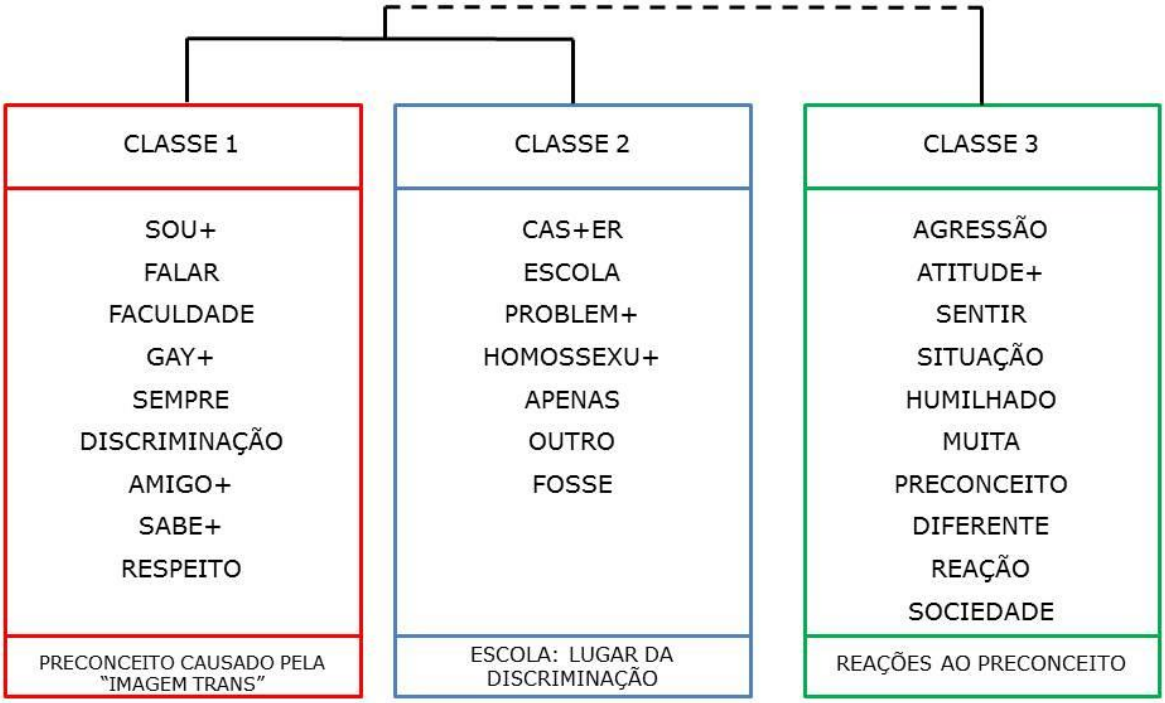

Figura XI – Disposição das classes e apresentação das palavras mais significativas de cada classe.

Tal como no banco dos homens *gays*, as classes 1 e 2 revelam a escola como o espaço onde predomina a emergência de situações de preconceito e discriminação. Nesse contexto, o banheiro torna-se um lugar emblemático para as travestis por seu poder de demarcar as diferenças de sexo e gênero, cuja função cumpre regular e normatizar corpos. Sendo assim, corpos desviantes como são os "corpos trans" são condenados e impedidos de trânsito livre nesses espaços. Dinis e Lima (2009), afirmam que "é comum as escolas tratarem gênero e sexualidade como sinônimos, padronizando um modo único e adequado do que é o masculino e o feminino, possibilitando apenas uma maneira de viver a sexualidade" (p. 54).

Na classe 1 encontramos relatos de preconceito que são ocasionados pela percepção da “imagem feminina num corpo masculino”, ou melhor, pelo fato serem percebidas como travestis. Essa discriminação configura-se através de olhares, gestos ou mesmo violência física. Advém de forma gratuita e relacionam-se ao impacto que a imagem “trans” causa ou pode causar. São freqüentes os relatos de rejeição sofrida por parte de outros, especialmente ao tentarem usar o banheiro feminino, ainda que esta discriminação também seja sentida quando transitam por outros espaços e situações sociais.

> *148 15 então tinha aquela questão do impacto visual, junto com os outros colegas, era constrangedor para mim, até que para os outros não. Para mim era cabuloso, estava em um banheiro que não era meu, o meu é o feminino. Eu fiquei um bom tempo sem usar o banheiro.*
> *30 7 Ele percebeu que eu era um travesti, que eu não era uma mulher normal, e por isso ele fez isso comigo. Eu me senti arrasada, humilhada. Eu me senti um lixo. O que eu fiz? Eu tive que pegar a panela de pressão para eles passarem na máquina e eu poder ver o preço.*

A classe 2 complementa as UCES da classe 1 enfatizando a discriminação ocorrida em diversos campos da vida social, tal como o trabalho, o comércio, a vizinhança. No entanto, enfatiza o preconceito e a discriminação sentidos na escola e, mais uma vez, nas implicações do uso do banheiro nesses espaços.

> *130 19 Eu ficava quieto na minha, nunca tive coragem de reagir, às vezes eu chorava sozinho. Eu não entrava em banheiro de escola, nem na faculdade, porque eu tinha medo de me colocarem pra fora.*
> *8 10 Sim. Uma me marcou muito. Banheiro feminino na Serra, no terminal[68]. Ao sair fui abordada por um segurança que disse em alto e bom som que eu deveria usar o banheiro de homem.*

A classe 3 concentra o maior número de UCES e faz referência às reações às situações de preconceito e discriminação vividas. Fica evidente que a discriminação sentida como injúria provoca a tentativa da indiferença, um artifício que busca minimizar os efeitos nefastos do preconceito, naturalizando-o. Ainda que

[68] Ponto de embarque e desembarque de passageiros das linhas intermunicipais da região metropolitana de Vitória.

não percebam as conseqüências negativas dessa submissão às agressões verbais, estas implicam na não ascensão das travestis à categoria de cidadãs e ao impedimento ao trânsito social como indivíduos livres.

> *109 9 Aqui mesmo passa muita gente que xinga, chuta que é macumba, vai bater uma laje! Humilha a gente de várias formas. Eu não ligo, eu dou o desprezo, eu ignoro.*
> *62 7 Falei assim: vem cá, onde é que está isso tudo? É por que eu sou viado? Ah, por favor, não existe mais amor a Deus. Escreveram no meu muro há poucos dias a palavra inferno.*

Sobre esse aspecto, o Relatório sobre Violência Homofóbica do ano de 2011 (Brasil, 2012) ressalta que, no caso das travestis e transexuais, a baixa representação dessa população as afasta dos meios legítimos de denúncia, seja para apontar a discriminação e/ou a violência sofrida. Esse afastamento do canal de denúncias provavelmente decorre do medo desse grupo de sofrer retaliações justamente por estarem vulneráveis a situações de violências extremas. Sendo assim, acham normal serem destratadas, violadas em seus direitos, xingadas e humilhadas, concentrando-se na sua necessidade de sobrevivência material em detrimento da luta e defesa de uma condição cidadã.

A injúria, transformada na ideia de um preconceito menor, cerceia e restringe as possibilidades de uma vida social plena na medida em que contribui para determinar quando e onde os corpos *trans* podem ser vistos. Conforme trabalhado anteriormente (Capítulo 3[69]), esse movimento as afasta dos espaços legítimos de reconhecimento social (família, escola, trabalho formal) e as joga para campos marginais, tal como a prostituição, onde são comuns as tentativas de anulação e apagamentos dos corpos e identidades *trans*. Um corpo constantemente agredido busca esconder-se de seu agressor e a tentativa de serem indiferentes às

[69] Ver as discussões do Capítulo 3 sobre preconceito.

agressões verbais revelam-se como recurso psicológico de proteção a uma violência gratuita, cotidiana e naturalizada.

Sobre cognição, binarismo e pensamento social

Abric (1998) esclarece que a representação social possui um núcleo estruturante que terá como função organizar e estabilizar os elementos que a constitui, fornecendo sentido a este todo estruturado. Ademais, este núcleo estruturante resiste à mudança e incorpora elementos periféricos que relacionam a estrutura à situações concretas buscando adaptar-se às transformações do ambiente e defender a ideia central da representação de uma mudança radical.

O núcleo estruturante (ou núcleo central) fundamenta-se em elementos históricos, ideológicos e sociais para sua constituição. Tem como base a coletividade e relaciona-se ao conjunto de normas e valores sociais. Já os elementos periféricos associam-se às contingências, ou seja, permitem a manifestação de aspectos individuais e de contextos locais, dando um tom personalizado às representações sociais (Abric, 1998).

Esclarecemos nos objetivos deste estudo a intenção de identificar e comparar as representações sociais de masculinidade e amor de homens heterossexuais, *gays* e travestis. Concluímos que a representação social de masculinidade destacada possui elementos em comum nos três grupos trabalhados. Da mesma forma, as vivências típicas de cada grupo puderam ser constatadas a partir dos relatos dos participantes de suas compreensões acerca do amor e do sexo, e suas experiências de preconceito e discriminação por orientação sexual e identidade de gênero.

Por esse caminho a representação social do amor está intimamente relacionada à construção social da masculinidade, o que a impede de ser vista em

um campo exclusivo, ou seja, apartado das relações entre os gêneros. Nossas conclusões a este respeito geraram outros questionamentos, a saber: a maneira como foi construído o instrumento para coleta de dados forçou a expressão íntima da relação entre amor e identidades de gênero prejudicando uma investigação mais aprofundada do referido objeto? Ou: é impossível compreender o amor – tal como posto pelos participantes – sem relacioná-lo às estruturas de poder e dominação, portanto à construção dos gêneros e das identidades?

Ao tratarmos de masculinidade e amor a ideia que repercute entre os três grupos é a de que a masculinidade está objetivada na imagem de um homem forte, viril, provedor, sempre disposto ao sexo e inábil para lidar com sentimentos. A mulher significa, então, o extremo oposto dessa ideia, caracterizada pela fragilidade e submissão sendo estas as mesmas características que compõem a definição do amor.

Assim, o discurso ancorador da representação social da masculinidade está na crença da diferenciação sexual e do determinismo biológico que não só diferencia, mas instrumentaliza identidades de gênero masculinas ou femininas. Laqueur (2001) sistematiza os períodos históricos sobre os quais foi possível à ciência fazer circular os resultados das investigações minuciosas sobre o corpo, como vemos acontecer ainda hoje, traduzida pelos avanços científicos da medicina e da capacidade desta ciência de fazer modificar seus níveis de especialização.

O modelo do sexo-único remonta a Galeno no século II que conseguiu demonstrar detalhadamente que as mulheres eram homens invertidos onde “a vagina é vista como um pênis interno, os lábios como o prepúcio, o útero como o escroto e os ovários como testículos” (Laqueur, 2001, p. 16). Somente no final do

século XVIII emergiu a teoria do dimorfismo sexual a partir de estudiosos que insistiam em diferenças fundamentais entre homens e mulheres (Laqueur, 2001).

Se a ideia compartilhada entre os participantes do estudo acerca da masculinidade configura o que parece ser o núcleo estruturante da representação da mesma, encontramos divergências nas experiências específicas de cada grupo, o que confirma a defesa de Abric (1998) quando ressalta que a particularidade das experiências individuais e grupais mostra-se pela apresentação dos elementos periféricos da representação social.

Portanto, se o modelo de uma masculinidade hegemônica constrói o núcleo central da representação, é importante esclarecermos onde e como os grupos constituem os elementos que dão o tom e a cor à experiência singular de cada um. Neste contexto, os homens heterossexuais mostram-se fixos e defensores na ideia de que há uma correspondência presumida entre sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual. A descoberta do que é/ou virá a ser um homem se dá no momento do nascimento deste, cujo fato justifica-se nos discursos médico-científicos para diferenciação de sexos e gêneros.

Os homens *gays*, ainda que reconheçam a força dos aspectos físicos e biológicos, não o utilizam como referência única para definição de homens e mulheres. Tal como discutido por Trindade e Nascimento (2004) “*gays,* que são, por excelência, mostrados como antítese da masculinidade” (p. 149). A experiência singular da homossexualidade os faz buscar constantemente a adequação ao padrão heterossexual, numa tentativa de identificarem-se com o que a sociedade pré-determina como homem e evitarem o sofrimento causado pelo preconceito e a discriminação. Dessa forma, apartam-se do mundo feminino a fim de não serem

confundidos com mulheres, suportando apenas estas duas possibilidades de identificação, uma vez que homens e mulheres definem-se num jogo de oposições.

No entanto, este "ser *gay*" implica não só na busca de coerência para vivência do desejo, mas também outras dimensões, especificamente aquelas que as experiências de preconceito e discriminação causam. Nesse contexto de afirmação e questionamento de uma masculinidade ideal, admitem as práticas e possibilidades de experiências sexo-diversas, incluindo a ideia de que a aderência ao gênero se dá mais pela escolha do que pelo destino.

As travestis também reforçam o argumento do corpo físico para a diferenciação sexual e de gênero e a defesa de papéis rígidos e estereotipados para homens e mulheres. No entanto, a experiência da transformação torna real a ideia de um corpo flexível e plástico, enfraquecendo o discurso biológico determinista. Então, a masculinidade realiza-se pela defesa de uma conduta moral, retirando do corpo a responsabilidade de divisor de gêneros e tornando possível a experiência ambígua e des-hierarquizante de ser homem e mulher ao mesmo tempo.

Interessante observar que a experiência de socialização como homens faz os três grupos compartilharem as mesmas concepções acerca do amor e do sexo, sendo este último, o sexo, por onde expressam um conjunto de práticas e valores que manifestam o exercício da dominação (masculina) e poder sobre o qual nenhum grupo pesquisado quer abrir mão.

Outro aspecto importante refere-se à experiência de escolarização. É fato que as travestis são simbólica e concretamente expulsas do espaço escolar. Nesse sentido, a argumentação possível é da urgência de políticas afirmativas para retorno das travestis para a escola, como abertura de possibilidades de ascensão social pelo ensino e profissionalização. No caso dos homens, *gays* e heterossexuais, a

juventude das amostras faz supor um momento de vida cuja escolarização tende a intensificar-se em busca da formação profissional.

Para os participantes a que tivemos acesso, o que observamos é uma defasagem na escolarização dos homens heterossexuais em relação aos homossexuais. Neste caso a convergência da masculinidade, ou da resposta dos indivíduos à exigência de seu modelo, altera os planejamentos e projetos de ambos os grupos na busca de qualificação. Lembramos que os heterossexuais citaram a constituição de família como um elemento importante no tornar-se homem. Este fato os faz adiar suas ambições de qualificação pelo estudo buscando, talvez precipitadamente, trabalho e independência financeira. Por outro lado, habita o imaginário social, portanto, também dos *gays,* a ideia de que homossexuais não constituem família, o que torna mais sólido para o grupo o projeto de adquirir uma profissão e de desenvolver-se nela. Este aspecto também retoma a discussão iniciada neste trabalho de associação entre moralidade e construção da identidade social masculina, a partir de elementos constatados nas falas dos participantes que definem por *homem* o sujeito trabalhador, íntegro, honesto e de caráter sugerindo a construção de uma moral/honra masculina.

Podemos apreender até aqui que o dispositivo gerador das representações sociais de masculinidades (e também do amor) encontra-se na calcificação do binarismo sexual como discurso único e exclusivo, enunciado máximo em nossa cultura para apreensão de categorias tais como o sexo e o gênero, sobre cujas ideias as estruturas cognitivas irão se acomodar e serão por elas acomodadas. Esse discurso traduzido como verdade cognitiva, é eficaz na promoção do reconhecimento da vida e do mundo como um espaço familiar e habitável, mas

esconde as forças ideológicas e políticas que o produzem, tal como explicitado por Preciado (2008):

> Será uma sociedade dominada pela diferença sexual e pela produção como possuidor de uma identidade e de uma (e única) verdade sexual. O ponto culminante destas tecnologias rígidas e pesadas de produção da identidade sexual se alcançará em 1968, momento de patologização da homossexualidade e da normalização burguesa da heterossexualidade. O produto do corpo reprodutor pertence ao *pater famílias* e por extensão ao Estado e a Deus; portanto, o aborto e o infanticídio pós-parto, ainda que sejam práticas correntes, estão muito vigiadas e são severamente castigadas pela lei (Preciado, 2008, p.62) [70].

O binarismo – enquanto um sistema que ordena hierarquicamente diversas representações – determina um esquema cognitivo de pensamento sobre o qual o mundo é interpretado, mas também se associa a outros sistemas de representações, também binários, tal como a oposição entre natureza e cultura. Por exemplo, nos resultados apresentados neste estudo são frequentes as referências às determinações biológicas/evolutivas (natureza) e as explicações projetivas (cultura) para diferenciação dos sexos e gêneros. Estes sistemas de representações não são acessados pelos participantes que permanecem alheios ao sentido metafísico destes grandes temas ordenadores dos códigos mentais e sociais.

Camargo e Wachelke (2010) discutem esta arquitetura do pensamento social e esclarecem que as representações sociais relacionam-se entre si e estas a grandes temas que possuem o caráter de fazer avançar no tempo constructos ideológicos, tradições, crenças de longa duração que assumem a forma de oposição – tais como mulher/homem; natureza/cultura – na estrutura da representação. Sobre essa discussão, Lima (2007) afirma que:

> Enquanto o filósofo da ciência se referia às ‘predisposições comuns’ presentes num grande número de teorias científicas e às concepções

[70] Tradução nossa.

> primeiras, aos ‘princípios fundamentais’, aos ‘estilos de pensamento’ que intervém na composição da imaginação científica, os psicólogos sociais se referem aos ‘conceitos’, aos ‘princípios primeiros’ agindo ao nível do pensamento social e às ‘noções primeiras’, às ‘ideias forças’ ou às ‘imagens’ que intervém na formação da representação social (Lima, 2007, p. 4).

Ao assumir que a sociedade pensa, Moscovici (2004) põe em evidencia o caráter ativo de cada sujeito na construção da representação, negando o caráter passivo que reduzia a complexidade das operações cognitivas envolvidas e a influencia de sociólogos clássicos, que afirmavam a supremacia da ideologia na formação das subjetividades. No entanto, o próprio autor adverte para o perigo de exaltação de uma racionalidade normativa que não encara o caráter polifásico da cognição.

Sendo assim, um tema será sempre rígido e pouco informará acerca do campo periférico da representação, marcado pelos julgamentos, sentimentos, relatos de experiências pessoais e grupais. Esse mesmo campo pode nos advertir sobre os elementos não-familiares que fomentaram a construção da representação.

No caso dos grupos deste estudo, a experiência com o preconceito e a discriminação possibilitou a percepção de aspectos dissonantes na representação social (ideal e hegemônica) da masculinidade e amor e no próprio entendimento do binarismo como tema justificador/balizador do discurso determinista biológico. Enquanto homens heterossexuais seguem à risca o padrão normativo, *gays* e travestis possuem outras formas de representação que admitem novas experiências (e representações) do corpo e das identidades de gênero.

Não queremos dizer, com isso, que na abordagem às experiências de sofrimento tomamos um conteúdo mais rico e completo do que pretendemos pesquisar. Na verdade, a reflexão tendencia para a sutileza dos aspectos

particulares de cada grupo e de como são importantes para o entendimento de como esses mesmos grupos comunicam suas representações sociais.

Nesse entremeio, a percepção da injúria como “a violência que cala” pode ser determinante para o entendimento das práticas assumidas por *gays*, travestis e heterossexuais. As práticas, nesse contexto, foram determinantes à compreensão sobre como estes sujeitos dizem de si e das representações que constroem. Como compreender a escolarização acentuada da amostra de homens *gays* senão pelo interdito “*Gays* não podem constituir família. *Gays* não podem ter filhos.”? Como compreender os aspectos ritualizados das relações amorosas heterossexuais senão pela ideia de “Trabalhe, case e reproduza”?

Desenvolver-se sob o signo da injúria, repetida cotidianamente por composições sociais diversas, recheia de negatividade as experiências identitárias fora de padrões. Tal como acontece com travestis e *gays,* a absorção muda desse não-lugar social os motiva não só à busca desesperada a um padrão ideal de masculinidade e/ou feminilidade, mas à constituição de linhas de pensamento dissonantes, cuja força política não tem sido negligenciada por estudiosos do campo das sexualidades e militantes LGBT.

Portanto, em se tratando de pesquisas que intencionam abordar crenças, práticas e valores de comunidades sexo-diversas, defendemos que os sujeitos possam falar através dos instrumentos de pesquisa de suas experiências de desajuste, de fuga da norma, de estranhamento, de não-familiaridade. Sempre poderemos ter um traçado interessante e consistente dos temas ordenadores do pensamento social de toda a comunidade humana, como também dos elementos que furam a hegemonia destes mesmos temas

CAPÍTULO 5

Discussão

Flores Raras e Banalíssimas

O filme chama-se *Flores Raras*[71]. Estreou nos cinemas brasileiros em agosto de 2013 e conta a história de duas mulheres: uma construiu o Parque do Flamengo, outra, escritora e poetisa, foi ganhadora do prêmio Pulitzer em literatura em 1956. A história de amor de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop tornou-se conhecida do público agora, no entanto, anteriormente relatado por Trevisan (2007) [72] como o único romance entre mulheres abordado pela obra, que se dedicou a fazer um apanhado da história da homossexualidade masculina no Brasil.

Flores Raras e Banalíssimas[73] é o título do livro escrito por Carmen L. Oliveira no qual a obra cinematográfica foi baseada. Com a pretensão de relatar o encontro, o amor e os momentos de tragédia vividos por estas duas mulheres, Oliveira (1995) situa as influências culturais e políticas do Brasil das décadas de 50 e 60 na vida de Lota e Elizabeth e a contribuição das mesmas ao cenário da época. Logo no início do livro, antecipando o final da história, o aviso da autora: “Querida amiga, sente-se, a história é longa e triste” (Oliveira, 1995, p.12).

Estava posta a questão: uma leitura que antecipa seu final triste não deve começar igualmente triste? Como evitar que os *finais tristes* retire do início o entusiasmo próprio de qualquer começo de história? E por que deixar para o final a emoção da tristeza que paralisa pela fatalidade e pelo assombro?

---

[71] Barreto, L. ; Barreto, P. (Produtoras), & Barreto, B. (Diretor). (2013). *Flores Raras.* [Filme]. Brasil: Globo Filmes.

[72] Precisamente no capítulo 3 intitulado “A mulher que descobriu o Brasil”.

[73] Oliveira, C. L. (1995). *Flores Raras e Banalíssimas: a história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop*. Rio de Janeiro: Rocco.

Se os *finais tristes* desconsolam e desamparam que não nos esqueçamos que muita coisa é dita entre um início e um fim, coisas ditas a todo o momento, igualmente potentes em suas intenções de produzir tristezas. Referimo-nos durante toda esta tese a pessoas que possuem identidades de gênero e práticas sexo-diversas. A luta, coletiva e pessoal, de pessoas LGBTs pelo reconhecimento de seus direitos implica no enfrentamento dos significados produzidos, por exemplo, pelo efeito de um pastor fundamentalista cristão para presidir a comissão parlamentar de Direitos Humanos e minorias da câmara dos deputados. Por esta via, muitos podem admitir que o cenário político brasileiro, em suas composições municipais, estaduais e federais atuais são igualmente tristes[74].

Outros conferem cotidianamente através das *timelines* do *Facebook* ou pelo acesso direto às notícias impressas e televisionadas as súplicas e os ecos de manchetes tais como: *"... um homossexual é morto no Brasil a cada 10 minutos"*; *"Marco Feliciano manda prender duas mulheres que se beijaram num culto..."*; *"... precisamos aprovar a lei que criminaliza a homofobia...[75]"* e assim por diante.

Mas voltemos às duas mulheres. Uma história de amor, como a de Lota e Elizabeth, vivida em todas suas possibilidades, expandida nos circuitos culturais e círculos de amigos constituídos no Rio de Janeiro, cidade por onde transitaram e viveram livremente, não pode ser triste. Um amigo comentou há algum tempo: *"... não sei o porquê de, quando falam de histórias de amor entre duas mulheres, sempre tem que ter aquela tristeza, aquele peso e muito sofrimento!" [76]*. Diante desta provocação arrisco-me a afirmar que, somente um amor vivido em sua intensidade,

[74] No Espírito Santo dobra o número de políticos cristãos, declarados perseguidores de homossexuais, na composição de câmaras municipais e estaduais.
[75] Optamos por inserir a ideia, e não a referência exata das fontes das notícias. Informações veiculadas no *Facebook* da pesquisadora entre agosto e setembro de 2013.
[76] Contribuição de Mateus Pedrini, estudante de Psicologia da UFES.

verdade, liberdade e que tem a possibilidade de mostrar-se e expandir-se pela vida pode, pela sua força, alterar o curso que desemboca em acontecimentos e *finais tristes.*

Em agosto de 2013 também concluímos projeto de iniciação científica que teve como objetivos investigar as representações sociais de masculinidade e de amor de mulheres heterossexuais e lésbicas. Ainda que não tenhamos concluído a análise dos dados da pesquisa, mostram-se curiosas a afirmação de algumas participantes lésbicas em relação às vivências de amor e sexo, dentre elas: "... *acredito que cada pessoa vivencia o amor de forma diferente e única, independente de ser homem ou mulher. Mulheres vivenciam o amor de maneiras diferentes e únicas entre si e os homens também, com isso, não ha como fazer uma comparação entre os dois grupos, deveria ser feita entre cada individuo".* Com a afirmação acima queremos expressar que, se para o grupo de mulheres lésbicas o amor e/ou a dor do amor não é privilégio das que se autoidentificam como mulheres, torna-se relevante retomar como os sujeitos participantes da pesquisa desta tese articulam, então, suas construções e representações do amor às construções e representações acerca da masculinidade.

Os heterossexuais são, portanto, aqueles que associam a masculinidade a uma perspectiva evolutiva, onde cabe a um indivíduo desenvolver-se e seguir seu caminho como homem, o que implica trabalhar, casar e constituir família. A compreensão do amor e das experiências conjugais aparece altamente ritualizadas e instrumentalizadas, contexto que expressa as vivências acerca do amor como "um meio para se atingir um fim", sendo este campo, portanto, de domínio das mulheres que torna-se então fundamental à garantia do sucesso desse projeto.

Estes aspectos, relacionados à afirmação da honra masculina tem nas experiências sexuais com o sexo oposto a expressão de uma virilidade que revela poucos conflitos e questionamentos acera das construções sociais desses papéis. O sexo, justificado como elemento intrínseco à natureza masculina, garante-se como ato de dominação diante de discursos que atualmente reivindicam a saída da mulher, nesse caso heterossexual, do lugar de objeto de poder e prazer do homem.

Estes mesmos elementos caracterizam as representações e práticas dos homens *gays.* O sexo, vivido pelos *gays* em suas expressões de dominação e submissão através da negociação em ato da posição ativo ou passivo, não põe em questionamento essa mesma ideia da "masculinidade hetero" justificada nas experiências de homens *gays* com diversos parceiros a partir de um comportamento instintual do macho.

No entanto, a experiência identitária de "ser gay" revela um complexo jogo por onde masculinidades, virilidades e feminilidades vão sendo reformuladas. Para este grupo, os homens amam, ainda que a afirmação de uma masculinidade construída em referenciais identitários alimentado por um padrão heterossexual se sobreponha às nuances de suas intimidades e contenha comportamentos que revelariam uma autêntica expressão de si. Funcionando como estratégia de proteção às expressões do preconceito social e da discriminação, os referenciais heteronormativos para construção da masculinidade tornam-se cada vez mais admitidos em sua precariedade para representar o conjunto de representações, identidades e práticas de homens *gays.*

Pelas travestis compreendemos que as construções identitárias se dão de maneira fluida, ambígua assegurando certa liberdade entre decidirem sobre quando e como serão mulheres e ou homens. O corpo, apreendido como unidade plástica e

moldável reproduz as verdades ritualizadas sobre “ser homem” e/ou “ser mulher” onde o que está em jogo é a construção de um feminino que se autodetermina pelo jogo do desejo, cujo maior objetivo está em conseguirem “ser uma mulher para um homem”.

Esta experiência confirma a ideia da mulher como dotada da capacidade de amar e de fazer da relação amorosa e das vivências conjugais um empreendimento que deve ser bem sucedido. Para a travesti, a busca por tornar-se mulher implica na construção de uma imagem social convincente (“passar por mulher” no jogo do desejo) e na confirmação desta posição nas experiências conjugais e relações amorosas (a mulher sabe amar e manter seu homem numa relação) ainda que estas posições reafirmem uma compreensão de “ser mulher” que coaduna com as instituições e estruturas de dominação. Assim, o desejo e o amor emergem como valores fundamentais ao grupo fomentando a manutenção e criação de um sistema também peculiar e original para corpos e gêneros.

Por estas conclusões podemos inferir que os três grupos, ao serem questionados acerca de suas compreensões sobre o amor são unânimes ao localizarem a experiência amorosa dentro do universo da feminilidade, o que, sem dúvidas, evidencia o “amor” como um elemento estruturante das representações que constituem este objeto[77]. Além disso, as representações do amor carregam a descrição das e dos participantes de comportamentos, atitudes, posições altamente ritualizadas nas relações conjugais.

A tendência, apresentada pelos sujeitos da pesquisa, de manutenção da divisão sexual a partir do estabelecimento de relações amorosas e conjugais

[77] Tais aspectos poderão ser também discutidos e aprofundados a partir da análise dos dados da pesquisa “Representações sociais de masculinidade e de amor de mulheres lésbicas e heterossexuais”, citada acima.

encontra-se com os princípios que estruturam uma “violência doce e quase sempre invisível” sobre a qual nos fala Bourdieu (2010, p. 47). De acordo com os relatos das e dos participantes, o amor apresenta-se como objeto social (des)historicizado[78], ou melhor, transformado em natureza feminina, portanto, componente que deve ser discutido por entre as regras e os ritos que definem os esquemas de pensamento sistematizados e nomeado por dominação masculina (Bourdieu, 2010).

“Seria o amor uma exceção, a única, mas de primeira grandeza, à lei de dominação masculina, uma suspensão da violência simbólica, ou a forma suprema, porque a mais sutil e a mais invisível, desta violência?” (Bourdieu, 2010, p. 129). Sobre esse questão, o processo de des(historização) que delimita a divisão sexual (no trabalho, na vida social e também no âmbito da conjugalidade); que nomeia corpos a partir de sua aproximação à realidades *macho* ou *fêmea;* que transformou (e transforma) as ciências biológicas e médicas em entidades preditoras de verdades sobre a natureza; que oculta a ação pedagógica infringida às ações do pensamento que supõem interpretar objetos e fenômenos por um processo de classificação bizarizante sobre o qual recaem as justificativas de que é a partir dele tornamos o mundo cognoscível; estes aspectos caminham junto às afirmações de Butler (2007) sobre a ação performática e normatizante, sempre recriada mas sempre reposta pelos indivíduos, cujo efeito implica na afirmação (*deshistoricizada)* da materialização de realidades sobre os sexos, os gêneros e os corpos.

Seria então cabível reivindicar às mulheres o direito ao *(des)amor*, fundamento de suas vidas simbólicas femininas pelo qual cobiçam e por onde tanto sofrem e padecem? Tal como afirmado por Bourdieu (2010):

[78] Expressão utilizada pelo autor.

> [...] como se revoltar contra uma categorização socialmente imposta organizando-se como uma categoria construída segundo esta categoria e fazendo assim existirem as classificações e as restrições às quais se pretende resistir – em vez de, por exemplo, lutar por uma nova ordem sexual em que a distinção entre os diferentes estatutos sexuais fosse indiferente? (p.145).

Cabe então nesse momento abdicarmos da tarefa de discutirmos sobre mulheres, ou homens, ou lésbicas, ou *machos*, ou travestis. Dito isto, recorremos às ideias de Foucault (2011) que opõe o regime de *scientia sexualis* ao de *ars erótica*. Uma sociedade organizada em torno da *scientia sexualis* busca obsessivamente a legitimação dos indivíduos a partir da regulação e manutenção de um discurso sobre a verdade, no qual o sexo e as práticas e identidades sexo-diversas são incorporados não por um discurso que nega, mas que supõe fazê-los entender a partir do estudo de suas manifestações.

As “sexualidades aberrantes” (Foucault, 2011, p. 51), matriz por onde se define a adequação ao regime de poder-saber-prazer que sustenta a verdade (discursiva) sobre a sexualidade humana, são incorporadas à vida a partir da construção de uma retórica (também científica) sobre sua existência que lhe oferece entendimento ao mesmo tempo em que lhe concede um lugar precário e mal visto.

Os procedimentos por onde se constituiu e se constituem esta retórica científica, denominada *scientia sexualis,* implicam a construção dos espaços onde é permitido e legítimo falar, caracterizando a arquitetura da clínica (médica, psiquiátrica, psicológica) que acolhe pela oferta do sigilo as falas que expressam prazeres e desejos. A prática confessional, integrada desde o século XIX ao *modus operandi* da ciência, garante sua eficácia pela oferta do anonimato pessoal dessas falas posteriormente decodificadas em sintomas, disfunções e inadequações

funcionais passíveis de serem tratadas pela confissão e/ou pelo remédio (Foucault, 2011).

Se existe oposição entre *scientia sexualis* e *ars erotica* significa que esta outra articula seu regime de verdade na prática mesma do prazer que se realiza pelo segredo e não necessita de ser divulgado e esquematizado segundo regras e princípios que determinam o poder-saber sobre o sexo. “Contra o dispositivo da sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres” (Foucault, 2011, p.171). Trata-se, então, de situar os corpos e os prazeres em um discurso que não lhe apregoe uma definição.

Qual seria, portanto, o caminho, a estratégia ou recurso por onde a afirmação dos corpos e dos prazeres possa existir como um princípio e um fim, sem aderências a um regime de saber que ao deter o domínio da interpretação científica impõe sobre estes corpos e prazeres a regulação da vida? O entendimento de que a ciência caracteriza-se pelo trabalho ordenado e sistemático cujo objetivo maior está em descrever, explicar e evidenciar leis que regem os fenômenos humanos e da natureza (Chauí, 2005) esconde a realidade por onde também se assentam as verdades científicas: a de que a reprodução do conjunto sistemático de princípios e regras para interpretar a realidade e ascender à verdade requer um ato de fé.

Sem este elemento afetivo da crença a manutenção dessa retórica científica que a partir dos seus dogmas e ritos ordena os discursos do saber estaria abalada. E por que não acreditar que produzimos ilusões de verdades? Os saberes científicos, aplicados ao dia a dia, também se sustentam pela dinâmica performática e citacional discutida por Butler (2007) ao explanar sobre a materialização do sexo e do gênero num corpo. A fé (em *saber* e no *saber*) aplicada à prática humana é condição à perpetuação da *scientia sexualis.*

Fiquemos enfim com as ilusões ao invés das verdades. É provável que a retórica científica deva ser abandonada para ser preenchida (e confundida) com outros discursos.

> Tratem outras penas de sexo e sexualidade; nós abandonamos tão odioso assunto o mais depressa possível. Orlando agora tinha-se banhado, e vestira aquelas calças e casacos turcos que podem ser usados por ambos os sexos; e era forçada a refletir sobre sua situação (Woolf, 1972, p. 276).

Pela lógica de Orlando de Virginia Woolf apreendemos que um jogo desordenado de ilusões por de confundir a história em seu início e em seu fim. O final de história também perde seu compromisso de fazer-se triste ou alegre. Sabemos que Orlando viveu 300 anos. Dormiu por 7 dias e quando todos deram por sua morte sua autora e criadora assume que recusou-se a escrever a palavra FINIS em sua obra literária. Narra, então, as visitas que seu personagem recebe em sonho encerrando seu sono profundo: Pureza, Castidade, Modéstia e Verdade. Acordou e havia tornado-se mulher. Confirmou o fato olhando-se num espelho e não demonstrou estranhamento ou perturbação. “Decidam-no biólogos e psicólogos. A nós, basta-nos expor o simples fato; Orlando fora homem até os 30 anos; nessa ocasião, tornou-se mulher, e assim ficou daí por diante” (Woolf, 1972, p. 280).

BIBLIOGRAFIA

Abric, J. C. A. (2000). A abordagem estrutural das representações sociais. In Moreira, A. S. P., & Oliveira, D. C. (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 27-38). Goiânia: AB Editora.

Adorno, R., Alvarenga, A. T. de, Vasconcellos, M. P. C. (2005). *Jovens, trajetórias, masculinidades e direitos.* São Paulo: EDUSP.

Alencar, L. C. (2008). *Bombadeiras.* [Filme-Vídeo]. L. C. Alencar. Prod., Dir. Salvador: Singra Produções. 75 min. Color. Son.

Alexandre, M. (2004). Representação Social: uma genealogia do conceito. *Comum,* v. 10, n. 23, 122-138.

Almeida, A.M.O. (2005). A pesquisa em representações sociais: proposições teórico-metodológicas. In Santos, M.F.S. & Almeida, L.M. (Orgs), *Diálogos com a Teoria das Representações Sociais* (pp. 117-160*).* Recife: Editora Universitária da UFPE.

Alvez-Mazzotti, A. J. & Gewandszvajder, F. (1998). O planejamento de pesquisas qualitativas. In Alvez-Mazzotti, A. J. & Gewandszvajder, F., *O método nas ciências naturais e sociais:* pesquisa quantitativa e qualitativa (p. 147-149)**.** São Paulo: Pioneiras.

Andrade, Mª A. A. (2000). A abordagem estrutural das representações sociais. In Moreira, A. S. P., & Oliveira, D. C. (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social.* Goiânia: AB Editora.

Arán, M. A. (2006). Transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora* (Rio J.), v. 9, n. 1. Recuperado em 1 de setembro de 2008 de *http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000100004 &lng=pt&nrm=iso>.*

Arantes, p. (2012). O Riso dos outros. [Filme-Vídeo]. Arantes, P. , dir. Brasil, 52 min. Color. son.

Arendt, H. (2009). *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Ed. Relume-Dumará.

Arruda, A. (2002). Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. *Cadernos de Pesquisa,* n. 117, 127-147.

Arruda, A., Gonçalves, L. V. P., & Mululo, S. C. C. (2008). Viajando com jovens universitários pelas diversas brasileirices: representações sociais e estereótipos. *Psicologia em Estudo*, *13*(3), 503-511.

Banchs, M. A. (2000). Aproximaciones procesuales y estructurales al estudio de las representaciones sociales. *Paper on social representations*, v. 9, 3.1-3.15. Recuperado em 20 de abril de 2010, de *http://www.psr.jku.at/PSR2000/9_3Banch.pdf*.

Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo* (Rev. Ed.) (L.A. Reto & A.Pinheiro, Trad.). Lisboa: Edições 70, (Obra original publicada em 1977).

Bauman, Z. (2004). *Amor líquido*: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bello, R. B. (2010). La constucción sociocultural de la homossexualidade. Enseñando a vivir en el anonimato. *Culturales,* v. XI, n. 11, 63-82.

Benedetti, M. R. (1998). *Hormonizada!***:** Reflexões sobre o uso de hormônio e tecnologia do gênero entre travestis de Porto Alegre. In XXII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, Minas Gerais.

Benedetti, M. R. (2005). *Toda feita:* O corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond.

Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo:* Sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond.

Berkins, L. (2006). Travestis: uma identidade política VIII Jornadas Nacionales de Historia de las mujeres/ III Congreso Iberoamericano de Estudios de Género*,* Villa Giardino: Córdoba.

Bonomo, M. (2010). *Identidade social e representações sociais de rural e cidade em um contexto rural comunitário*: campo de antinomias. Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade Federal do Espirito Santo, Vitória.

Borba, R., & Ostermann, A. C. (2008). Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. *Estudos feministas*, 16(2).

Borrilo, D. (2010). *Homofobia*: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autentica.

Bourdieu, P. (1999). *A Dominação Masculina.* Rio de Janeiro: Bertrand.

Brasil. (2012). *Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: o ano de 2011.*

Butler, J. (2007). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**.** In Louro, G. L. (Org.), *O corpo educado:* pedagogias da sexualidade (pp.151-172). Belo Horizonte: Autêntica.

Butler, J. (2013). *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Cabecinhas, R. (2004). Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. *Paidéia*, *14*(28), 125-137.

Camargo, B. e Wachelke, J. (2010). The Study of Social Representation Systems: Relationships Involving Representations on Aging, AIDS and the Body. *Papers on Social Representation,* v. 19, 21.1-21.21.

Camargo, B. V. (2005). ALCESTE: Um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In Moreira, A. S. P.; Camargo, B. V.; Jesuíno, J. C.; Nóbrega, S. M. (Orgs.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais.* (pp. 511-540). João Pessoa/PB: Editora Universitária.

Carrara, S. & Vianna, A. R. B. (2006). "Tá lá o corpo estendido no chão...": a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro. *Physis*, v. 16, n. 2. Recuperado em 1 de setembro de 2010, de *http://www.scielo.br/scielo.php?script= sci_arttext&pid=S0103-73312006000200006&lng=pt&nrm=iso*.

Cerqueira-Santos, E. & DeSouza, E. (2011). Preconceito e Discriminação contra minorias sexuais: o caso da homofobia. In Techio, E. M. & Lima, M. E. O. (Orgs.). *Cultura e produção das diferenças*: estereótipos e preconceitos no Brasil, Espanha e Portugal (pp. 247-275). Brasília: Technopolitik.

Chidiac, M. T. V. & Oltramari, L. C. (2004). Ser e estar *drag queen*: um estudo sobre a configuração da identidade queer. *Estud. psicol.*, v. 9, n. 3. Recuperado em 1 de setembro de 2008, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300009&lng=en&nrm=iso.

Código penal Brasileiro (29ª ed.). (1991), São Paulo: Saraiva.

Connell, R.W. (1997). La organización social de la masculinidad. In valdes, T. & Olavarría, J. (eds.), *Masculinidad/es: poder y crisis* (pp. 31-48). Ediciones de las mujeres, n. 24. Disponível em www.cholonautas.edu.pe.

Coutinho, S. M. S. & Menandro, P. R. M. (2009). *A dona de tudo*: um estudo intergeracional sobre representações sociais de mãe e esposa. Vitória: GM.

Del Río, J. M. V. (2006). De la heterosexualidad a la ciudadanía. *AIBR: Revista de Antropología Iberoamericana*, *1*(1), 125-142.

Denizart, H. (1997). *Engenharia Erótica*: travestis no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Dinis, N. F., & Lima, F. M. D. (2009). Pra que time ele joga?: a produção da identidade homossexual em um vídeo educativo. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 61(1), 49-59.

Duque, T. (2008). Novas travestilidades: notas preliminares de um estudo sociológico com travestis adolescentes. *Texto apresentado no Simpósio Temático: Sexualidades, corporalidade e transgêneros: narrativas fora da ordem, no Seminário Internacional Fazendo Gênero*, *8*.

Duque, T. (2011). Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes. *São Paulo: Annablume*.

Fausto-Sterling, A. (1992). *Myths of gender: Biological theories about women and men*. (2th ed.). New York: Basic Books.

Ferré, J. V. (2002). La masculinidad en cuestión: reflexiones desde la antropología. *Nueva Antropología. Revista de Ciencias Sociales*, (61), 31-52.

Ferreira, R. (2003). Travestis em perigo ou o perigo das travestis? Notas sobre a insegurança nos territórios prostitucionais dos transgêneros em Belém (PA). *Enfoques*, *2*(1).

Ferreira, R. S. (2009). A informação social no corpo travesti (Belém/Pará): uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman. *Ci. Inf.,* v. 38, n. 2, 35-45.

Flament, C. (2001). Estrutura e dinâmica das representações sociais. In Jodelet, D. (Org.). *As representações sociais.* (pp. 173-186). Rio de Janeiro: Eduerj .

Foucault, M. (2011). *História da Sexualidade 1:* a vontade de saber (21ª ed.). São Paulo: Graal.

Fox, R. (1982). As condições da evolução sexual. In Ariès, P. & Béjin, A., *Sexualidades ocidentais* (pp. 9-24). São Paulo: Brasiliense.

França, I. L. (2006). Cada macaco no seu galho?": poder, identidade e segmentação de mercado no movimento homossexual. *Revista Brasileira de Ciências*

Sociais, *21*(60), 103-115. Disponível em *<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_ arttext&pid=S0102-69092006000100006&lng=pt&nrm=iso>*.

Galinkin, A. L., Santos, C. Fellows, A. Z. (2010). Estudos de gênero na Psicologia Social. In Galinkin, A. L.; Santos, C. (Orgs.). Gênero e Psicologia Social (pp. 17-30). Brasília: Technopolitik.

Garcia, A. B. (2009). Tacones, siliconas, hormonas y otras críticas al sistema sexo-género: femininismos y experiencias de transexuales y travestis. *Rev Colomb Antropol*, *45*(1), 119-46.

Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, *2*, (pp. 64-89). Petrópolis: Vozes.

Giddens, A. (1993). *A Transformação da Intimidade***:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

Giffin, K. (2005). A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Ciência e Saúde Coletiva,* v. 10(n.1), pp. 47-57. Recuperado em 05 de abril de 2010, de *http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a05v10n1.pdf*.

Gomes, R. (2008). Sexualidade e masculinidade: a trama das palavras. In R. Gomes. *Sexualidade masculina, gênero e saúde* (Chap. 3, pp.59-98). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.

Grize, J. B. (2001). Lógica natural e representações sociais. In Jodelet, D. *As representações sociais.* (pp. 124-137). Rio de Janeiro: Eduerj.

Grossi, M. P. (1995). Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em primeira mão,* n.1, pp. 4-37.

Guedes, D., & Assunção, L. (2006). Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). *Revista Mal Estar e Subjetividade*, *6*(2), 396-425.

Guerrero, R. E. (2007). Homofobia y Psiquiatría. *Revista Colombiana de Psiquiatría,* Bogotá, v. XXVI, n. 004, p. 718-735. Disponível em www.redalyc.uaemex.mx.

Holland, J. (2010). *Una breve historia de la Misoginia*. Mexico: Oceano.

Jesuino, J. C. (2011). Um conceito reencontrado. In Almeida, A. D. O., Santos, M. D. F. D. S., & Trindade, Z. A. (Orgs.), *Teoria das Representações sociais*: 50 anos (pp. 33-58). Brasilia: Technopolitik.

Jimenez, L., & Adorno, R. C. (2009). O sexo sem lei, o poder sem rei.*cadernos pagu*, *33*, 343-367.

Jodelet, D. (1986). La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In Moscovici, S (Org.). *Psicologia social II* (pp. 469-94). Barcelona: Paidós.

Jovchelovitch, S. & Bauer, M. W. (2002). Entrevista Narrativa. In M.W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*: um manual prático (pp.), Petrópolis: Vozes.

Jovchelovitch, S. (2003). Vivendo a vida com outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In Guareschi, P. & Jovchelovitch, S. (Orgs.). *Textos em Representações Sociais* (8ª ed) (pp. 63-85). Petrópolis: Vozes.

Jovchelovitch, S. (2008). Representações Sociais e a diversidade do saber. In: Jovchelovitch, S., *Os Contextos do Saber*: representações, comunidade e cultura (pp. 78-126). Petrópolis: Vozes.

Kehl, M. R. (1996). Afinal, o que querem os homens? In Kehl, M. R. *A mínima diferença:* masculino e feminino na cultura (pp. 183-192). Rio de Janeiro: Imago.

Kimmel, M. S. (1997). Homofobia, temor, vergüenza y silencio em la identidad masculina. In Valdes, T. & Olavarría, J. (Orgs.), *Masculinidad/es: poder y crisis***,** n. 24, p. 49-62. Disponível em www.cholonautas.edu.pe.

Knauth, D. R.; Víctora, C. G.; Leal, A. F. Liberdade, sexo e drogas: a vulnerabilidade de homens jovens de camadas populares. In Adorno, R. C. F.; Alvarenga, A. T.; Vasconcellos, M. P. C. (Orgs.), *Jovens, Trajetórias, Masculinidades e Direitos* (pp. 147-161). São Paulo: EDUSP.

Kronberger, N. & Wagner, W. (2002). Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos. In M.W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*: um manual prático. Petrópolis: Vozes.

Krüger, H. (2004). Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. In Lima, M. E. O. & Pereira, M. E. (Orgs.), *Estereótipos, preconceitos e discriminação*: perspectivas teóricas e metodológicas (pp. 23-40). Salvador: EDUFBA.

Kullick, D. (2008). *Travesti*: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Lacerda, M.; Pereira, C. & Camino, L. (2002). Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia: reflexão e crítica,* v.15 (n.1), pp. 165-178.

Lane, S. T. M. Usos e abusos do conceito de representação social. (1995). In Spink, M. J. P. (Org.). *O conhecimento no cotidiano:* as representações sociais na perspectiva da psicologia social (pp. 58-72). São Paulo: Brasiliense.

Laqueur, T. (2001). *Inventando o sexo*: corpo e gênero dos gregos à Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Leal, A. S. B. (2006). Propuestas críticas para uma concepción no tradicional de la masculinidad. *Opción,* Venezuela, v. 22, n. 051, pp. 26-49. Disponível em http://redalyc.uaemex.mx.

Leal, A. S. B. (2008). Las nuevas masculinidades positivas. *Utopía y praxis latinoamericana,* Venezuela, ano 13, n. 41, p. 93-106.

Lima, L. C. (2007): *Articulação entre os conceitos de "Thêmata" e de "fundos tópicos"*, por uma abordagem pragmática da linguagem em Psicologia Social. Disponível em *http://www.vjirs.com.br/vjirs/anais-online-trabalhos-completos.asp*.

Lima, L. C. (2008). *Programa Alceste*, *primeira lição:* a perspectiva pragmatista e o método estatístico. Revista de Educação Pública, Cuiabá, 33, 83-97.

Louro, G. L. (2004). *Um corpo estranho:* ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica.

Maluf, S. W. (2002). Corporalidade e Desejo: tudo sobre minha mãe e o desejo na margem**.** *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, ano/vol. 10, n. 001, p.143-153.

Martínez-Plana, M. (2004). Entre velas y rosas: Algunas dimensiones del amor romántico. *Revista de Ciencias Sociales*, (13), 8-27. Acessado em 02 de setembro de 2010, de http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/pr/cis/rcs/13/Velas.pdf.

Martini, N. M. (2002). Los estudios de masculinidad. *Estudios Sociológicos,* México, v. XX, n. 003, p. 715-732. Disponível em http://redalyc.uaemex.mx.

Martini, N. M. (2002). Masculinidades: um concepto em construcción. *Nueva Antropología,* México, v. XVIII, n. 61, p. 11-30. Disponível em http://redalyc.uaemex.mx.

Martins, P. O. (2009). *Vivendo casamentos, separações e recasamentos:* um estudo sobre o campo representacional da conjugalidade. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória

Mazzieiro, J. B. (1998). Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos. São Paulo 1870/1920. *Rev. Bras. Hist.,* São Paulo, v. 18, n. 35. Acessado em 01 de setembro de 2008, de *http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000100012&lng=pt&nrm=iso*.

Medrado, B. & Lyra, J. (2009). Idade de/em risco ou modelo cultural ideal: nos labirintos da gestão da adolescência. In Cortez, M. B., Menandro, M. C. S., Souza, L. de & Trindade, Z. A. (Orgs.), *Juventude, masculinidade e risco* (pp. 39-62). Vitória: GM.

Menandro, M. C. S. (2004). *Gente Jovem reunida:* um estudo de representações sociais da adolescência/juventude a partir de textos jornalísticos (1968/1974 e 1996/2002). Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

Menandro, M. C. S., Nascimento, C. R. R. & Trindade, Z. A. (Orgs.). (2011). *Masculinidades e Práticas de Saúde*. Vitória: GM.

Menandro, M. C. S., Silva, R. D. M. & Trindade, Z. A. (2009). Representações sociais de masculinidade: hegemonia e possibilidades de ressignificação. In Cortez, M. B., Menandro, M. C. S., Souza, L. de & Trindade, Z. A. (Orgs.), *Juventude, masculinidade e risco* (pp. 277-297). Vitória: GM.

Miskolci, R. (2007). Pânicos morais e controle social–. *cadernos pagu*, *28*, 101-128.

Moscovici, S. (2001). Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In Jodelet, D. *As representações sociais.* (pp. 46-65). Rio de Janeiro: Eduerj.

Moscovici, S. (2004). O fenômeno das representações sociais. In Moscovici, S. *Representações Sociais*: investigações em psicologia social **(**2ª Ed) (pp. 29-110). Petrópolis: Vozes.

Nascimento, A. R. A. & Menandro, P. R. (2006). Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada. *Estudos e pesquisas em Psicologia,* Rio de Janeiro, v. 6, n. 2. Acessado em 02 de setembro de 2010, de *http://w3.ualg.pt/~lfaisca/SMAD03/Artigos/EPP_Nascimento_2006.pdf.*

Nascimento, A. R. A. & Trindade, Z. A. (2004). O homossexual e a homofobia na construção da masculinidade hegemônica. In Souza, L. de & Trindade, Z. A. (Orgs.), *Violência e exclusão*: convivendo com paradoxos. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Neves, A. S. A. (2007). As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? *Revista Estudos Feministas,* Rio de Janeiro, v.15, n. 003, p. 609-627. Disponível em: http://redalyc.uaemex.mx.

Nucci, M. F., & Russo, J. A. “O Sexo do Cérebro”: uma análise sobre gênero e ciência. *Brasil. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres*, *6*, 31-56.

Oliveira, M. J. (1997). *O lugar do travesti em Desterro*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Oliveira, D. C. D. (2008). Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização; Theme/category-based content analysis: a proposal for systematization. *Rev. enferm. UERJ*, *16*(4), 569-576.

Palmonari, A. & Cerrato, J. (2011). Representações Sociais e Psicologia social. In Almeida, A. D. O., Santos, M. D. F. D. S., & Trindade, Z. A. (Orgs.), *Teoria das Representações sociais*: 50 anos (pp. 305-334). Brasilia: Technopolitik.

Parker, R. (2002). Cambio de sexualidades: masculinidad y homosexualidad masculina en Brasil. *Alteridades*, *1*(23).

Pelúcio, L. (2005). Na noite nem todos os gatos são pardos. *Cadernos pagu*,*25*, 217-248.

Pelúcio, L. (2006). Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. *Estudos Feministas*,*14*(2), 522-534.

Pelúcio, L. (2007). “Eu me cuido, mona”: saúde, gênero e corporalidade entre travestis que se prostituem. *Seminário Homofobia, Identidades e Cidadania GLBTTT,* Florianópolis/SC.

Pelúcio, L. (2011). Travestis, a (re) construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. *Revista Anthropológicas*, *15*(1).

Pereira, C., Torres, A. R. R., & Almeida, S. T. (2003). Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. *Psicologia: reflexão e crítica*, *16*(1), 95-107.

Peres, W. S. (2005). Travestis brasileiras: construindo identidades cidadãs. *Movimentos Sociais, Educação e Sexualidades.* Rio de Janeiro: Garamond, 53-68.

Pérez, J. A., Moscovici, S., & Chulvi, B. (2002). Natura y cultura como principio de clasificacion social. Anclaje de representaciones sociales sobre minorias etnicas Nature and culture as principles for social classification. Anchorage of social representations on ethnical minorities. *Revista de Psicología Social*,*17*(1), 51-67.

Prado, M.A.M. & Machado, F.V. (2008). *Preconceitos contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade* (Preconceitos, v.5). São Paulo: Cortez.

Preciado, B. (2008). Testo Yonqui. España: Espasa.

Prins, B., & Meijer, I. C. (2002). Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista estudos feministas*, *10*(1), 155-167.

Reinert, M. (1990). Alceste, une methodologie d’analyse des donnees textuelles et une application: Aurelia de Gerard de Nerval. *Bulletin de Methodologie Sociologique*, *26*, 24-54.

Reyes, M. L. (2005). Hombres: Cuerpo, Género y Sexualidad. *Cuicuilco,* Distrito Federal, México, ano/vol. 12, n. 033, p. 173-202.

Reyes, M.L. (2004). Masculinidades Diversas. *Revista de estudios de gênero. La Ventana,* 20, 101-117.

Ribeiro, A. S. M. (2000). *Macho, Adulto, Branco, Sempre no comando?* Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

Ribeiro, A. S. M. (2005). *Os homossexuais em busca de visibilidade social*. Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

Rohden, F. (2008). O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos; The reign of hormones and the construction of gender differences. *Hist. ciênc. saúde-Manguinhos*, *15*(supl), 133-152.

Rouquette, M. L. (2005). As Representações Sociais no quadro geral do pensamento social. In Moreira, A. S. P. (Org.), *Perspectivas Teórico-Metodológicas em Representações Sociais* (pp. 189-201). João Pessoa: UFPB: Editora Universitária.

Sá, C. P. (1993). Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. Em M. J. Spink (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as Representações Sociais na perspectiva da Psicologia Social* (pp. 19-44). São Paulo: Brasiliense.

Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais.* Rio de Janeiro: EdUERJ.

Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais.* Rio de Janeiro: EdUERJ.

Saggese, G. (2009). *Quando o armário é aberto:* visibilidade e estratégias de manipulação no coming out de homens homossexuais. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Sangrador, J. L. (1993). Consideraciones psicosociales sobre el amor romántico. *Psicothema*, *5*(1), 181-196.

Santos, B. S. (2005). *Um discurso sobre as ciências* (3ª ed). São Paulo: Cortez.

Santos, M. de F. S., et al. (2011). Cuidar da Saúde é coisa de homem? In Trindade, Z. A., Menandro, M. C. S. & Nascimento, C. R. R.(Orgs.). *Masculinidades e práticas de saúde* (pp. 149-170). Vitória: GM.

Santos, M. F. S. Representação Social e Identidade. In Moreira, A. S. P.; Oliveira, D. C. (Orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social* (2ª ed.) (pp. 151-159)**.** Goiânia: AB Editora.

Sawaia, B. (Org.). (2004). *As artimanhas da exclusão*: análise psicossocial e ética da desigualdade social (5ª ed.). Petrópolis: Vozes.

Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise**.** Porto Alegre: UFRGS

Seidler, V. J. (2004). Los hombres y el valor de amar. *Revista de estúdios de género*. La ventana, número 020. México (impresso).

Silva, A. S. & Barboza, R. (2005). Diversidade sexual, gênero e exclusão social na produção da consciência política de travestis. *Athenea digital*, (8), 27-49.

Silva, H. R. S. (2007). *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco.

Silva, J. M. (2011). A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. *Geo UERJ*, *1*(18), 3-à.

Silva, L. A. V. da. (2009). Masculinidades transgressivas em práticas de barebacking. *Revista Estudos Feministas*, *17*(3), 675-699.

Sobrinho, M. D. (1998). "Habitus" e representações sociais: questões para o estudo das identidades coletivas. In Moreira, A. S. P. & Oliveira, D. C. (Orgs.). *Estudos interdisciplinares de Representações sociais* (pp. 117-139). Goiânia/GO: AB Editora.

Spink, M. J. (2003). Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In Guareschi, P. & Jovchelovitch, S. (Orgs.), *Textos em Representações Sociais* **(**8ª ed) (pp. 117-145). Petrópolis: Vozes.

Sugiyama, M. E. R. I., & Villanueva, J. G. (2009). Hombre joven: propuestas de una categoría para la investigación social. *Revista de Estudios de Género. La ventana*, (29), 67-108. Recuperado em 02 de setembro de 2010, de *http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=88411884005.*

Teixeira, F. D. B. (2008). L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser européia eo babado da prostituição. *Cadernos Pagu*, *31*, 275-308.

Toneli, Mª. J. F. & Adrião, K. G. (2005). Sexualidades Masculinas: Perspectivas teórico-metodológicas. In Grossi, M. P., et al. (Orgs.), *Movimentos Sociais, Educação e Sexualidades* (pp. 93-106). Rio de Janeiro: Garamond.

Toro-Alfonso, J. (2005). El estúdio de las homosexualidades: Revisión, retos éticos y metodológicos. *Revista de Ciencias Sociales,* Puerto Rico, n.14, p. 78-97. Acessado em 01 de setembro de 2010, de *http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/pr/cis/rcs/14/toro14.pdf*.

Toro-Alfonso, J. & Díaz, N.V. (2006). Masculinidades y homossexualidades: la emancipación de la norma y la resistencia del deseo. *Revista ciencias de la conducta,* n.21, pp. 169-192.

Trevisan, J. S. (2007). *Devassos no paraíso*: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade (7ª ed.). Rio de Janeiro: Record.

Triana, J. E. (2007). Diversidad sexual y exclusión. *Rev. colomb. bioét*,*2*(2).

Trindade, Z.A. (1998). Reflexão sobre o estatuto das práticas na teoria das representações sociais. *Anais do Simpósio Internacional sobre representações sociais: questões epistemológicas,* Natal, RN, Brasil.

Trindade, Z. A. (2005). Masculinidades, Práticas Educativas e Risco Social.*Simpósio Nacional de Psicologia Social e do Desenvolvimento e X Encontro Nacional PROCAD-Psicologia/CAPES: Violência e Desenvolvimento Humano. Textos Completos*, 123-127.

Trindade, Z. A. et al. (2007). Representações Sociais de Masculinidade e Risco na Adolescência e suas articulações com Contextos de Violência. In Zanotelli, C. L., Raizer, E. C. & Valadão, V. A. (Orgs.). *Violência e Contemporaneidade:* dimensões das pesquisas e impactos sociais (pp. 177-187). Vitória: Grafita.

Trindade, Z. A., Santos, M. F. S., & Almeida, A. M. O. (2011). Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. Em Z. A. Trindade, M. F. S. Santos & A. M. O. Almeida (Orgs.). *Teoria das Representações Sociais 50 anos* (pp. 101-121). Brasília: Thechnopolitik.

Vala, J. (1997). Representações Sociais – para uma psicologia social do pensamento social. In J. Vala & M.B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia Social* (pp. 351-384). Rio de Janeiro: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vale, M. A. de. (2000). O gênero do gênero: para uma teoria da masculinidade. In Vale, M. A. de, *Senhores de Si*: uma interpretação antropológica da masculinidade (2ª ed) (pp. 127-155). Lisboa: Fim de Século.

Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, 460-482.

Welzer-Lang, D. (2004). Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In Schpun, M. R. (Org.), *Masculinidades* (pp. 107-128). São Paulo: Biotempo Editorial.

Woolf, V. (1972). *Orlando*. Rio de Janeiro: Abril.

Yamada, L. T. (2009) *O horror e o grotesco na psicologia: A avaliação da psicopatia através da escala HARE PCL-R*. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, Brasil.

Ziga, I. (2009). *Devenir Perra.* España: UHF.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Roteiro de entrevista utilizado para coleta de dados do Estudo I

1) Fale-me de você.

2) Fale-me sobre sua vida.

Complete as frases a partir das seguintes afirmações:

3) Eu era...

4) Eu sou...

5) Eu pretendo ser...

7) Como – e em que momento – foi a transformação de seu corpo?

8) Como sente e vive um relacionamento?

9) Quais características procura numa pessoa ideal?

10) O que essa pessoa precisa ter para que se envolva num relacionamento?

11) Quanto tempo precisa para sentir que o relacionamento é sério?

12) O que, num relacionamento, as pessoas devem fazer juntas e o que não?

13) Num momento de conflito, quem do casal toma a iniciativa em resolver a situação?

14) Você considera que, numa relação, seu comportamento é mais masculino, mais feminino ou nenhum dos dois? Por quê?

APÊNDICE II

Ilustração da 1ª tematização realizada para análise dos conteúdos do

Ident.	Tema: Auto referência e atividades
E1	-eu gosto de Brenda, eu gosto de trabalhar... gosto muito do que eu faço, adoro. Acho assim, não é prazer pra qualquer um trabalhar com o que a gente gosta, então... adoro. -Saio, adoro balada. - Acho que assim, depois que a gente ocupa um lugar, tipo igual ao meu, eu já tô na sociedade, muita gente me conhece, me respeita pelo que eu sou, reconhece pelo meu trabalho, então assim, isso é gratificante pra gente. -Eu gosto de fazer muita coisa! (risos) ...eu gosto de dançar, eu gosto de sair com meus amigos, sair, cinema. - depois que eu decidi ser o que sou hoje, sou muito mais feliz, em questão de tudo até da minha família. - mas, elas ou tão aqui pelo meu trabalho, tem gente que tá aqui pelo trabalho mesmo, e tem gente que vem mesmo por gostar da gente, gostar do nosso trabalho e da gente, pelo que a gente é também. - Eu resolvo porque eu sou muito pacificadora, não tem jeito. Eu não gosto de briga. - eu acho que essa é a dificuldade das pessoas entenderem que a gente não tá aqui pra machucar ninguém. Eu não sou agressiva, não é de mim, que a maioria das pessoas que me conhece sabe. - Eu sou (ambiciosa), porque eu acho que... na vida a gente tem que ser. Porque querendo ou não o mundo gira em dinheiro, se você não tiver dinheiro, você não tem plano de saúde, você não tem uma comida boa dentro da sua casa, você não tem apartamento, você não tem uma boa casa, você não tem um bom nada.
E2	- Eu faço... eu não faço nada! Durmo o dia todo, a noite vou pra rua. - O que eu gosto mesmo muito é da banda que eu sou maestro regente da Banda do “Talmo” (escola) de Campo Grande. - Gosto muito. Tem 10 anos né que eu sou dela. Eu tocava, depois que toquei, sou regente. - Na época eu tocava surdo, aí depois fui pro pavilhão (?) e agora sou regente. - Hoje sou mais animada (ri), gosto de zuar, as bicha aqui elas fala quando eu não tô... que eu faço elas ri o tempo todo. - Nem sei como eu respondi porque sou vergonhoso pra caramba. (risos) Tenho uma vergonha do caramba (risos) Primeiro de falar... tava lá no cantinho escondido. - De primeiro, um ano mesmo atrás, chegava alguém eu já saia, até carro que parava. Aí, “bicha, como você quer fazer o programa se o carro para e você não vai. Você quer sair como?” Até brigava com eles.
E4	- Eu não tenho muito que falar de mim, que eu sou uma pessoa bem resolvida, entendeu. Tenho minhas dificuldades como todo mundo tem, mas a gente tira de letra. Só isso que eu tenho pra falar de mim. Não tem muita coisa. - Eu gosto de gastar dinheiro! (risos) Fazer compras. Amo. Adoro! Principalmente roupa, calçado, bolsa, óculos... Isso que eu gosto de fazer: de gastar. - Não quero depender de ninguém. É horrível. Melhor coisa que tem é você ter o seu dinheiro. E como eu te disse antes sou consumista compulsiva, viu? Eu não posso ver

	nada que eu quero comprar (risos). - Já comprei até aqueles cremes anti-idade porque eu morro de medo de envelhecer. Eu sou viciada em beleza, em estética, essas coisas. Toda hora eu me olho no espelho. Às vezes eu me olho no espelho e não acredito que eu tenho...não é querendo dar uma de gostosa, de boa não, mas assim eu me acho muito linda. Eu fico assim passada. Porque realmente eu sou muito linda. E eu adoro minha imagem. Adoro... - Parei a Assembleia, aonde eu vou eu paro tudo. Não ando vulgar. Não é aquela coisa que só porque é travesti coloca um shortinho, um topzinho, a barriga de fora, a popinha da bunda aparecendo. Eu não ando assim. Eu ando muito discreta. - Ai eu me sinto assim... lisonjeada sabe, sei lá, é questão assim, eu me sinto como se fosse uma celebridade sabe. Muito bom você passar na rua e saber que você chama atenção, que você é desejada pelos homens e isso me faz feliz.

APÊNDICE III

Ilustração da 2ª tematização realizada para análise dos conteúdos

PROSTITUIÇÃO – 14 DE 21		
Subtemas	Unidades de Registro	Nº de UR
Dinheiro, caráter (escolha)	Tem a ver com ganância. (E1) Nunca me vendi, então, é, vai do caráter da pessoa, da criação, da índole dela.(E1) antes eu trabalhava. Ai só foi eu sair do emprego, eu vim visitar os colegas, ai vi. Eu vi elas fazendo. Ai um dia um cara me chamou eu também fui, achei bem assim: "Dinheiro fácil. Muito fácil". Ai eu fui, mas não é. (E2) Então, pra mim não deixar a levar minha vida por outro caminho de droga, isso e aquilo, eu preferi levar esse caminho entendeu, que foi o caminho mais rápido e uma forma onde eu conseguiria, entendeu, investir em mim mesmo, na minha vida. Foi isso que me levou a isso, entendeu.(E3) Hoje em dia se olhar na minha carteira e ver que minha carteira tá vazia, eu não consigo, rapidamente já tomo um banho, passo um rímel e um *blush,* ponho um salto alto e vou pra rua porque é lá que eu vou conseguir rechear minha carteira. E isso te faz ficar acomodada, é como eu disse, é questão de sobrevivência.(E4) Sei que é passageiro, mas enquanto der pra fazer não pretendo sair porque eu ganho muito bem.(E4) Normal! Eu falo: "Ah meu amor, você quer? É tanto, vamos?" Se tiver o dinheiro tem se não tiver, não tem. (Risos) É bom né? (risos) Aumenta a conta bancária! (risos) O negócio é depositar todo dia... uns 500 mil reais por dia na sua conta? Tem coisa melhor? Quando você vai tirar o extrato bancário é satisfatório ver seu dinheirinho lá na sua conta. Ai você já não se sente tão assim...(E4) É tirar o máximo de dinheiro que eu puder deles, eu dou o que eles querem, mas eles têm que me retribuir, e o que eu quero é o dinheiro. Eu não quero homem. Homem eu já tenho meu namorado, que é a pessoa que eu amo. O resto? Eu vejo neles, eu não olho homens, eu vejo cifrões, eu vejo notas de dinheiro, extratos bancários quando eu olho prá eles, é isso.(E4) Você sabe que você tá fazendo aquilo por dinheiro, por necessidade.(E7) Eu decidi essa vida também porque eu gosto do que eu faço.(E7) Mas, nós estamos querendo passar, eu, Brenda e Josi que uma travesti, sabendo ter postura, se vestindo bem, falar bem, não tem necessidade de se vulgarizar em beira de pista, vender seu corpo. Pode sim arrumar um trabalho, pode sim correr atrás dos seus objetivo, não tem necessidade, mas a maioria vai porque gosta, não vai porque precisa, porque passa necessidade não! Vai porque gosta de ir mesmo entendeu. Então se todos soubessem correr atrás, saber o seu lugar, se vestir bem, se comportar bem, correr atrás, hoje em dia, não tinha travesti na rua, todas teriam emprego, teriam trabalho. Então a maioria vai por safadeza, porque gosta mesmo.(E17) -... nunca precisei de me prostituir, sempre tive um trabalho digno, hoje em dia eu agradeço por tá aqui no Ricardo e não depender de outros meios pra tá ganhando dinheiro. As clientes aceitam aqui normalmente, porque muito difícil encontrar um salão que tenha uma travesti, que tenha uma trans, alguma coisa assim. Mas... o bom que eu vim pra cá que eu não precisei me prostituir.(E17) (CONTRADIÇÃO ENTRE SCOLHA E DESTINO)	1 2 URS
Perigo da prostituição	Não, é muita coisa que a gente passa. Pode ver, todas bicha que faz programa já teve o tal do doze. (E2) - Doze. Tenta matar a gente. Uns leva a gente não paga. Quando eles vê que é assim igual eu, cata que é vergonhoso... já faz a máfia e não paga. (E2) - Eu mesmo tem três vezes já tentaram me matar, mas sempre eu saio graças à Deus. (E2) - Não um, tem um tempo um me levou ali em Vila Capixaba, ai tá, fiz programa com ele, daqui a pouco ele pega a tesoura, coloca no meu pescoço e falou que se eu reagisse ele ia segurar. Mas como eu já tava com a mão no bolso com a faquinha de serra, eu fui e passei no braço dele, ele soltou a tesoura, eu corri. (tempo.	1 0 URS

	Falas paralelas) Aí eu corri e consegui. O outro a mesma coisa, eu pulei do carro em movimento. (E2) Hoje? Ah, eu tô aqui levando essa vida de prostituição entendeu. Não é uma vida fácil, é uma vida cheia de perigo entendeu, você não sabe o que você pode encontrar pela frente.(E7) Ó, não é vida... Não acho que é vida. Você tá aqui, você pode ta correndo risco de tudo quanto e coisa, você deita embaixo de um homem que você não queira entendeu.(E7) Olha, minha vida... né fácil não. Mas só que eu levo ela tranquilo, peço muito à Deus proteção quando eu estou aqui. Para que Deus me proteja e proteja a gente né. Porque a gente não sabe o que vai acontecer no dia a dia que a gente tá aqui.(E10) - Perigoso...é! Mas só que a gente precisa, a gente tem que trabalhar né.(E10) Eu trabalho aqui sozinha, com muita maldade de bicha, maldade de viado, maldade de cliente. Só não é de vizinho porque ele me respeita, tem medo de mim porque eu falei a verdade pra ele.(E21) - Não, porque agora, porque antigamente eu pedia pra travar que era muita ruindade, agora eu trabalho com anúncio né e eu peguei tá liberada, não pode nem olhar de lado pra ninguém, nem fazer pergunta pra ninguém, morreu Maria. Voltando ao assunto de mudar de lugar pra trabalhar, porque no meu caso, meu tipo já tá cansado, meu local pra eles já ta cansado, tem que ser carne nova. Eu tenho objetivo. Dois objetivos: conseguir meus móveis todos e agora meu carro.(E21)	

APÊNDICE IV

QUESTIONÁRIO

N°:____

Dados do sujeito:

Idade: _____ Escolaridade: _____

Profissão/ocupação:

_____

Você se identifica em alguma das categorias abaixo relacionadas?

( ) Gays ( ) Travestis ( ) Bissexuais ( ) Transexuais ( ) Heterossexuais

1.Escreva, explicando com suas palavras, o que é um **HOMEM**?

_____

_____

_____

_____

_____

2. De acordo com a resposta acima, liste as características por ordem de importância.

_____

_____

_____

3. Das características que você listou, escolha aquela que considera a mais relevante/ importante num **homem,** justificando sua resposta.

4. Escreva, explicando com suas palavras, o que é uma **MULHER**?

5. De acordo com a resposta acima, liste as características por ordem de importância.

6. Das características que você listou, escolha aquela que considera a mais relevante/importante numa **mulher**, justificando sua resposta.

7. Para você, o que diferencia um homem de uma mulher?

8. Em sua opinião, como os homens vivem o amor?

_____
_____
_____
_____

9. Em sua opinião, como as mulheres vivem o amor?

_____
_____
_____
_____

10. Em sua opinião, como os homens vivem o sexo?

_____
_____
_____
_____

11. Em sua opinião, como as mulheres vivem o sexo?

_____
_____
_____
_____
_____

12. Responda as afirmativas abaixo com **V** para verdadeiro ou **F** para falso.

a) É da natureza do homem trair. ( )

b) Homem precisa de quantidade, enquanto a mulher, de qualidade. ( )

c) Homem gosta de sexo ousado e por isso mesmo adquire, muitas vezes, comportamentos de risco. ( )

d) Numa relação sexual, sou sempre passiva(o). ( )

e) Numa relação sexual, sou sempre ativa (o). ( )

f) Numa relação sexual posso ser tanto passiva (o) quanto ativa (o). ( )

g) É natural que o homem seja mais violento que a mulher. ( )

h) Não existe “um só tipo” de homem, pois, por exemplo, existem os mais agressivos e também homens mais femininos. ( )

i) Homem e mulher são seres bem diferentes. ( )

13.Leia a história abaixo e escreva a solução da situação do ponto de vista do homem.

Um homem e uma mulher namoram há dois anos. Eles pensam em ficar noivos, mas ultimamente a jovem tem ficado bastante insatisfeita com o comportamento do seu namorado. Todas

as quartas-feiras ele sai para a balada com os amigos. É um programa de homem e a mulher não deve estar presente. Acontece que, de acordo com ela, os amigos do seu namorado são bastante mulherengos, deixando-a insegura quanto às atitudes que seu futuro noivo possa vir a ter na rua. Já ele, diz que também precisa de liberdade no relacionamento. Esse fato tem gerado inúmeras brigas entre o casal.

_____

_____

_____

_____

_____

_____

14. Agora diga como a mulher resolveria esta mesma situação.

_____

_____

_____

_____

15. Você já sofreu preconceito e discriminação por causa de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero?

( ) Sim ( ) Não

Descreva como você se sentiu como reagiu, qual foi o desfecho da situação.

_____

_____

_____

_____

_____

16. Para finalizar, considera que o desfecho da situação descrita acima foi satisfatório para você? Por quê?

_____

_____

_____

_____